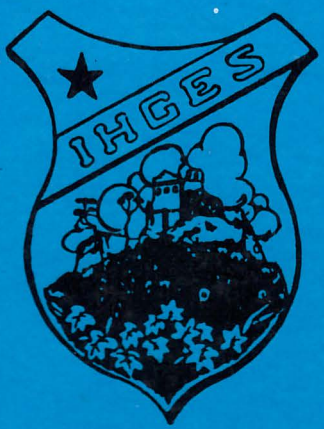
# REVISTA

DO

# INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO

DO

# ESPÍRITO SANTO




VITÓRIA

Estado do Espírito Santo

ANO 1996 Nº 46

# INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DO ESPÍRITO SANTO

## DIRETORIA - 1993/1996

Presidente:
**Ormando de Moraes**

1º Vice-Presidente:
**Miguel Depes Tallon**

2º Vice-Presidente:
**Léa Brígida de Alvarenga Rosa**

3º Vice-Presidente:
**José Higino de Oliveira**

4º Vice-Presidente:
**José Paulo de Souza Filho**

Secretário Geral:
**José Garajau da Silva**

Secretário Adjunto:
**Victor Biasutti**

Tesoureiro Geral:
**João Bonino Moreira**

Tesoureiro Adjunto:
**Paulo Stuck Moraes**

Orador:
**José Garajau da Silva**

Vice-Oradores:
**Aylton Rocha Bermudes e Neida Lucia de Moraes**

Encarregados da Revista:
**Marien Calixte e**
**Miguel Depes Tallon**
**Renato Pacheco**

Grandes Conselheiros com status de presidentes de honra:
**Adelpho Poli Monjardim, Carlos Teixeira de Campos e Renato José Costa Pacheco**

Este número de nossa Revista está sendo editado com apoio financeiro da Prefeitura Municipal de Vitória, em virtude de convênio assinado entre as partes.

Distribuição gratuita às Escolas do Município de Vitória.

Pedidos à Caixa Postal nº 1561 - Vitória - ES - 29.000

# REVISTA

DO

# INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO

DO

# ESPÍRITO SANTO

VITÓRIA

Estado do Espírito Santo

**ANO** 1996 **Nº** 46

# Índice


***Opinião***

Vida longa para o passado - Paulo Hartung. . . . . 09

***Conferências***

Evolução Urbana de Vitória - Christiano Woelffel Fraga . . . 15

Tricentenário de Zumbi dos Palmares - Joaquim Beato . . . 29

O capixaba - uma pré-visão antropológica - Renato Pacheco . . . . . 35

Maria Ortiz a heroína capixaba - Irysson da Silva . . . . . 45

***Estudos e Ensaios***

José Marti: sua importância no cenário cultural latino-americano - Ester Abreu Vieira de Oliveira . . . 59

Allan Kardec - José Higino de Oliveira (Taneco) . . . . . 65

Os Tormentos de Prudente - João Bonino Moreira . . . . . 69

Do Discurso Histórico - Miguel Depes Tallon. . . . . 79

Três Ilhas - Domingos Gomes de Azevedo ..... 101

***Crônicas***

Lembranças de Nova Almeida - Aylton Rocha Bermudes ..... 107

Flor do Vento - Berredo de Menezes ..... 113

Ai de ti, Cachoeiro! - Maria Helena Hees Alves ..... 119

Sardos da Ilha da Sardenha ou Sardos do Reino da Sardenha: Eis a questão - Luiz Carlos Biasutti .... 121

La ultima mirada - José Paulino ..... 123

Gente de Cachoeiro (e o orador que não falou) Ormando Moraes ..... 129

***A Poesia é necessária***

Vitória - Ribeiro Couto ..... 133

A Embaixada que vai para o mar - Newton Braga ..... 135

# Opinião

# Vida longa para o passado

Paulo Hartung *

Novas cores vão colorir cenários de Centro da cidade. Amarelo, rosa, verde, azul, laranja, cinza e ocre darão vida nova ao Porto de Vitória. Os tons da revalorização cobrirão a palidez dos 16 mil $m^2$ de fachadas dos cinco armazéns e três prédios construídos nos anos 40. A Codesa adotará, nos próximos dias, a proposta da Companhia de Desenvolvimento de Vitória (CDV) para revitalizar o Porto.

Além de simbolizar energia e vigor para o Porto de Vitória, o colorido que inundará a orla vai marcar uma nova etapa da Revitalização do Centro: o envolvimento efetivo da sociedade no projeto. E isso não é pouca coisa.

Mobilizar a sociedade para a preservação de patrimônios arquitetônicos é uma revolução como aquela que colocou a ecologia nas discussões populares, transformando-a numa preocupação de todos e não apenas de especialistas. O investimento de recursos na recuperação e preservação do passado só acontece a partir da conscientização do valor que a história tem para a construção de uma sociedade melhor.

Na medida em que a restauração e a preservação da história deixam de ser ações exclusivas do Poder Público e de alguns poucos e passam a ser compartilhadas com a sociedade, consolida-se, irreversivelmente, o processo de revitalização. É uma Vitória.

O Porto é a primeira parada dessa nova caminhada. Estamos convidando proprietários de 26 imóveis de valor histórico, de um total de 266 já cadastrados, para vir ao gabinete do prefeito, quando apresentaremos uma proposta de restauração dos imóveis.

Até chegar a esse importantíssimo momento, a revitalização do Centro cumpriu uma história de mais de 10 anos, período em que o Poder

* *Prefeito de Vitória*

Público teve de alavancar o processo e provar a sua importância. Tempo em que a sociedade ensaiou uma incipiente participação com a restauração de prédios de bancos e algumas lojas, mas continuou a cobrir a história com o alumínio dos letreiros.

A origem da revitalização é a lei 3.158/84, que implementou o Plano Diretor Urbano em Vitória. Com ela, definiram-se os padrões de classificação dos imóveis históricos e criou-se a insenção do IPTU para quem restaura e preserva tais construções.

Entre 1986 e 1987, professores e alunos do curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Espírito Santo elaboraram os estudos iniciais para a efetivação do programa. De 1989 a 1992, realizaram-se as primeiras obras, entre elas, a restauração do prédio da Escola de Arte Fafi e do viaduto Caramuru.

Elegemos a revitalização do Centro como um dos projetos prioritários de governo. Uma revitalização que contemplasse, além do aspecto cultural, os fatores afetivos, sociais e econômicos da região, com o envolvimento da sociedade e melhorias na qualidade de vida. Os estudos do arquiteto e professor da USP Nestor Goulart vieram fundamentar cientificamente o trabalho.

Instituímos, com a reformulação do PDU em 1994, um novo mecanismo de fomento à preservação de imóveis no Centro: o incentivo construtivo. Com ele, permite-se a edificação, em determinadas regiões da cidade, de área equivalente à diferença entre o total que é permitido edificar no terreno, se esse estivesse vazio, e o que já está construído e se quer preservar. Por exemplo, o proprietário de um terreno com potencial construtivo de 1.500 m2 de área onde localiza-se um imóvel histórico de 500 m2 poderá edificar em outra região o saldo de 1.000 m2, assim como vender esse direito a terceiros.

Recuperamos todas as escadarias históricas da cidade, entre elas, Bárbara Lindenberg (do Palácio), Maria Ortiz e São Diogo. A Carlos Messina está sendo restaurada. Reconstruímos a Praça da Catedral e remodelamos a Rua Sete. Iluminamos o Penedo e prédios como o Teatro Carlos Gomes, a Catedral de Vitória, a Igreja Presbiteriana e o Convento São Francisco. Restauramos a Igreja São Gonçalo e o prédio da Escola São Vicente de Paulo. Em parceria com a CST e a CVRD, efetivamos a manutenção do Parque da Gruta da Onça e do Parque Moscoso. A restauração da Igreja do Rosário está em fase final.

Num caminho inverso ao da maioria, estamos levando para o Centro repartições públicas: a Casa do Cidadão foi instalada num charmoso sobrado da avenida Cel. Monjardim e a sede da Secretaria Municipal de

Cultura e Turismo instala-se, em breve, no segundo pavimento do Mercado da Capixaba, que está em restauração.

A criação do Projeto Via Fafi, shows musicais gratuitos às sextas-feiras, duas vezes ao mês, e as atividades culturais e artísticas da Escola de Arte também contribuem para a revitalização do Centro.

Começa nos próximos dias a restauração da Praça Oito e do seu relógio, que terá a configuração original e voltará a tocar músicas. Serão reformadas as praças Getúlio Vargas e Misael Pena. Estão sendo elaboradas os projetos para instalação do Centro de Memória de Vitória e da Biblioteca Municipal Adelpho Poli Monjardim num antigo prédio da Duque de Caxias.

A implantação da Polícia Interativa, a potencialização e ampliação da iluminação pública, a construção de abrigos de ônibus, a execução de drenagem, a pavimentação asfáltica de ruas, a contenção de encostas e a instalação de lixeiras, entre outras realizações, fizeram-se dentro da nova e ampla proposta de revitalização do Centro. A ação social, que visa, entre outros, à retirada de crianças e adolescentes das ruas e o atendimento a migrantes e mendigos, também contribui para revigorar o Centro.

Berço de Vitória, o Centro - onde está a Capela de Santa Luzia, um imóvel construído antes mesmo da fundação da cidade - recebeu, no passado, altíssimos investimentos em infra-estrutura e não pode ser inutilizado pelo descaso, no presente.

Com a inclusão no conceito de revitalização dos aspectos sociais, afetivos e econômicos, além do histórico/cultural; a criação de novo incentivo; e o incremento nas obras de restauração, estamos envolvendo a sociedade e os empresários no processo.

Essa conquista é um marco para a perpetuação de nossa memória. É a garantia da preservação da história que desfila com belas imagens nos cenários de nossa fascinante e querida quatrocentona ilha. É promessa de vida longa a um passado, que, pelo encanto intrínseco, deve ser eternizado.

# Conferências

# Evolução Urbana de Vitória

Christiano Woelffel Fraga

O nascimento e o desenvolvimento de uma cidade são sempre o resultado de circunstâncias diversas que determinam a sua localização, as suas características urbana e a sua finalidade. Ora os fatores são religiosos, como Fátima, em Portugal, Lourdes, na França, Santiago de Campostela, na Espanha e Aparecida do Norte em São Paulo; ora são fatores climáticos, como as estações de inverno ou de veraneio; ora fatores políticos ou econômicos, como inúmeras delas espalhadas pelo mundo; ora fatores outros.

Como um organismo vivo a cidade está sempre em constantes transformações e os seus logradouros e a sua arquitetura e o seu desenvolvimento estão sempre se modificando, em permanente relação de causa e efeito com esses fatores.

Com Vitória não foi diferente.

A sua localização geográfica, mais ou menos no meio das cinquenta léguas de costa da Capitania, já estava definida quando o Vasco Fernandes Coutinho fundeara a nau Glorya na prainha de Vila Velha. Entretanto, o sítio onde fora fundada a primeira vila em pouco se mostrara inadequado, particularmente devido aos ataques dos índios. Assim, pouco depois, a ilha de Santo Antônio, antes doada a Duarte de Lemos, pareceu o local de eleição: localizada à margem do canal, com um relevo apropriado, água em abundância e densas florestas em suas encostas.

O trecho da orla marítima, então ocupado ia, mais ou menos, da Rua General Osório até o Forte de São João; a área entre a Rua General Osório e o morro da Santa Casa era um grande mangal, com um braço de mar, indo até o sopé do Convento de São Francisco, onde existiu o Cais de São Francisco; o local onde hoje se localiza a Praça Costa Pereira era um baixio pantanoso; e a partir do Forte de São João se estendia um imenso mangal

que abrangia Jucutuquara, a Ilha de Santa Maria, o Bairro de Lourdes, Bento Ferreira, Suá e Santa Lúcia.

Foi nesse cenário que em 1549, ou pouco antes, foi fundada a nova sede da Capitania.

Não é difícil se imaginar o que teria sido aquele primeiro núcleo urbano.

No alto da encosta ficaram o centro administrativo e religioso; deste, em direção ao mar, surgiram os acessos, adaptados aos declives do terreno; acompanhando a orla marítima, um caminho, que interligava todos os outros que vinham do alto e no qual foram instalados os primeiros embarcadouros e as primeiras casas comerciais; as residências se distribuiram segundo as conveniências. Estava lançado o sistema urbano básico, que perduraria por séculos.

Não sabemos como eram essas primeiras casas, como elas se dispunham e nem como eram a sede do Governo, a Cadeia, o primeiro templo e as demais instalações indispensáveis ao funcionamento da nova vila.

O que podemos dizer é que em 1551 o jesuíta Afonso Brás funda o Colégio de Santiago e em 1552, quando da visita de Tomé de Souza, já existia levantada uma grande casa para o Colégio e a Igreja. A imponente Igreja, que seria mais tarde a Capela Nacional, fora iniciada em 1573. Em 1591 tem início o Convento de São Francisco. Com a construção, no século XVII, da Igreja do Rosário e da Igreja de São Gonçalo, ficaram definidos os pontos característicos da cidade e do seu entorno.

A cidade pouco se modificou nos séculos XVI, XVII e XVIII. Segundo Serafim Derenzi "no século XVII a vila de Vitória é ainda uma aldeia construída de casas taipa, cujas casas são cobertas de sapé ou palhas de pindoba". De importante no período, além da descoberta das minas e das grandes obras religiosas, destaca-se o fato de Vitória ter sido transformada em cidade fortificada para defendê-la das incursões de navegadores e proteger de aventureiros ou do contrabando.

Desse modo, foram construídas as fortalezas de São Francisco Xavier, a de São João, a de Nossa Senhora do Monte do Carmo e mais os fortins de São Maurício e de São Diogo. O porto ficou fechado à navegação exterior e foi proibida a penetração nos sertões bem como a abertura de estradas. E mais, em 1704 chegaram ordens da Bahia para "que se recolhesse a Vitória toda a gente que se encontrasse nas lavras e que se evitasse "com todo aperto" excurcionasse alguém àquelas regiões". Durante esses séculos a Capitania ficara isolada. Os nossos portos, as nossas matas e a nossa gente foram transformados em mero anteparo das minas gerais que, por sinal, estavam dentro dos limites originais da Capitania do Espírito Santo. Uma perfeita prisão domiciliar; uma grande tragédia.

Antiga Ladeira Maria Ortiz - 1924

Construcção do Mercado de Victoria, vendo-se um trecho da muralha da Avenida Beira-Mar

Hoje entende-se do porque ainda no século XIX as referências ao Espírito Santo eram tão desabonadoras. Francisco Manoel da Cunha, em ofício enviado ao Conde Linhares, em 1811, registrava que "a Capitania do Espírito Santo, antigamente tão florescente pelo comércio direto com a Europa e África, perdeu o seu brilhantismo"; "A agricultura está ali paralizada"; "daqui nasce a comiseração daquele pais, de tal sorte que, arruinando-se qualquer prédio, jamais o reedificam". As lisonjeiras impressões do Padre Antônio Pires, em 1551, de que o Espírito Santo era a terra mais abastada e melhor de toda a costa ou aquela do Padre Manoel da Nóbrega, em 1560, de que "esta Capitania se tem por a melhor cousa do Brasil depois do Rio de Janeiro", de há muito ficaram para trás. Já não éramos mais o traço de união entre a Bahia e o Rio de Janeiro, quando as comunicações eram feitas apenas por mar, pelo contrário, éramos um estorvo, que, se possível, deveria até ser riscado do mapa.

Pode-se ver. Desde logo, que a trajetória de nossa capital fora, violentamente, truncada. Com essa política da Coroa, Vitória ficara condenada à estagnação e ao isolamento por mais de 200 anos. Na história da cidade pode-se considerar esse período como um vazio.

Segundo observou José Teixeira de Oliveira, no século XVIII "os habitantes de Vitória eram pobres; não existe informação a respeito de festas, de vida social. Nada que se destaque da mesmice de uma vida paupérrima manietada pela absurda legislação que impedia o contato tonificante com as minas".

Desde a sua implantação, em meados dos século XVI e ao longo do século XVII, apesar da estagnação a que fora condenada e da decadência devida ao abandono da Capitania, por parte dos Donatários, Vitória, mesmo assim, pouco a pouco, foi sedimentando a sua configuração urbana que, com poucas modificações, manteve até o fim do século XIX, quando, em linhas gerais, a cidade era assim constituída: na Cidade Alta, em um extremo, o imponente edifício do antigo Colégio dos Jesuítas, como sede do Governo e no outro a Igreja-Matriz Nossa Senhora da Vitória, em estilo colonial. Entre ambos a Igreja e Largo da Misericórdia, a Capela de Santa Luzia, a Rua e Largo de Santa Luzia, a Praça Afonso Brás, o Convento de São Francisco, a Igreja de São Gonçalo, a Rua das Flores, a Rua Domingos Martins e a Rua da Assembléia. Em direção à parte baixa a Rua do Egito, a Rua do Fogo, a Ladeira da Várzea, a Ladeira da Pedra (depois Rua de São Diogo), a Ladeira do Colégio, a Ladeira da Misericórdia, a Rua da Praia (antiga Rua do Ouvidor) e a Ladeira do Pelourinho. Na parte baixa destacavam-se a Rua da Lapa, o Cais de São Francisco, a Rua do Porto dos Padres, o Porto dos Padres, a Rua Direita, o Cais do Azambuja, o Cais

Grande, o Cais do Santíssimo, o Cais do Batalha, a Praça da Igrejinha ou Largo da Conceição, os Pelames, a Rua da Capelinha, a Rua da Várzea, a Rua dos Piolhos, a Rua do Carmo, a Rua dos Pescadores e outras.

Seguindo a tradição portuguesa, as ruas e praças tinham suas designações ligadas ao acidente topográfico, à igreja, ao edifício ou a algum morador. Até o século XVIII as ruas eram sem calçamento, estreitas, tortuosas e escorregadias.

Só no último quartel do século XVIII, com o fim do ciclo do ouro e da vinda da Família Real, em 1808, novas perspectivas surgiram. Vitória retomaria o seu curso.

Segundo carta dirigida a el-rei o Ouvidor-Geral da comarca, Dr. Mateus Nunes de Macedo (1746), em Vitória "não há cadeia, nem Casa da Câmara, por terem caido de todo e não cuidarem os meus antecessores na sua reedificação, em tempo mais suave, se bem que a falta de meios seria então a causa, pois a Câmara não tem rendimento algum e por esse motivo, não tem alcaide por não haver dinheiro para se lhe pagar o seu ordenado, como não se paga o escrivão da mesma Câmara".

De positivo naquele século nada há a registrar além da construção da Casa da Câmara, do asseio dos templos e da vinda de muitos casais de colonos da Bahia. A cidade, isolada das outras províncias, havia ficado estagnada e pobre.

Com o fim do ciclo do ouro no final do século XVIII e a chegada da Família Real, em 1808, novas perspectivas surgiram. Vitória, em pouco, começaria a ressurgir da indolência, da pobreza e do atraso a que fora condenada.

Com efeito, em 1800 o Princípe Regente D. João, ao nomear o primeiro Governador da Província, assim justificou o seu ato: "Tendo-me devido um particular cuidado o reanimar a quase extinta Capitania do Espírito Santo, confiada até agora a ignorantes e pouco zelosos capitães-mores... fui servido nomear um homem de conhecidas luzes e préstimo na pessoa do capitão-de-fragata Antônio Pires da Silva Pontes... para realizar a execução dos grandes planos de que o encarreguei... que tem por objeto: Primeiro - Abrir uma mais fácil comunicação com a Capitania de Minas Gerais, de que hã de seguir-se vantagens incalculáveis; Segundo - Ampliar e conservar as preciosas matas da Capitania do Espírito Santo; Terceiro - ...".

Os primeiros sinais dos novos tempos não se fizeram esperar: em 1810 o Espírito Santo liberta-se do Governo da Bahia; com a vinda do Governador Francisco Alberto Rubim da Fonseca e Sá Pereira, em 1812, os portos foram abertos para o comércio exterior e nesse mesmo ano teve

início o fluxo imigratório com a vinda de açoreanos para os sertões de Santo Agostinho, hoje Viana; iniciou-se a Estrada Vitória-Vila Rica, também conhecida como Estrada do Rubim ou Estrada de São Pedro de Alcântara e em 1820 chegava a Vitória a primeira boiada. Em Vitória Rubim desentulhou ruas e praias e fez grandes desaterros para a construção de praças. "A cidade fora aformoseada na sua arquitetura".

No século XIX as casas já eram de tijolos, dispostas lado a lado, sendo, em grande parte, assobradadas, tendo o pavimento superior destinado a residência e o térreo a comércio ou outros fins. Algumas delas apresentavam janelas envidraçadas e varandas fabricadas na Europa. O abastecimento de água era feito por meio de chafarizes, sendo os mais conhecidos os da Fonte Grande, o de Santa Luzia, o da Lapa e o da Capixaba. A iluminação pública era feita por meio de lampiões a óleo de mamona, passando, mais tarde, a querozene e a gás.

Talvez por isso, em 1816, ao Princípe Maximiliano de Neuwied, Vitória, apesar de lhe parecer uma cidade "um tanto morta", era "um lugar bonito e limpo, com bons edifícios construídos no velho estilo português com balcões e rótulas de madeira". Sant-Hilaire, pouco depois e registra que "as ruas são calçadas, porém o são mal; têm pouca largura, não oferecendo nenhuma regularidade; a Vila não tem cais; ora as casas se extendem até a baía, ora se vê na praia terreno sem construção, que tem sido reservado para o embarque de mercadorias; não possui nenhuma praça pública posto que aquela existente defronte ao palácio é muito pequena e é com muita condescendência que se dá o nome de praça à encruzilhada enlameada..."; em meados do século o Aspirante-a-oficial Eduardo Wilbeforce, da corveta inglesa Geyser, viu "a maior parte dos prédios pequenos e sujos; algumas ruas eram imundas, parecendo a cidade estar em decadência; a grande praça defronte ao Palácio do Governo era um capinzal, grãos e legumes; não há logradouros público, nem campo em que descasem as reses que se destinem ao talho"; o Presidente Manoel da Silva Pontes, em 1833, declarou que "As comodidades a que os homens reunidos têm direito não passam nesta cidade da casa de açougue, da banca do peixe e de dois chafarizes. Faltam-lhe casas para o mercado de farinha talho, nem curral do Conselho; faltam aos vizinhos e forasteiros casas de pasto, estalagens e cavalariças, nem há prados que deem herva para cavalo de argola". Era, realmente, um quadro desolador, mas compreensível: vivia Vitória um período de transição, após longo tempo de isolamento.

O início das grandes transformações que se aproximavam foi marcado na segunda metade pela troca de nomes de muitos logradouros: a

Rua da Caridade passou para Rua do Ocidente; a Rua do Oriente para Rua Barão de Itapemirim; a Rua da Assembléia para Rua Moniz Freire; o Largo da Misericórdia para Praça João Clímaco, a Ladeira do Colégio, para Escadaria do Palácio; a Rua do Colégio para Rua da Imprensa. Em 1871 a Rua da Capelinha passou para Rua Coronel Monjardim; a Rua do Carmo para Rua Dr. Azambuja Meirelles; a Rua das Flores para Rua Dionísio Resendo; a Rua de São Diogo para Rua Coronel Couto Teixeira; a Rua do Queimado para Avenida Schmidt. Em 1872 a Rua do Porto dos Padres passou para Rua General Osório; a Rua do Ouvidor para Rua da Praia, depois Rua Duque de Caxias; a Rua do Fogo para Rua Caramuru; a Rua da Alfândega para Rua Conde D'Eu; a Rua do Sacramento para Rua 2 de Dezembro; a Rua do Largo da Misericórdia para Rua Afonso Brás; a Praça Municipal para Praça Pedro Palácios; a Rua da Várzea para Rua 7 de Setembro; a Ladeira da Várzea para Rua Professor Baltazar; a Rua de Santa Luzia para Rua Grande, hoje José Marcelino; a Rua dos Pescadores para Rua Cristóvão Colombo; o Cais Municipal para Cais do Imperador; a Rua do Egito para Rua Francisco Araújo e o Cais Grande para Praça 8 de Setembro.

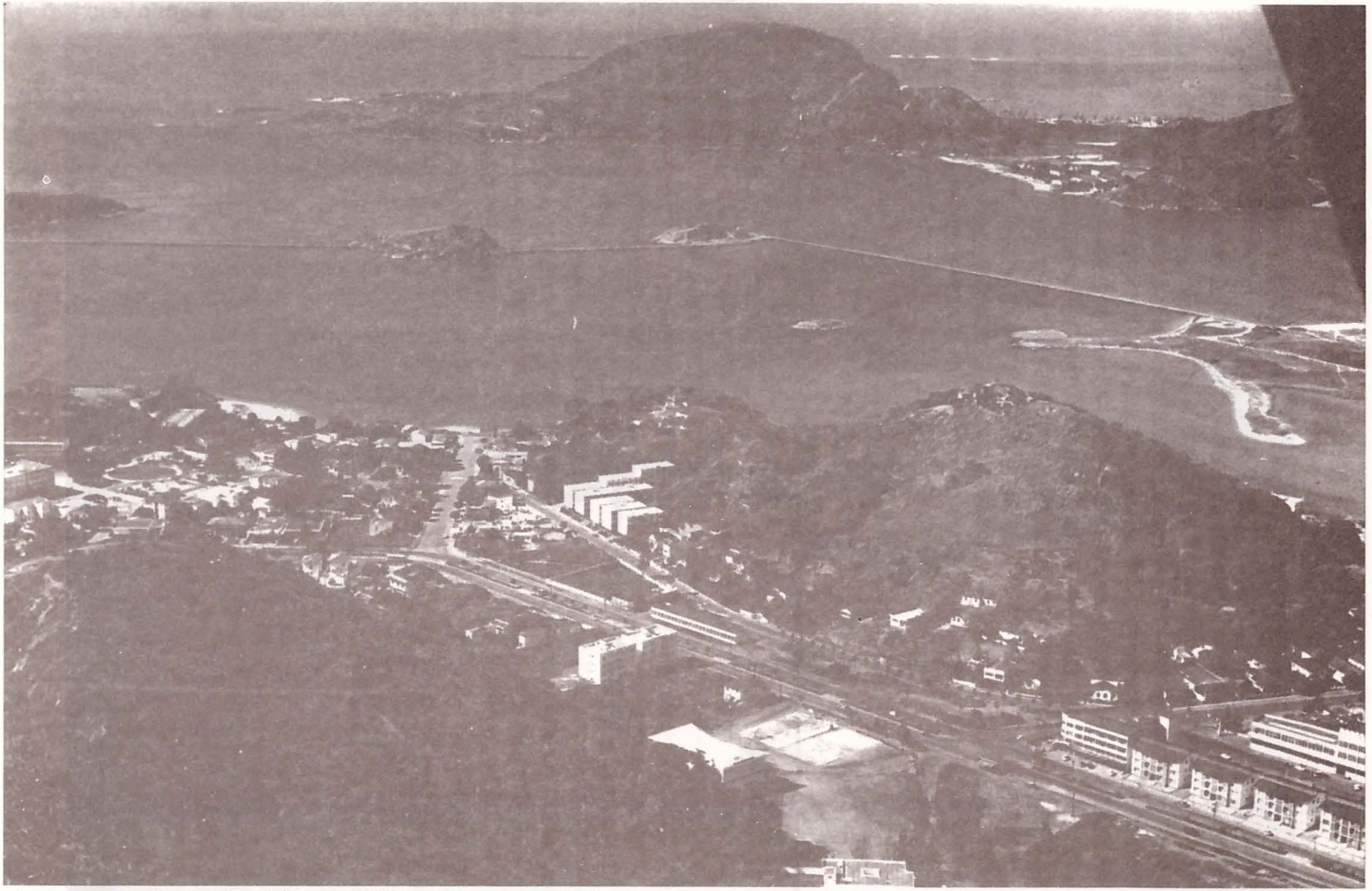
Só no final do século a estrutura urbana de Vitória começaria a ir se adequando às grandes transformações que, a partir de então, iriam se dar, como consequência do aumento da produção de café e com os frutos da Revolução Industrial que, mesmo com atraso, já chegavam até nós. Entrariamos no século XX com a imensa herança do século anterior: novas idéias e avanços tecnológicos, o Iluminismo, o Positivismo, os ideais da Revolução Francesca, o marxismo, a emergência da classe operária, a renovação das artes e das letras, a luz elétrica, o telefone e o telégrafo, a máquina a vapor e a imprensa.

O século XIX havia sido marcado por grandes acontecimentos no Brasil: começou como Colônia, passou a Vice-Reinado, Império e República; o trabalho escravo havia sido abolido e a Guerra do Paraguai terminada.

Em meio a tudo isso Vitória não ficou indiferente. À medida que a produção do café caminhava para o seu fastígio, nas primeiras décadas de nosso século, a cidade começou a ir se adaptando à nova conjuntura.

Assim em 1874 inaugurava-se o telégrafo; na última década é demolida a Igreja da Conceição para dar lugar à Praça da Independência e à construção do Teatro Melpômene: é projetado o Novo Arrabalde por Saturnino de Brito, abrangendo Bento Ferreira, Santa Lúcia e toda a região da Praia; inaugurada a estrada de ferro entre Vitória e Viana e melhorado o porto; em 1900 já havia estação dos correios e telégrafos, Congresso, Côrte de Justiça, Biblioteca Pública, dois jornais e dois clubes; e, em 1904 inaugura-se o serviço de bondes puxados a burros.

Local onde se acha, hoje, a sede dos Correios e o Hotel Sagres



Suá e Praia de Santa Helena - 1970

O século XX chegara.

Nas três primeiras décadas, em pleno fastígio do café, profundos melhoramentos urbanos foram executados na Capital, dentre eles a introdução dos serviços de água e esgotos, os bondes elétricos, o aterro do Campinho, o Governo, a construção do Hospital da Santa Casa de Misericórdia, a demolição da Igreja da Misericórdia para dar lugar à Assembléia Legislativa, a abertura de novas ruas, inclusive a retificação e alargamento das Ruas Cristóvão Colombo e Jerônimo Monteiro, com o rebaixamento da Rua Primeiro de março e ligação com a Rua do Comércio; é inaugurada a monumental Ponte Florentino Avidos, em 1928. Essas obras deram à cidade um novo visual. Logo em seguida houve uma febre de construções à Avenida da Capixaba, à Avenida da República (antiga Rua da Vala), à Rua Thiers Veloso, à Rua Presidente Pedreira e outras ruas da cidade. O Teatro Melpômene é demolido para dar lugar ao Teatro Carlos Gomes. O seguimento da Avenida da Capixaba, Rua Jerônimo Monteiro e Rua do Comércio passou a se constituir na principal artéria da cidade; o que era fundos da Rua Duque de Caxias passou a ser frente no novo eixo urbano. Pouco mais tarde surgiram o cais do porto e os armazéns.

Discretamente, em fins dos anos 20 chegou até nós o concreto armado, responsável pela nova edilícia. Não sei qual teria sido o primeiro edifício a ser construído nessa nova técnica nem qual teria sido o seu introdutor. Mas, dentre os indivíduos arquitetônicos surgidos podemos mencionar alguns que até hoje marcam presença no visual urbano ou, pelo menos, se constituem em marcos de um período. Quase todos apresentavam em suas fachadas características do ecletismo novecentista. Aí estão o Edifício Glória, o Edifício Antenor Guimarães (nosso primeiro "arranha-céu"), a sede dos Correios e Telégrafos, o Edifício Navegação, o Hotel Sagres, o Estádio Governador Bley, o correr de edifícios que vai do Edifício Buaiz, até à Avenida da República, o Edifício Eloy Chaves e mais alguns outros de menor porte. Com exceção da sede dos Correios e Telégrafos e do Estádio Governador Bley, todos os outros são, hoje, edifícios obsoletos, em grande parte devido às deficiências dos equipamentos para transporte vertical e da inadequação das plantas aos programas atuais.

A partir da década de 50, começaram a chegar os automóveis e o transporte coletivo; e com eles os grandes edifícios comerciais e residenciais. Os primeiros ocupando, cada vez mais, as ruas e os segundos aumentando, cada vez mais, a concentração urbana. Aquela pequena Vitória que, por muito tempo, vivera em torno da Praça Oito e das Ruas Jerônimo Monteiro e Avenida da Capixaba, aquela Vitória dos bondes,

pouco a pouco foi se transformando.

Surgiu a Esplanada Capixaba; a Avenida Vitória fora alargada; aterrado o trecho entre a Esplanada Capixaba e Bento Ferreira, dando lugar à Avenida Mascarenhas de Moraes; construídas a segunda e a terceira pontes e a estação rodoviária; desapareceram os bondes e o bairro de Camburi começou a ser povoado. Após a criação da Cia. Vale do Rio Doce, anos antes, a perspectiva de grandes empreendimentos a serem efetuados em Vitória, tais como o porto de Tubarão e a Companhia Siderúrgica de Tubarão, e mais a erradicação de 200 milhões de pés de café, os mangues, as encostas dos morros e os bairros mais próximos das cidades vizinhas começaram a ser ocupados por significativas correntes migratórias vindas do interior do Estado e de outros Estados. A cidade transbordou e a Vitória-ilha passou a ser a Grande Vitória.

Desde então vem ela crescendo e se modificando celeremente. Ninguém poderia imaginar que fôssemos encerrar o século, presenciando a decadência do centro da cidade.

Os grandes prédios de escritórios e os de apartamentos, os estabelecimentos comerciais, consultórios, clínicas, bancos, restaurantes, casas de entretenimento, etc. pouco a pouco foram abandonando o centro, em um crescendo cada vez maior até atingir os dias de hoje, quando os bairros da zona leste já até mudaram as suas destinações primitivas e as áreas conquistadas ao mar se enchem de novos empreendimentos.

Com isto o centro da cidade estagnou. Com raríssimas exceções, há anos, quase nada se constrói nele; o congestionamento do trânsito, a falta de estacionamento, a insegurança, a violência urbana, a delinquência e motivos outros selaram a sua sorte. Tudo isto aconteceu quase que ao mesmo tempo. Vários órgãos representativos o deixaram ou o estão deixando, dentre eles a Prefeitura Municipal, a Assembléia Legislativa, o Tribunal de Justiça, a Secretária de Educação e Cultura, a Imprensa Oficial, o Tribunal de Contas e o Corpo de Bombeiros. Os centros comerciais ou shopping center passaram a dar o tom da nova vida urbana.

Com tristeza presenciamos como o centro de Vitória ficou: obsoleto, desfigurado e perigoso; locais como o Parque Moscoso e outros transformados em zona de prostituição, uso e tráfico de drogas, homosexuais, assaltantes e marginais outros.

Hoje fala-se muito em revitalização. Seria maravilhoso se tal se desse. Mas, parece difícil uma alteração no curso evolutivo da cidade. Na dinâmica das transformações urbanas não há retorno. A cidade foi desfigurada e o tempo não anda para trás. O centro terá que ser repensado à semelhança do que aconteceu no Rio de Janeiro, há 50 ou 60 anos atrás,

quando novo agenciamento fora feito, destacando tradicionais monumentos como o Convento de Santo Antônio e os Arcos da Lapa. O grande desenvolvimento a leste e a oeste exigirá transformações a fim de adaptá-lo às novas exigências. É de se prever, por exemplo, um elevado sobre a Avenida Beira-Mar e Avenida Governador Bley, indo do Forte São João até as imediações da Rodoviária; Vitória poderá se transformar em grande centro de peregrinação quando a sede do Poder Executivo se transferir para outro local. Temos no Estado a cela em que morreu o Padre José de Anchieta, talvez o futuro primeiro Santo do Brasil, e o seu túmulo, este conservado sem qualquer destaque nos fundos do Palácio. As grossas paredes originais do antigo templo ainda lá estão. A recuperação do seu espaço arquitetônico e da antiga fachada é perfeitamente viável: o túmulo voltaria a ficar em uma cripta sob o altar e as valiosíssimas imagens de São Francisco e de Santo Inácio, que estão na Igreja de São Gonçalo, poderiam retornar à sua casa original. Não havendo como reconstituir o interior da Igreja, pode-se transformá-la em uma basílica e o resto do Palácio em um grande museu. Com muito menos surgiram Aparecida do Norte, em São Paulo, Fátima, em Portugal, Lourdes na França e outros centros por este mundo afora. Poder-se-ia até citar o fenômeno das romarias ao túmulo do Padre Cícero.

Ainda dentro do mesmo raciocínio outra medida, um tanto utópica, seria uma nova sistematização de toda a Cidade Alta, removendo para outro local o Hospital dos Funcionários. Formar-se-ia um imponente conjunto urbano, tendo em um extremo a Catedral, no outro o Palácio e entre eles a Capela de Santa Luzia, o Palácio Maçônico, o Forum, a Igreja de São Gonçalo e amplos espalos abertos capazes de abrigar grandes multidões.

Agora, em 1995, no limiar do século XXI, Vitória está, novamente, diante de iminentes e grandes transformações. Após séculos de marginalização, após termos sido vítimas, em várias ocasiões, de prejudiciais discriminações, tudo indica que, finalmente, o Espírito Santo tenha chegado a um ponto irreversível da sua vocação portuária, comercial e industrial. O Corredor de Exportação drenará para aqui a produção do Brasil Central, da Bolívia, Peru e Chile. Para tanto já temos um complexo portuário de grandes proporções; cuida-se da expansão dos portos de Tubarão e de Praia Mole e da Companhia Siderúrgica de Tubarão; o aproveitamento da bacia do Aribiri está em fase de implantação; gigantescas obras de infra-estrutura foram efetivadas où estão em andamento na periferia de Vitória; grandes projetos para importação e montagem de automóveis e outros empreendimentos de porte estão sendo cogitados.

Em 1605, a cidade tinha 700 habitantes. Hoje a Grande Vitória conta com mais de um milhão de habitantes.

No momento cabe apenas indagar:

Quais serão as novas e complexas implicações urbanas?

De que maneira se comportará a cidade?

Como seremos no século XXI?

# Tricentenário de Zumbi dos Palmares

Joaquim Beato *

*"É mínima a porcentagem de negros nas profissões liberais e eles estão praticamente ausentes nas estatísticas referentes a empresários e proprietários e proprietários de terra, de qualquer ordem de grandeza."*

Desde 1981, os negros brasileiros têm o que Micênio Santos chamou de "uma data símbolo". Trata-se do dia 20 de novembro, o "Dia da Consciência Negra Nacional", celebrado em memória da morte de Zumbi dos Palmares, que uma de suas herdeiras se orgulha em proclamar "gênio militar e estadista, símbolo da resistência à opressão." Este ano, completam-se os trezentos anos de sua morte, mas Zumbi está cada vez mais vivo na memória dos afro-brasileiros, porque sua grandeza e heroísmo os ajudam a sacudir dos ombros o peso das representações coletivas infamantes, dos estereótipos raciais negativos sobre o negro, que têm abundante e variada expressão nas diferentes formas de manifestação da cultura brasileira. Nem mesmo uma fonte hostil, contemporânea dele, pôde deixar de reconhecê-lo: "Negro de singular valor, grande ânimo e constância rara; este é o espectador dos mais, porque a sua indústria, juízo e fortaleza aos nossos servem de embaraço, aos seus de exemplo." Por isso, sua memória faz que seus herdeiros levantem a cabeça e estufem o peito, cheios de ufania.

Há alguns anos, presente a uma sessão solene da Câmara Municipal de São Paulo, promovida como um ato "de solidariedade para com as nações africanas em sua luta pela liberdade, independência e igualdade de

* *É pastor, filósofo, sociólogo e professor aposentado da UFES e foi senador da república.*

direitos", tive oportunidade de ouvir um legítimo e competente porta-voz do Itamarati dizer que, em sua política internacional, o Brasil tem de assumir, e assume, uma posição anticolonialista e anti-racista, por estes três motivos:

1 - "somos país de vocação universalista";

2 - "somos país em desenvolvimento" e temos, portanto, causa comum com os países africanos, isto é, "o objetivo de estabelecer... um sistema mundial de relações econômicas que não consolide posições de privilegio, mas que sirva aos objetivos da equidade econômica";

3 - por causa da "herança étnico-cultural recebida do continente africano". Legado que "constitui elemento fundamental na formação do homem brasileiro e cuja força se faz presente em todos os contornos da nossa personalidade".

Na prática, infelizmente, essa teoria choca-se contra fatos gritantes. O próprio Ministério do Exterior não tem vagas para negros e implementa toda a sua política no continente africano pela instrumentalidade exclusiva de diplomatas brancos. Em contraste com isso, os Estados Unidos designam diplomatas negros para postos, inclusive, em países da Escandinávia. então e sete anos depois da abolição da escravatura, quantos negros temos (e tivemos) no Congresso, considerando que 45% da população brasileira são descendentes de africanos? Não há negros na hierarquia superior das Forças Armadas. É mínima a porcentagem de negros nas profissões liberais e eles estão praticamente ausentes nas estatísticas referentes a empresários e proprietários de terra, de qualquer ordem de grandeza. Ainda há espaços públicos e privados que lhes são vedados. Nos meios de comunicação de massa e nas universidades, como docentes, sua presença é ainda meramente simbólica. Como usuários do sistema educacional, seu número, já proporcionalmente pequeno, em nível do segundo grau, torna-se mínimo, na universidade. Em contraste com isso, o trabalho braçal urbano é feito maciçamente por negros - dos roqueiros às empregadas domésticas. As favelas são habitadas majoritariamente por negros. Negros são, na sua quase totalidade, as crianças e adolescentes em situação de risco. Os cidadãos mais numerosamente violentados pela polícia são negros. Enfim, quem está por baixo em comparação com todos os demais grupos étnicos em nossa sociedade são os afro-brasileiros. Não conseguiram ainda igualdade de oportunidade no mercado de trabalho, na educação, na

moradia, na saúde, nem no tratamento recebido nos serviços públicos ou privados em que o atendimento seja individual. Por quê? Uma das razões, sem dúvida, são os estereótipos que, na cultura brasileira, lhes atribuem valores negativos, alimentadores e estimuladores do racismo e da discriminação racial contra eles.

Ditos populares como: "Negro é como gato - tem sete fôlegos"; e: "Negro não tem dó da pele" parecem referir-se, de maneira positiva, à sua resistência física, longevidade e capacidade para serviços pesados. Mas, na realidade, retratam-no, se bem analisados, como um bom animal de carga. Idéia não muito diferente da que as professoras passavam à gente, no meu tempo de curso primário. Como o índio não aceitava facilmente a escravidão, recorreu-se ao africano, que era de temperamento mais dócil, mais acomodado e submisso e, fisicamente, mais resistente. Esse discurso, hoje dá para perceber, contém dois sofismas, pelos menos: (1) refere-se ao negro no passado - "era...", ignorando a presença maciça dos negros no espaço geográfico e social da nação; (2) esquece, de propósito, as várias formas que tomava a resistência do negro à escravidão: **o banzo**, apatia, melancolia, tristeza que levava à morte, causa de prejuízo financeiro para o traficante; **o suicídio** deliberado, atirando-se o escravo ao mar, apesar da constante vigilância dos negreiros, ou engolindo a própria língua, para morrer de asfixia; **o aborto** provocado, com que a escrava se negava a gerar filhos para a escravidão. Se considerarmos essas como formas de resistência passiva, outras havia de resistência ativa: **a fuga**, apesar da grande dificuldade de sobrevivência do fugitivo, que podia resultar na integração num quilombo; **ações de rebeldia**, por parte de escravos ou grupos de escravos fugitivos: (i) a revolta organizada; (ii) a insurreição armada; (iii) os quilombos, resultados das fugas para o mato; desses se organiza a guerrilha ou até mesmo algum quilombola se transformava em bandoleiro. Do século XVI ao século XIX, registram-se ataques de escravos a casas grandes, vilas, postos de polícia; incêndios, libertação de escravos, raptos, destruição de colheitas, roubos de gado; **os assassínios**, praticados principalmente contra os feitores e os senhores, com uso, em muitos casos, de veneno. Diz, com razão, Décio Freitas: "Nenhuma categoria social lutou de forma mais veemente e consequente contra a escravidão do que a dos próprios escravos." Enforcamento, degola, chibata, tronco, golilha e tantas outras formas de tortura e morte demonstram que o negro nunca **aceitou** a escravidão; ela lhe foi **imposta** e **mantida** a ferro e fogo, para o que os senhores contaram sempre com o apoio do Estado e dos interesses internacionais. Karl Marx disse: "Um negro é um negro. Apenas dentro de determinadas condições ele se torna um

escravo. "(!) E Clóvis Moura define: "Mas, ao mesmo tempo, foi o quilombola, o negro fugido, nas suas variadas formas de comportamento, isto é, o **escravo que se negava**, que se transformou em uma das forças que dinamizaram a passagem de uma forma de trabalho para a outra, ou, em outras palavras, a passagem da escravidão para o trabalho livre."

Esse é o escravo "contribuinte ativo no processo histórico". Houve, sim, o escravo dócil, conservador do regime, passivo. Esse é o que tem a sua história contada pela historiografia oficial e reproduzida nos livros didáticos. Esse é maioria. Impossível seria não ser assim, diante do poder sem limites, de vida e de morte, do senhor sobre o escravo. De todas as torturas inventadas para castigar o negro. Do mundo distante e estranho onde foi jogado, cortadas todas as suas raízes. Ter havido as diferentes formas de resistência desesperada contra a escravidão, essa foi a mais eloquente a formação da profunda e indestrutível humanidade do homem negro.

Assim foi Zumbi dos Palmares. O quilombo nasceu em 1595. Com a desorganização da colônia pelas guerras holandesas em 1630, dá-se o seu crescimento populacional. Nesse mesmo período, são rechaçadas duas expedições militares oficiais. Segue-se um período de relativa calmaria, quando, de 1631 a 1654, são enviadas são quatro expedições contra Palmares. No período seguinte, de 1655 a 1694, enfrentam os palmarinos 31 expedições militares do governo. Em 1680, com a morte de Ganga Zumba, Zumbi assume a liderança do quilombo. Além de Macaco, centro político e administrativo, e Subupira, campo de treinamento militar, nove cidadelas maiores, além de outras menores, compunham o quilombo. A população de Macaco, que tinha 1.500 casas, era de umas 8.000 pessoas; e a população total, entre 20 e 30 mil, representava mais de 15% dos habitantes do país. Era majoritariamente negra, mas havia também índios, mamelucos, mulatos e brancos - soldados desertores, marginalizados e lavradores expulsos das terras. A propriedade da terra era coletiva, assim como a semeadura, a colheita e os produtos agrícolas. Plantavam milho, mandioca, feijão, batata doce, cana-de-açúcar e banana. Cultivavam todo tipo de árvores frutíferas. Da pindoba fabricavam o óleo para iluminação; de sua amêndoa tiravam óleo para cozinhar e vinho para as festas. Mas não havia somente agricultores entre a população; havia também artesãos, guerreiros e funcionários. As hierarquias de poder compreendiam a administração, a justiça e a militar. Era uma sociedade alternativa, com uma organização política, social e econômica própria, sob a liderança de Zumbi, bem diferente da sociedade colonial.

Desde 1687, tinham sido iniciados os entendimentos para chamar

os paulistas, sob comando de Domingos Jorge Velho, para dar combate a Palmares. Só em 1692, porém, depois de um segundo convite, os paulistas vieram e estabeleceram um arraial em Palmares. Mas os negros, tomando de assalto o arraial, forçaram a retirada deles, ficando Jorge Velho isolado, com mais cinco homens. Mas os palmarinos foram forçados a retroceder por um paulista que veio em socorro do comandante. Em 1693, um novo governador assumiu o governo de Pernambuco e decide dar prioridade à destruição de Palmares. Conseguiu quadros militares da Paraíba, Rio Grande do Norte, Bahia e Maranhão, que, juntos com os seus, totalizaram 8.300 homens, que foram colocados sob o comando geral de Domingos Jorge Velho. Foi a mais numerosa força militar na história da colônia, até então. Para comparação, basta lembrar que os holandeses haviam conquistado Pernambuco com 7.000 homens. Serve também para testemunhar o respeito dos portugueses, por aquele "capitão" Zumbi e suas forças. Depois de derrotá-lo, o governador, na carta enviada ao rei de Portugal, escreve:

"Não me pareceu dilatar a Vossa Majestade a notícia da gloriosa restauração dos Palmares, cuja feliz vitória se não avalia por menos que a expulsão dos holandeses, e assim foi festejada por todos estes povos..."

Nesse meio tempo, os palmarinos tinham fortificado o cume da serra da Barriga, e ficaram protegidos por um forte sistema defensivo. Em vista da resistência dos negros, Domingos Jorge Velho pede o envio de canhões. Diante da chegada desses reforços, os dirigentes palmarinos resolvem abandonar o quilombo. Mas a retirada foi percebida e resultou num imenso massacre: 500 deles presos, 200 mortos e 200 rolaram para o abismo. Mas Zumbi havia conseguido fugir. Preso, porém, um de seus lagres-tenentes, e prometida a ele a liberdade, após lhe aplicarem várias torturas, acabou aceitando delatar Zumbi. Poucas pessoas conheciam o líder pessoalmente. Por isso era necessária a ajuda de alguém que pudesse identificá-lo. Conduzido até a serra Dois Irmãos, onde ele havia se escondido com apenas 20 companheiros, Antônio Soares caminhou em sua direção, esfaqueou-o, dando, assim, o sinal para o ataque de surpresa. Citando um documento de 18 de agosto de 1696, diz Clóvis Moura: "Assim mesmo pelejou "valerosa ou desesperadamente" matando um homem e ferindo alguns, sendo em seguida assassinado com seus companheiros." Era 20 de novembro de 1695.

Razão tinha de sobra Teotônio Vilela quando disse, numa entrevista a Henfil, em março de 1983:

"...Aquilo era uma estirpe de guerreiros. Acredito que o Zumbi venha de uma linhagem de guerreiros que soube manter uma população avantajada, para o Brasil colonial, uma população em estado de beligerância,

durante nove décadas. Tinha que ser alguém com vocação para a guerra, vocação para a liderança, vocação para a organização. Enfim, um líder. E um líder convencido de sua missão, a missão de restaurar a dignidade da raça negra... É uma história muito bonita esta, sabe? Uma história que espera grandes escritores, grandes cineastas e, principalmente, grandes atitudes por parte dos negros herdeiros de Zumbi".

# O capixaba - uma pré-visão antropológica *

Renato Pacheco

Para estudarmos o capixaba, em seus aspectos culturais, é preciso, preliminarmente, definir a palavra.

Recorremos à lição do Professor Elpídio Pimentel ("De quinzena em quinzena", **Vida Capixaba**, 12/09/1926) quando lembra "No meu entender, que aliás carece de competência, o tupinismo capixaba significa por extensão, na língua portuguesa:

- lavrador, agricultor. Suas raízes etimológicas são estas ca (mato) pi (pele) cha (eu) e Hab (torcer) ou, mais fora do rigor lexicogênico: arranco a pele do mato, limpo o terreno, capino. O sítio, portanto, onde se levantaram as primeiras lavouras de milho e feijão na ilha da Vila Nova, pouco depois de Vitória - atual metrópole do Estado - limpo pelos colonos e bugres mansos, sob a vista vigilante dos jesuítas, era chamado, no idioma dos selvícolas, capixaba, nome que permaneceu com esse lugar, onde à primitivas seares sucederam casebres de palha os quais, vencendo o rigor dos anos, e reformando-se, são hoje edifícios modernos e grandiosos, que aformoseiam uma das partes mais importantes da Vitória de nossos dias. O termo tupi, por fácil metalepse, estendeu-se da causa possuída ao possuidor e perdida a noção primitiva (terra lavrada ou lavrador) de etimologia, encorporou-se à classe dos substantivos gentílicos brasileiros, sem o menor desdouro para nós, em quem ele se aplica".

Assim, do significado inicial de roça para nomear todos os habitantes do Espírito Santo foi uma questão de tempo.

** Palestra pronunciada no Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo, no dia 20/09/95.*

Mas quem são os habitantes do Espírito Santo?

Quando os portugueses aqui chegaram encontraram índios, tupiniquins e goitacazes, da língua geral tupi, no litoral, puris a sudoeste e botocudos ao norte (e Sul da Bahia, nas então capitanias de Ilhéus e Porto Seguro).

Pelo extermínio, catequese ou miscegenação os portugueses causaram tremendo desequílibrio nas populações nativas. Os que sobreviveram foram aculturados, transformando-se nos maratimbas de nossas praias.

Ainda os portugueses aqui trouxeram africanos, principalmente bantos, com os quais também houve intercasamentos, surgindo daí uma população mestiça, mulata e parda.

Segundo Sérgio Buarque de Holanda (Raízes do Brasil 3ª ed. Rio, 1956, p. 145) "O litoral do Espírito Santo, o "Vilão farto" de Vasco Fernandes Coutinho, assim como a zona sul-bahiana, das antigas Capitanias de Ilhéus e Porto Seguro, permaneceram quase esquecidas dos portugueses, só porque justamente nessas regiões eles tinham encontrados grandes claros na dispersão dos tupi, que não chegaram a desalojar os primeiros habitantes do lugar. Handelman chegou a dizer em sua História do Brasil que excetuado o Alto Amazonas era essa a zona mais escassamente povoada de todo o Império, e espantava-se de que, após trezentos anos de colonização, ainda houvesse uma região tão selvagem, tão pobremente cultivada, entre a baía de Todos os Santos e a baía do Rio de Janeiro. No Espírito Santo, para manterem os raros centros povoados promoveram os portugueses migrações artificiais de índios da costa que os defendessem contra as razias dos outros gentios. E só no século XIX graças ao zelo beneditino de Guido Tomaz Marliére foi iniciada a catequese dos que se presume serem os últimos descendentes dos ferozes aimoré das margens do Rio Doce, em outros tempos o flagelo dos colonos".

Foi por isto que Capistrano de Abreu (**Caminhos antigos e povoamento do Brasil**, 4ª edição, Rio, Civilização Brasileira/Mec, p. 25) teve oportunidade de dizer "eliminamos também o território entre o sul da Bahia de Todos os Santos e a Capitania de Santo Amaro. Por todo ele se estendia mata grossa e enredadas que vedavam passagem. A via única de penetração somava-se em rios encachoeirados, que era possível vencer e foram fato vencidos: Sebastião Tourinho, Adorno, Azevedo atestam-no (...) Ilhéus, Porto Seguro e Espírito Santo, parte de São Vicente e Santa Amaro pouco diferiam em 1801 do que foram em 1601".

No século XIX, o Governo Imperial, objetivando dar moradores às montanhas centrais da Província, para aqui encaminhou imigrantes europeus, os quais, exceto uns pouco seguiam a religião oficial Católica Apostólica Romana: austríacos, luxemburgueses, suíços, holandeses, italianos (predominantemente do Vêneto e do Trento) e alemães, de diversa procedência, especialmente pomeranos.

Com esse material humano, inicia-se, em meados do século passado, a formação do tipo brasileiro que denominamos "capixaba", o qual até 1960 viveu, predominantemente, na zona rural, com fraca densidade demográfica.

São dados populacionais colhidos aqui e ali:

1749 - 2.480 habitantes (Robert Southey)

1817 - 24.585 habitantes (Francisco Alberto Rubim)

1852 - 60.702 habitantes (Relatório Costa Pereira)

1872 - 82.137 habitantes (Censo)

1900 - 209.783 habitantes (Censo)

1920 - 457.328 habitantes (Censo)

1940 - 750.107 habitantes (Censo)

2000 - 3.000.000 habitantes (Estimativa).

Nessa época, no sul do Estado formaram-se grandes fazendas de café, com excedentes populacionais fluminenses e mineiros, assim como criaram-se núcleos urbanos que prestavam serviços à zona rural. As fazendas se exauriram por volta de 1900/1920, donde seu parcelamento (na região do Alto Castelo), ou sua transformação em pastagem. Nas regiões montanhosas do centro formaram-se pequenas propriedades unifamiliares, que se dedicaram, também, ao plantio do café, e, posteriormente, de hortifrutigrangeiros. O norte do Estado manteve-se intocado até meados do século XX, quando, com muita rapidez foi ocupado pela terceira geração dos imigrantes europeus da zona central, mineiros e bahianos. Nele os madeireiros iniciaram a destruição das matas retirando as espécies

de maior valor. Os posseiros terminaram, em curto prazo, a destruição com queimadas, em extensas áreas. Ainda vi, com espanto, em 1957, em Mucurici Montanha queimadas de até 200ha para transformação direta do solo em pasto, sem lavoura intermediária alguma.

## 1 - Revisão da literatura

Entre as tentativas de caracterizar o "capixaba" a mais antiga, ao que sabemos, é a do jurista e professor Kosciuslo Barbosa Leão no seu livro **A visão da miséria através da polícia - socialismo - cooperatismo**, Rio, Adersen, s/d. A página 7 de sua obra ele chama o capixaba de capitania, um homem localizado, fora de civilização contemporânea. "É um pensamento isolado ao fundo da sociedade, sem contato com ela, desenvolvendo-se numa atividade silenciosa, alheio, indiferente, avesso não raro aos movimentos do progresso. É, no presente, uma como projeção sombria da família colonial. Um passadista que vive para o culto da tradição. Numa palavra - um resíduo da antiga Capitania".

E, conclui, descrevendo-o, fisicamente como tardo no andar, com horror ao mundanismo, detesta o automóvel, é oposicionista por sistema, nativista, independente.

O cronista José Carlos Oliveira (in "Nós, os capixabas) Enciclopédia Bloch, fev. 1968, p. 97) dá de nós mesmos outra visão, considerando o capixaba tímido, galhofeiro, romântico, sentimental mesmo, e modesto. Vê também nossa gente como generosa, gulosa e hospitaleira. "Com uma velocidade espantosa se torna íntimo dos forasteiros". O povo "gosta de falar mal da vida alheia". A mulher capixaba, na visão do cronista, é "meiga, dócil, extremamente feminina. Com sangue índio, italiano, negro e árabe, a mulher capixaba é geralmente morena, de olhos castanhos, pálida é a sua cútis, fina a sua cintura e bem desenhadas as suas pernas". No fundo, conclui o cronista "nós temos inveja de Minas Gerais e ciúme do Rio de Janeiro".

Já para o folclorista Hermôgenes Lima Fonseca ("O capixaba" in **A Gazeta** de 27/04/1985) o capixaba é antes de tudo um crítico, um gozador, um satírico, e não é qualquer artista que consegue arrancar algum aplausos nossos. "o cabra deve ser bom".

O professor Carlos Bússula ("Alguns aspectos da cultura dos descendentes dos imigrantes italianos no Estado do Espírito Santo" **in A**

**presença italiana no Brasil,** vol. II, Porto Alegre e Torino, EST/FGA, 1990) através de uma série de pesquisas, durante nove anos, considera o capixaba um europeu que muitas vezes se expressa através dos valores de outras culturas, criando "um comportamento novo, que é típico dele, um comportamento capixaba, que se diferencia do mineiro, do bahiano e do sulista". Entre outras características arrola, como principal, o espírito comunitário, do qual o mutirão é virtude e a fofoca e a falta de segredo são defeitos. Além disso há a felicidade de viver, a democracia, acentuado misticismo, unidos à despreocupação com o futuro que resulta em falta de planejamento e previdência".

Já para o jornalista Flávio Sarlo ("Devagar, quase parando" **in A Tribuna**, 03/08/1990) o capixaba é um povo que perde por esperar. De tanto cultivar certos hábitos, acaba se atrasando sem perceber. Este jeito bonachão de viver pode ser observado nas filas do pedágio da terceira ponte ou até mesmo dentro dos coletivos - muitos passageiros só passam pela roleta no momento de saltar. É o capixaba lento, tranquilo em demasia, desleixado.

Posição diametralmente oposta vem de ser adotada, mais recentemente, pelo economista e professor da Universidade Federal do Espírito Santo, Alain Heracovici ("Não existe identidade capixaba" **in A Gazeta**, 06/11/1994). Diz o professor francês radicando entre nós: "não sou especialista mas parece que o Espírito Santo é um Estado que começa a se desenvolver economicamente. Pela história, não tem referenciais específicos como o Rio e a Bahia. Mesmo assim, seu desenvolvimento econômico implica a necessidade da criação de uma identidade cultural, uma imagem cultural do Espírito Santo. É preciso, então, criar o mais rápido possível essa identidade cultural, entre aspas. E isso é típico da relação que existe entre o desenvolvimento econômico e a construção de uma imagem imediática. Mas parece que não se está conseguindo".

## 2 - Comentário à literatura examinada

Como se vê da literatura resenhada são vagos e contraditórias as opiniões sobre o capixaba.

Barbosa Leão o considera avesso ao mundo ocidental e ao progresso, vítima do isolamento geográfico, arcaico, tipicamente um homem pré-industrial. Note-se que esta opinião foi expendida na década de 30.

Já para Carlinhos Oliveira temos no capixaba um tímido porém galhofeiro, romântico e sentimental, modesto, generoso, guloso, hospitaleiro.

Búsula vai mais fundo na questão e o define como um europeu, com comportamento típico, diferente de seus vizinhos.

Sarlo ressalta a falta de pressa, no que concorda com Leão.

A sua vez Hercovici assume posição mais radical: não tem identidade cultural o capixaba.

Assim, o resultado que se obtém pela exame bibliográfico não é conclusivo.

Isto nos leva à necessidade de uma nova pesquisa, que abranja todos os segmentos sociais e toda a área do Estado, a fim de que se possa chegar a um resultado atualizado do que é o capixaba.

## 3 - Algumas considerações

Estou que devemos começar tudo de novo.

Já dissemos que até 1960 o capixaba era um povo predominantemente rural, o território do Estado estava até a década de 30, coberto 70% de mata atlântica. Assim tínhamos um homem rural convivendo com a floresta. A erradicação do café e a construção dos grandes projetos (Siderúrgica, portos, celulose) nas proximidades da capital mudou o panorama.

Desde o início sua agricultura se ressentia dos mesmos males da primitiva agricultura brasileira: exploração extensiva, através de queimadas, falta de recuperação do solo, e lavouras extensivas, seja a da cana no litoral, ou do café no interior.

Principalmente o café, com sua característica de cultura itinerante, sempre ávido por terras novas, dá a marcha do povoamento em terras brasileiras e capixabas, como já acentuamos a partir do século passado.

O povo que aqui veio residir tem que ser encarado em suas pecularidades pré-existentes: fluminenses, mineiros, bahianos, imigrantes do norte europeu, trouxeram todos suas cultura, tentando mantê-la e adaptando-a quando necessário às características locais.

Esta adaptação se faz, a partir da alimentação, em todos os demais itens culturais. Recorde-se que o uso da farinha de mandioca e da cachaça

se tornou universal. Mas não nos esqueçamos que, em Alfredo Chaves, há folia de reis italo-capixaba, adaptando aos mores locais a tradicional festa luso-brasileira.

Grosso modo, poderiam ser observadas as seguintes sub-culturas no pequenino território espírito-santense:

1 - metropolitana - abrangendo Grande Vitória e Guarapari, em que a vida urbana se assemelha a das outras cidades brasileiras de médio porte.

2 - litorânea, com estoque predominantemente índio, e vocação para a pesca.

3 - neo-européia - nas montanhas centrais, onde se manter muitas culturas para aqui transplantadas no século XIX.

4 - mineira do sudoeste e noroeste.

5 - bahiana, no extremo norte.

A par disto, há bolsões como o dos poloneses em Águia Branca e São Gabriel da Palha, os quais aqui vieram a partir de 1928, assim como descendentes de alemães e italianos que colonizaram partes do norte, em Colatina, São Domingos, Marilândia, Rio Bananal, Vila Valério e Vila Pavão.

Destearte se torna impossível fazer generalizações válidas, ao menos na situação presente, dada a interculturação que está ocorrendo, que poderá plasmar-se, ou não, numa específica **cultura capixaba**.

## 4 - Intensa mudança

O que chama a atenção, a exemplo do que está ocorrendo no Brasil, é a intensa mudança que estão sofrendo os costumes e hábitos dos capixabas.

Em grande parte pode se atribuir isto ao desenvolvimento educacional.

Depois da expulsão dos jesuítas, em 1759, os quais forneciam a totalidade da educação que havia na Capitania, tivemos um hiato em que as prometidas aulas régias não foram instaladas. Segundo Daemon, só em

1771 foi criada uma cadeira de Gramática Latina, em Vitória, sendo professor F. Pita Rocha, posteriormente substituído pelo Padre Marcelino Pinto Ribeiro, mas tarde pelo seu filho Padre Marcelino Pinto Ribeiro Duarte. Em 1824, o Governador Acioli instala Escola de Ensino Mútuo, em Palácio, sendo professor José Joaquim de Almeida Ribeiro. O primeiro colégio secundário só vai ser criado em 1867, pela Lei nro. 8, Colégio do Espírito Santo, substituído em 1872 pelo Ateneu Provincial.

Leve-se em conta que até 1940 o Estado só mantinha três colégios secundários oficiais, dois em Vitória e outro em Cachoeiro de Itapemirim. Nossa primeira Faculdade, e muito de propósito de ciências jurídicas, é de 1930. Até então, profissionais de nível superior, especialmente engenheiros, médicos e advogados, eram mandados, pelas famílias abastadas, para que se formassem fora do Estado.

A criação da Universidade do Espírito Santo, em 1954, modificou, a médio prazo, o panorama, pré-existente. Acrescente-se a isto que a fixação da vocação portuária de Vitória, a partir de 1940, trouxe para a Capital inúmeros novos moradores qualificados, o que intensificou o processo de mudança.

Até então, as manifestações artísticas locais - salvo as folclóricas, mantidas quase em segredo por seus participantes - eram mínimas, e se restringiam a cópias de modelos externos, predominantemente cariocas.

É preciso ressaltar que nestes quarenta anos, dezenas de moradores da zona rural se transferiram para a Capital, e seus filhos se tornaram profissionais de nível superior.

Isto incrementa o processo de mudança, aproximado o Espírito Santo da cultura ocidental, fugindo a seus resquícios arcaicos, assunto que ainda não foi, em profundidade estudado.

## 5 - Grave problema

Um dos graves problemas a serem solucionados (talvez o mais grave se o combinarmos com as necessidades hídricas) é como reverter a situação florestal, fazendo com que os atuais 5% de mata atlântica, voltem, não aos 90% do século XVI, mas a razoáveis 20% do total do território.

A nosso pensar, só uma ação governamental prioritária, embasada na educação de massas, pode reverter este quadro que se nos afigura abertura perigosa para a desertificação de grande parte do território capixaba.

A lentidão e falta de planejamento e previdência que foram indicadas como características do capixaba são potencialmente perigosas, devendo notar-se que tal situação é tipicamente pré-industrial onde tudo flui ao Deus dará não havendo previsão das catástrofes que se avizinham a passos largos.

A urgência de que se reveste tal ação de reformulação ambiental deve ser encarada de frente e com decisão. Temos de adotar a vertente de ação e mobilização previstas no estudo percuciente do Dr. Armando Marques Vieira, **A propósito de um programa florestal para o Espírito Santo - considerações, sentimentos, idéias, Emater**, 1993 no qual se enfatiza a necessária mobilização das elites para uma ação conjugada que seja de utilidade comum. Lembremos que o mutirão - trabalho coletivo para um fim comum - faz parte dos mares capixabas.

## À guisa de encerramento

Este ensaio merece ser discutido e aprofundado pelos especialistas, para que se chegue a uma visão antropológica da gente capixaba. No momento ainda não temos pesquisas suficientes para chegarmos a um resultado satisfatório.

# Maria Ortiz a heroína capixaba

Irysson da Silva

A derrocada de um povo começa pelo olvido ou pelo menosprezo de sua história.

O enclausuramento dos fatos e dos vultos de um povo nas masmorras do esquecimento é o estrangular melancólico de suas memórias, além do cercear da utilização, pelas gerações presentes e porvindouras, de exemplos magnificantes que as levarão a um desenvolvimento conseqüente, modelar e necessário.

A história, não há negar, é uma alvanca propulsora dos progressos humanos.

Colocando-nos em contacto com as culturas antecedentes, elas nos revelam o que de bom ou de mau nos legaram as gerações pósteras, conscientizando-nos das imperativas necessidades de crescimento, correções, ampliações, substituições, supressões e um colossal acervo de procedimentos outros que prodigalizarão, às gerações coevas, diretrizes e balizamentos fundamentais ao seu caminhar feliz e progressista.

Destarte, postergar ou minimizar a importância da história é decretar-lhe, de maneira irresponsável, uma inconcebível ineficiência e uma inutilidade mal forjada.

Tal comportamento nada mais é do que uma crassa ignorância, e de irreparável desconhecimento de causa.

Ao contrário destes procedimentos negativos e estéreis, havemos de, isto sim, com diligência e carinho, erguer catedrais à história, cavando masmorras aos que, por ignorância ou preconceito se furtam a reconhecer-lhe a beleza, a extensão e sua fecunda e facunda maestria.

Na tessitura do pano de fundo da história, as cores e as tonalidades são ditadas pela dinâmica operacional do homem.

Este é, do ponto de vista, puramente humanista, de presença indis-

pensável e obrigatória.

Excluí-lo deste quadro é apagar e eliminar a história da consciência humana.

Não há, pois, história com a ausência ou exclusão do homem.

A história existe para o homem, com o homem e pelo homem.

Diríamos, em última análise, em modesta figuração, que o homem é o corpo e a história sua sombra modeladora.

Cada pessoa tem sua história. É o que, em linguagem própria, chamados de biografia.

Cada cidade, cada município, cada Estado e cada país tem a sua história.

A humanidade toda, em seu conjunto, tem a sua história.

História multisecular, acrescentaríamos.

Feitas estas digressões, sem dúvidas, um tanto quanto dilatadas, passemos agora, a considerar, em rápidas e singelas pinceladas, uma bela e empolgante história.

Uma históra de mulher, nestes dias em que a mulher, numa autêntica reptação, estuga seus passos à conquista dum alcândor de glórias, duma refulgência sonhada, acalentada e buscada.

Com estoicismo e a todo preço.

Todavia, é justo se ressaltar, que a mulher cujos tralos biográficos pretendemos destacar, nada buscou, nada aspirou, nada pretendeu com laivos de egoísmo, vaidade ou exibicionismo, a não ser resguardar a inalienabilidade de seu torrão natal, bem como as liberdades e a independência de seu povo.

Custasse o que custasse. Mesmo que fosse a sua própria vida.

Este episódio nos traz à mente o vulto heróico do tenente Antônio João, na defesa do forte da colônia de Dourados, em Mato Grosso.

Instado pelo alto comando do Exército Paraguaio para que depusesse as armas e se rendesse, com seus 12 comandados, brava e heroicamente, respondeu:

"Sei que morro, mas o meu sangue e o de meus companheiros servirá de protesto solene contra a invasão do solo de minha pátria".

Instantes após, de forma avassaladora, as forças paraguaias, bem superiores em número, enrubreceram as campinas de Dourados, com seus uniformes cor de sangue, e, sem detença, mas com incontrolável ferocidade, arremeteram-se contra o minguado pugilo de combatentes brasileiros, a todos dizimando.

Com o sangue daqueles bravos e heróicos patrícios nossos, ficou selado, de forma solene, o veemente protesto dos brasileiros à invasão do

solo pátrio.

Por muito pouco, fato semelhante teria acontecido em solo capixaba, tendo à frente a jovem Maria Ortiz, seguida por certo número de conterrâneos nossos, quando da primeira tentativa de invasão holandesa em nosso Estado.

A história registra que o clima inamistoso, àquela época, existente entre a Espanha e a Holanda, num ato de provocação esta última nação intentou e, efetivamente, invadiu o Brasil, precisamente em Pernambuco, Bahia e Espírito Santo.

É importante que nos lembremos de que, por esta época, Portugal esteve sob o domínio da Espanha.

Por este motivo, uma invasão ao Brasil seria uma tremenda provocação, um irritante desafio à Espanha.

No bojo da estratégia holandesa, hemos de admitir, o Brasil, pelas colossais distâncias que o separavam da Europa, poderia ser uma presa fácil.

Tal pensamento, talvez, dominasse a mente dos líderes da Velha Batávia.

Antes de avançarmos na consideração dos fatos, bom é que identifiquemos a personagem central desta narrativa.

Algumas indagações ainda perduram, nas mentes dos estudiosos e pesquisadores da vida e das façanhas de nossa biografada.

Quem foi Maria Ortiz? Maria Ortiz é lenda ou realidade?

Elmo Elton, brilhante historiador e poeta, assim a identificou: "Maria Ortiz era filha de Juan Orty Y Ortiz e Carolina Darico, chegado a capitania do Espírito Santo, em 1601, numa das imigrações promovidas por Felipe II, após a passagem de Portugal e colônias para o domínio espanhol (1581). Nasceu em Vitória em 1603, tendo falecido na mesma vila em 1646.

À exclusão de sua façanha, aqui está um suscinta, porém, expressiva identificação da personagem em foco.

Estas e outras versões, pela nossa ótica, invalidam ou quando nada, minimizam as afirmativas da ilustre historiadora patrícia, Carolina Rennó Ribeiro de Oliveira, em sua interessante obra "Biografia de Personalidades Célebres", às fls. 72, onde declara a autora: "Pouco ou quase nada se sabe a respeito de Maria Ortiz, heroína do povo capixaba, no século XVI".

Esta mesma autora, aludindo à época e aos espisódios que envolvem Maria Ortiz, assim se manifestou: "Ocorreu o episódio, segundo alguns, em 1561, segundo outros, em 1625".

Vê-se, com clareza meridiana, que dúvidas existiram ou existem, ainda, sobre a data exata dos acontecimentos que envolveram a heroína

capixaba.

Quanto aos fatos e às façanhas que a tornaram célebre, destacada e proeminente, não há, propriamente divergências.

Maior riqueza de dados e idiosincrasias próprias de cada historiador, isto sim, existiram e existirão, perpetuamente. Nada disto, porém, empana o brilho daquela que, pela sua heroicidade tornou-se figura ímpar do povo capixaba.

Entretanto, será que tais ocorrências destroem ou delustrem a grandiosidade e o brilhantismo de vida tão singular?

Identificada, assim, nossa heroína, volvamos, agora, nossas vistas para os fatos que emolduraram sua vida e a tornaram vulto exponencial na historiografia capixaba.

## Quadro Histórico

Conforme dito linhas atrás, Portugal estava sob o domínio espanhol, fato que durou de 1580 a 1640.

Velhas questões e intrincados problemas geraram forte inimizade entre Espanha e Holanda.

Possuidora de invejável armada, a Holanda arquitetou um plano para desestabilizar o domínio espanhol: atacar as colônias espanholas e os territórios sob sua dominação.

Nesta visão, pela distância entre a Espanha e o Brasil, um incrusão dos holandeses sobre o nosso território certamente acarretaria grandes sobressaltos à Espanha, bem como tremendas dificuldades à defesa de nosso solo.

A verdade há de se ressaltar, é que a animosidade batavo-espanhola pouco influiu em terras capixabas, à exceção da invasão flamenga.

Ainda que de passagem, temos o dever de informar que, antes das invasões holandesas às terras brasileiras, em 1598, Olivier Van Moond foi o primeiro holandês a tocar as costas do Brasil, conforme narra Netscher em "Os Holandeses, 40": "Olivier Van Moond foi o primeiro holandês a visitar as costas orientais do Brasil. Partindo em 1598, para uma viagem à volta do mundo, escalou para fins de reabastecimento, nesse mesmo ano, no Rio de Janeiro e no Rio Doce".

Esta afirmativa é consubstanciada em parte, pelo dizer do Visconde Escragnole Taunay, em "Visitantes, 19", assim: ...foi Olivier o Van Moord o

primeiro marítimo da nação batava que deu a volta ao globo".

A seu tempo, como rainha dos mares, a Holanda cruzava os mares do globo em arriscadas aventuras e temível pirataria.

Era um tremendo esforço por sobrevivência, visto ser um país de minguados recursos e limitado território.

Pelo seu forte espírito aventureiro, coadjuvados pela situação política reinante, àquela época, entre holandeses e espanhois, a vítima das incursões holandesas, por razões múltiplas, seria o Brasil.

E o Espírito Santo faz parte deste Brasil.

Após a ocupação de Salvador, Bahia, pela esquadra de Jacob Wllekens, em 1624, ao serem explusos da capital baiana, os holandeses se arremeteram contra o solo capixaba.

Hemos de ressaltar que, para a proeza da expulsão dos holandeses do solo baiano, em muito concorreu um expressivo contingente de índios flecheiros capixaba, os quais entraram em combate logo no desembarque.

A frustração na invasão do solo baiano ocorreu após outra frustração de invasão em Loanda, na África.

Com as vistas direcionadas para Pernambuco e ante a imperiosa necessidade de braços para a colonização daquele estado nordestino, os persistentes batavos forjaram o seguinte raciocínio, no dizer do padre Antônio Veira, "capacitados já se achavam os invasores de que, para se firmarem no Brasil, era imprescindível o concurso de negros: "...sem negros não há Pernambuco, e sem Angola não há negros".

## Os Holandeses em Vitória

Em dez de março de 1625, surgiram na baía de Vitória, 8 naus holandeses, para uma tentativa de assalto.

Sob o comando do almirante Pieter Pieterszoon Heyn. Este já havia sido preso anos antes, e levado à Bahia de Todos os Santos, daí fugindo e prosseguindo em seus saques por mares do Brasil.

Heyn chegou ao Espírito Santo orientado pelo flamento Rodrigo Pedro, casado com mulher portuguesa e que vivia na povoação do Espírito Santo, antes de 1618.

"Foi este Rodrigo Pedro quem guiou o inimigo no assalto às roças pelo Rio acima, em que se apossou de um caravelão de Salvador de Sá quase despejado, e várias canoas, presas estas que foram retomadas...",

na versão do historiador Varnhagen, 240".

O almirante Heyn adentrou a baía de Vitória com muita euforia, na convição de que a vila de Vitória se lhes entregaria ou ele a renderia pela força.

Permaneceram ancorados, os holandeses, junto a terra, de 10 a 18 de março.

As articulações de Rodrigo Pedro ante os nativos não lograram êxito. A repulsa dos nativos, comandados por Francisco de Aguiar Coutinho destruíram os planos dos holandeses.

Os planos destes falharam, fragorosamente.

Inicialmente, os holandeses atacaram a Vila de Vitória.

Nestes ataques, entretanto, foram batidos nos combates das ruas, ocasião quando Francisco Aguiar Coutinho, corajosamente mobilizando todos os recursos de que dispunha, com a preciosa voluntariedade da população jogou por terra as pretensões holandesas.

Sem se demoverem, porém, os batavos persistiam em seus ideais.

Formularam e efetivaram novo ataque.

Na intenção de recuperarem o que haviam perdido, voltaram à carga em busca dalguma vitória.

Em realidade, entretanto, dobraram suas perdas.

No instante em que os holandeses atacaram a Vila de Vitória, coincidetemente, Salvador Correia de Sá e Benavides navegavam pelas costas capixabas, indo em socorro à Bahia, zarpando do Rio de Janeiro.

Cientes do que aconteceria na Vila de Vitória, sem tardança, dirigiram-se para cá, infringindo pesadas baixas aos intrusos holandeses.

Conforme relato de José Teixeira de Oliveira em sua alentada e suculenta "História do Estado do Espírito Santo", fls. 126, eis o resultado da tresloucada invasão holandesa: "Desanimados com numerosos claros em seus efetivos, retiraram-se ao cabo de oito dias de vãos esforços para dominar a cabeça da capitania. Suas baixas mais destacadas foram o almirante Guilherme Yans e Rodrigo Pedro".

Ainda é da lavra do competente historiador José Teixeira de Oliveira a seguinte narrativa:

Em, 1640, "sete navios comandados pelo coronel Koin alcançaram o porto de Vitória a vinte e sete de outubro daquele ano, conseguindo, logo no início, aprisionar dois navios carregados de açúcar, apesar da resistência que lhe opuseram.

No dia seguinte desembarcaram quatrocentos homens na ilha principal e acometeram a Vila".

A reação dos locais não tardou.

Sob o comando do governo da capitania, João Dias Guedes, capitão-mor, trinta fuzileiros, duas companhias de índios armados de arcos e flechas, e homens do povo, armados de piques e chuços, além de cinco canhões.

Este exército bisonho, de bravos e corajosos combatentes, sob as ordens de Dias Guedes, conseguiu expulsar os holandeses da Vila, forçando-os a reembarcarem, após três horas e meia de escarniçadas lutas.

Entretanto, mesmo após os dois insucessos em suas investidas em Vitória, os holandeses não desanimaram.

Investiram, agora, após três dias de expulsos de Vitória, contra a Vila do Espírito Santo.

Cobiçavam os engenhos e demais riquezas do recôncavo.

A resistência imposta por Adão Velho e Gaspar Saraiva, à frente de reduzida "força de defesa, não logrou êxito".

Batidos pelos insistentes e poderosos holandeses, viram-se, estes, com suas tropas, forçados a abandonar a povoação, retirando-se para o mato.

Aí, com os reforços enviados por Dias Guedes, em contra-ataques vigorosos, obtiveram brilhante vitória, expulsando, em definitivo, os holandeses das terras capixabas, a dois de novembro de 1640.

Há de se ressaltar que Koin levantou ferros a oito de novembro, ficando, todavia, retido em frente da barra até o dia 13, por falta de vento.

Os "Documentos Históricos do Arquivo Municipal" de Salvador I, 479, registram: "Quando, na Bahia, se soube da vitória das armas luso-brasileiras sobre os flamengos, no Espírito Santo, a Câmara da cidade de Salvador em vereação, ordenou se fisesse uma procissão de regozijo e ação de graças".

## Maria Ortiz: Lenda ou Realidade

Dos autores consultados, apenas o brilhante historiador José Teixeira de Oliveira, em História do Espírito Santo, deixou uma ponta de dúvida sobre, respeitantemente, a realidade ou irrealidade dos feitos de Maria Ortiz.

Na obra acima referida, diz, textualmente, o ilustrado autor (fls. 126 a 127):

"Esta tentativa de intrusos deu origem a uma tradição de exaltação

da bravura da mulher capixaba, orgulhosamente reverenciada até hoje".

"Conta-se que no fragor dos combates de rua, em Vitória, uma senhora de nome Maria Ortiz, decidiu a batalha, lançando água fervente sobre o próprio Pieter Heyn. Verdade ou mito, o nome de Maria Ortiz transformou-se em legenda de merecido feito àquelas matronas que, na paz e na guerra, colaboraram na edificação deste pedaço do Brasil".

Com seu brilhantismo costumeiro, Elmo Elton, em Logradouros Antigos de Vitória, transcrito em "Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo", nro. 44, ano 1994, às fls. 94 aforma, literalmente: "Houve momentos porém, em que os corsários pareciam levar a melhor, e foi justamente nessa ocasião que, ao tentarem conquistar a parte da Vila, sofreram inesperada derrota. Iam subindo estreita rampa, depois ladeira do Pelourinho (também, ladeira da Assembléia, da Cadeia e do Trapiche), quando uma jovem chamada Maria Ortiz, da janela do sobrado onde morava, os enfrenta de modo imprevisto, original, lançando sobre eles tachos de água fervente. Isto feito, toma de um tição e põe fogo numa das peças bélicas de que se serviam os inimigos, encoraja os ilhéus para que lutem com mais destemor, de modo a expulsar, de vez, os assaltantes".

"Seguindo o exemplo da vontade heroína, seu vizinho, também, já, agora, atiram sobre os holandeses, não só água fervente, mas pedras, brasas, paus, o diabo, e tão resolutas se tornaram no combate, de tal jeito os perseguiam, que os holandeses, afinal derrotados, retornam a seus galeões, ancorados na baía, e de lá se foram, mar afora em busca, naturalmente, de novas aventura".

Navegando em águas diferentes das de Elmo Elton, Carolina Rennó Ribeiro de Oliveira, historiadora em "Biografias de Personalidades Célebres", fls. 72, em estilo simples, porém, elucidador, falou da seguinte forma:

"Pouco ou quase nada se sabe a respeito de Maria Ortiz heroína do povo capixaba, no século XVI. Dela só se conhece a façanha".

Ocorreu o episódio segundo alguns autores, em 1561, segundo outros, em 1625. O certo é que em uma expedição holandesa comandada pelo almirante Pieter Pieterzoon Heyn, sitiou a nascente Vila de Vitória e se preparava, como de costume, para saqueá-la. Pouca ou nenhuma resistência a população poderia opor-lhe, surpresa e desarmada".

"Decide o almirante desembarcar e comandar o saque. Vai sua tropa ganhando posição no terreno, quase sem resistência. Ao passar o almirante por uma ladeira, num gesto brusco, inesperado e fulminante, Maria Ortiz abre a janela de sua casa e despeja sobre o invasor um tacho de água fervente.

Todo queimado, humilhado, rugindo praga, espumando ódio e dor,

o almirante vacila, a soldadesca em torno não atina com qualquer providência. Estimulada pelo imprevisto, a população toma coragem e empunhando armas rudimentares, expulsa os holandeses da vila; corre-os até o atracadouro e a pequena esquadra bate em retirada.

A memória de Maria Ortiz é, ainda hoje, cultuada pelos capixabas. A ladeira onde ficava sua casa é atualmente, uma escadaria monumental de acesso a dois planos topográficos da cidade de Vitória e ostenta o seu nome".

O falecido sócio deste instituto, professor Francisco Colares Junior, em sua obra "Vultos e Fatos Capixaba", louvando-se em as narrativas dos autores aqui mencionados, reproduziu os fatos acima referidos.

Por razões que desconhecemos, a bibliografia atinente a Maria Ortiz, por ser minguada e reduzida, não oferece a seus biógrafos um campo maior e mais rico de perquirições.

Entretanto, a nosso ver, os limitados elementos de que dispomos, no presente, nos condicionam a uma firme convicção de que Maria Ortiz é, sem questionamento, um vulto singular, e mais que isto, um vulto querido e admirado pelos capixabas, em razão de seu monumental exemplo, de seus coragem e abnegação nos gloriosos episódios em que se imiscuiu.

Por certo, os capixabas, ainda não lhe rendemos todas as honras a que faz jus, quem sabe, numa irreverente procrastinação? Quem sabe, em razão duma amnésia ignorância das coisas que nos dizem respeito?

Sejam quais forem os motivos deste prejudicial olvidar, é imperioso e salutar que a memória de Maria Ortiz não seja apagada nem se esmaeça de nossas mentes ou tenha desbotados as cores vivas de suas bravura, abnegação e coragem, de seus espírito público e heroísmo.

Sua fibra e seu exemplo nos fazem enfileirá-la, nas devidas proporções, entre as mais brilhantes de nossas patrícias, tais como Ana Nery e Anita Garibaldi, além das anônimas "Heroínas de Tejucupapo" exaltadas e glorificadas nos versos lapidares do poeta pernambucano, Adelmar Tavares.

Quando da expulsão dos holandeses do território pernambucano, num instante em quer se evidenciava a superioridade bélica dos batavos, em Tejucupapo, onde se achavam aquarteladas as tropas do Leão do Norte, o quartel local foi sitiado por todos os lados. Aos bravos defensores do solo pernambucano só restava uma alternativa: rendição incondicional ou massacre total.

Neste ínterim - momento de tensão e agonia - as esposas dos bravos defensores de Tejucupapo exteriorizaram a heroicidade da mulher brasileira, através daquelas mães pernambucanas, com um gesto emo-

cionante de destemor e abnegação. Com seus filhinhos nos braços, num imenso cordão humano, circundaram, totalmente, o quartel, despertando, assim a compaixão e a simpatia dos flamengos que, malgrado o estado beligerante reinante, evitaram o massacre de tantos soldados com suas esposas e filhos.

A bravura das heroínas de Tejucupapo é uma repetição da bravura e do estoicismo da heroína capixaba Maria Ortiz, mutatis, mutandi;

## Maria Ortiz nos lega preciosas lições

A história, como se tem dito, é uma fonte cristalina de lições oportunas e sábias.

E a história de Maria Ortiz não é uma exceção à regra.

Os fatos revelam que nossa heroína colocou, de certa forma, sua vida no altar da pátria.

Estava consciente de que sua vida poderia ser imolada em defesa do solo, das tradições e dos universais princípios que a nortearam pela vida afora.

Sua luta, por certo, era mais que uma luta em defesa duma vida ou dum território, por mais que isto fosse importante. Era uma luta contra o vandalismo, contra a violência, contra a ganância, contra a prepotência dos poderosos, contra o desamor aos fracos, contra o desrespeito ao direito de livre determinação dos povos, contra a lei do mais forte e quejandos.

A singular e bela história de Maria Ortiz nos sugere, modernamente, e, em última análise, a luta contra um outro tipo de invasão, agora, a malfadada invasão de sórdidos inimigos que, sem piedade, tentam invadir o nobre e santo território de nossas mentes e de nossos corações.

Dentre muitos, enumeraremos a violência nos lares e na sociedade, a corrupção em todas as áreas dos labores humanos, o suborno e a peita, a imoralidade via sexo, estampada em revistas, jornais, teatros, rádio e televisão, a exploração dos humildes pelos poderosos, os preconceitos de cor, raça e religião, as injustiças, tenham que procedência tiverem. É necessário enumerar outras? Cremos que não.

Mesmo com o risco de sacrifício de sua vida, Maria Ortiz colocou o bem comum no lugar primeiro de suas obrigações e privilégios. Não teve por importante a sua vida, desde que imolada em benefício de sua terra, de sua gente, de suas tradições, de seus ideais, de seus princípios,

fundamentos, irremovíveis na contextura duma cidadania ideal e sólida.

Este foi o magnífico exemplo que nos legou Maria Ortiz. Diante destas realidades, finalizo este trabalho com a surrada indagação: **"E agora, Zé?"**

# Estudos e Ensaios

# José Marti: sua importância no cenário cultural latino-americano *

Ester Abreu Vieira de Oliveira

Durante alguns anos, a glória de José Martí ficou assinalada por sua luta patriótica e por sua figura político-social. No entanto, atualmente, a sua fama está equilibrada por uma valorização de sua produção artística. E, por isso, não mais se pode separar a figura literária do homem, porque não só o seu estilo de vida como também o seu estilo literário honraram Cuba e colocaram Hispano-América num âmbito universal.

O Modernismo, primeira contribuição que a literatura latino-americana deu à universal, procurou renovar a expressão artística, reagindo contra a estética romântica e realista.

Nas Literaturas Hispânicas, essa corrente das Letras aconteceu nos últimos anos do século XIX e nos primeiros do século XX. A postura que adquiriu foi eclética. Recolheu o que havia de mais conveniente das várias escolas surgidas na Europa para apresentar a sua teoria estética de beleza e da elegância.

A crítica literária assinala o ano de 1888 como início do Modernismo em língua espanhola. A sua marca é a publicação de **Azul** do nicaraguense Rubén Darío.

No Brasil, há também um movimento artístico com esse nome: Modernismo. Contudo, apesar de idêntica a terminologia, ela não corresponde ao que aconteceu na América Hispânica, nem em época, primeiro decênio do século XX, nem em estética. Além do mais, no período do Modernismo na América-Hispânica, as tendências literárias no Brasil eram parnasianas e simbolistas, como se pode observar nos poemas de Olavo Bilac, Alberto de Oliveira e Cruz e Sousa.

** Palestra, pronunciada no Auditório Décio N. Cunha, UFES-ICH, em 09 de junho de 1995, em uma homenagem ao centenário de morte de José Martí.*

No entanto, antes que Rubén Darío aparecesse no panorama literário, houve alguns poetas que começaram a introduzir modificações em suas obras. Entre eles está o cubano José Julián Martí, que nasceu em Havana em 1853 e morreu, heroicamente, em Boca de los Ríos em 1895, chefiando uma rebelião em prol da independência de Cuba. Logo, três anos antes da emancipação da última possessão espanhola na América, Cuba, morreu José Martí.

Com este preâmbulo, queremos mostrar que, em um período anterior a esta atitude de ruptura, desejada pelo Movimento Modernista, o poeta cubano José Martí utilizou algumas formas estilísticas próprias do Modernismo como linguagem simbólica, símbolos cromáticos, formulações parnasianas, impressionistas e simbolistas, uma prosa rítmica e um verso simples e natural, por isso, é considerado o iniciador desse movimento literário hispano-americano, junto com o mexicano Nájera. Só que este cultivou uma arte literária de veia francesa que culminou, anos depois, com **Azul** de Rubén Darío, enquanto Martí desenvolveu uma expressão artística de raízes hispânicas, à qual se incorporaram as melhores tendências literárias contemporâneas.

José Martí foi um homem de ação, de desejo de progresso e de independência política dos povos americanos, por isso se empenhou sempre não só pela liberação de sua pátria como também de toda a América. Interveio em atividades políticas no México, Guatemala, Venezuela, Honduras, Costa Rica e São Domingos (Santo Domingo) e fez da literatura e da oratória armas de combate.

Nos seus textos, em livros, revistas e jornais, punha uma exaltada paixão, procurando ganhar dirigentes espanhóis em favor de Cuba, sua pátria.

Em 1869, adolescente ainda, condenaram-no a seis anos de prisão por ação revolucionária. Indultado, foi para a Espanha. Lá na Europa escreveu em 1877 **O presídio político em Cuba**, em 1871 **A República Espanhola ante a Revolução Cubana.** Em 1878 voltou da Europa, mas foi novamente deportado. Mudou-se para os Estados Unidos e se lançou à propaganda revolucionária. Em 1892, em Nova Yorque, fundou o Partido Revolucionário Cubano. Toda a sua vida foi marcada por um desejo imperioso da liberdade de Cuba. Essa sua atuação revolucionária o deixou com pouco tempo para consagrar-se inteiramente às letras. Legou-nos, mesmo assim, cartas, ensaios, crônicas, discursos, romances, obras de teatro, contos infantis e poesias que o colocam em um lugar de destaque na literatura em língua espanhola.

A prosa de José Martí possui uma estrutura sintática rebuscada que

a aproxima à dos escritores do Século de Ouro da literatura espanhola (séculos XVI / XVII), mas a menção que ele faz à cultura aristocrática, cosmopolita, o aproxima ao escritor nicaraguense Rubén Darío. Tomemos como exemplo o seu romance **Amistad funesta** (1885). Nele há uma história de um amor trágico, dentro da renovação literária modernista: natureza bucólica (idealizada) e menção a pedras preciosas, a objetos de luxo e a esculturas. Enfim, aparecem elementos que ressaltam um ambiente de pura beleza e tornam a realidade imediata afastada, uma característica do Modernismo.

Seus contos infantis aparecem na revista La Edad de Oro em 1889 e se caracterizam por mostrar sua faceta de homem preocupado com a educação.

Foi um notável orador. Nos seus discursos há descrições, reflexões e imagens líricas. São extensos os seus períodos, mas as frases são concisas, elipticas, exclamativas e imperativas.

Em sua obra poética deixou, junto com o seus íntimos sentimentos, a sua ideologia político-social e o seu conceito de poesia. Assim metapoemiza: meu verso é "ola" (onda), "roble" (carvalho) "puñal" "surtidor" (chafariz), "vigor de acero" (vigor de aço) *(!Ola el verso ha de ser y azul sano, / Y roble en que los vientos enfrenados / Se paren a admirar, y las palomas / A ahí abrir las alas y a colgar su nidos: / Roble de tronco firme y copa espesa / Donde de flor com lanza de oro / Despertando corolas y desnudo el canto, amoroso vuele; / Y cubra sus alas de luz melodía!) / ("Mi verso es como un puñal / que por el puno echa flor: / Mi verso es un surtidor / que da un agua de coral" (...) Mi verso, breve y sincero, / es de vigor del acero / con que se funde la espada.*

José Martí foi excelente poeta. Suas obras refeltem os problemas que enfrentou, suas experiências pessoais e acontecimentos que presenciou. Na sua obra **Ismaelita** (1882) emprega uma métrica e temas, aparentemente, populares. Neles recorda o lar e o filho ausente. Sua poesia é breve, pictórica, de rimas inesperadas e sintaxe complexa, com arcaísmos e riqueza verbal. Sua arte é detalhista. Desse livro, talvez, a composição mais antológica seja "Mi caballero". Nela o poeta recria uma cotidianidade. Recorda com ternura as travessuras de seu filho. Mostra o seu despertar com um beijo do filho e este fazendo-o de cavalo. Seus cabelos eram as rédias. *(Por las mañanas / mi pequeñuelo / me despertaba / con un gran beso./ Puesto a horcajadas / sobre mi pecho / bridas forjaba / con mis cabellos. / Ebrio él de gozo, / de gozo yo ebrio / me espoleaba / mi caballero: / !Qué suave espuela / sus dos pies frescos!/ !Cómo reia / mi jinetuelo!/ Y yo besaba / sus pies pequeños, / !Dos pies que caben / en sólo un beso!)*

Na sua obra poética mais importante, **Versos sencillos** (1891), ele expressa com originalidade seus sentimentos. Essa obra ele a escreveu em uma época de descanso do seu intenso trabalho revolucionário. Em versos de grande força ele recorda ou recria episódios de sua vida.

Em toda a sua obra, Martí se revela por meio de símbolos e imagens e busca a autenticidade. Por exemplo, o poeta, referindo-se ao amor que encontrou, emprega as palavras pombas, rosas, rolinhas, lua agradável, guerreiro, lança de ouro e madressilvas: *"Se me ha entrado por el alma/ Una banda de palomas:/ Me ha crecido y sale afuera/ Un rosal lleno de rosas:/ Una luna apacible se levanta/ Sobre un campo poblado por las tórtoloas:/ Un guerreiro gigante resplandece/ De pie, cual fuste de oro, entre las momias;/ Me parece que sube el cielo/ la madreselva que tu cuarto aroma."*

O emprego de símbolos cromáticos bem individualistas acentua também o papel de Martí como inovador e iniciador do movimento modernista.

Uma das fontes em que se inspira na utilização de símbolos é a natureza. Seu recurso expressivo foi muito bem estudado por Ivan A. Schulman, no seu ensaio **Símbolo y color en la obra de José Martí,** uma publicação da Gredos.

Seus versos são, em geral, octossilábicos, alguns monorrítimicos. Neles se repeterm palavras. Nota-se em José Martí, à maneira de Bécquer, pós.romântico espanhol, um desejo de simplicidade ao expressar o seu sentimento. Como poeta podemos situá-lo na linha romântico-modernista. Mas, pelas inovações que faz, torna-se um dos precursosres do Modernismo Hispânico. Pela novidade formal que seus versos trazem e pela profundidade do seu conteúdo, eles fazem de Martí um dos melhores na lírica da literatura espanhola do seu tempo. Mas pelo significado de seus versos que transcendem as circunstâncias e a época, adquirindo um caráter universal, José Martí se iguala aos melhores poetas da lírica contemporânea.

Em 1913, após a morte do poeta, foi publicada a obra **Versos libres.** São 44 composições escritas entre os seus 25 e 30 anos de idade, época de intensa campanha pela independência de sua pátria. Nos poemas desse livro estão presentes suas rebeldias, seu afã de liberdade, a realidade do meio em que vive e seus sonhos de um futuro melhor. Os versos são endecassilábicos, sem rima (livre, solto, branco). No prólogo desse livro ele nos fala do seu gosto pelas sonoridades e pela simplicidade *"Amo las sonoridades difíciles y la sinceridad, aunque pueda parecer brutal"* e explica que seus versos são pedaços de suas pórpias entranhas, estão escritos

com o seu próprio sangue e, como a ninguém pediu emprestado, eles são originalmente seus, "eles são como são".

Um exemplo do caráter de José Martí são os versos de **"Guantanamera" "yo soy un hombre sincero/ de donde crece la plama" ...mi verso es de un verde claro,/ y de un carmín encendido/ mi verso es un ciervo herido/ que busca en el bosque amparo/".** Nesse poema, por trás do eu poético, transparece a figura de um homem sincero, nobre de sentimentos, leal, bondoso, alegre, preocupado com a pátria e com os seus compatriotas: *"Con los pobres de la tierra/ quiero mis versos dejar,/ porque el arroyo de la sierra,/ me complace mucho más que el mar".* Uma outra amostra desse lado generoso do poeta é ainda o poema "Belén clave de salvación", composição de 40 versos octossilábicos. Nele, como esperança de melhoria, o eu poético apresenta o presépio e faz um apelo ao perdão. Seus versos iniciais são um doutrinário cristão: *No temas hombre, no temas,/ si son grandes tus dolores,/ si son muchos tus problemas/ si son de tu vida emblemas/ vientos dehojando flores/ No temas de males tales,/ ni ansies bienes que no tienes,/ porque en Belén hay señales/ de estar muriendo tus males/ y estar naciendo tus bienes./ Perdona a quien te ha ofendido./ Soporta a quien te desdeña./ tu intacta mejilla enseña/ a quien la otra te ha herido/.*

Um outro exemplo dessa filosofia cristã é o poema "Cultivo una rosa blanca", da obra **Versos sencillos**. Este poema aparece em muitas antologias e, dificilmente, encontra-se um cubano que não o saiba de memória. Essa composição se encontra em um dos poucos livros didáticos de espanhol que se estudava aqui no Brasil, no clássico ou científico, nas décadas de 60 e 70 e, por isso, é bem conhecido por bastantes brasileros, além, é claro, de **Guantanamera:**

Cultivo una rosa blanca,
en julio como en enero,
para el amigo sincero
que me da su mano franca,

Y para el cruel que me arranca
el corazón con que vivo,
cardo ni oruga cultivo:
cultivo la rosa blanca.

Cardo (cacto) e "oruga" têm o valor semântico pernicioso, de obstáculo. "Urtiga" tem uma conotação polício-social. Espinhos e cáctos são

elementos não positivos da vida. Na Bíblia, no primeiro livro, o **Gêneses,** aparece a maldição da terra com espinhos. A palavra **rosa,** muito frequentemente presente nos textos martinianos, tem, desde a literatura greco-latina, o signo de beleza, ordem e espiritualidade. Segundo Cirlot, no **Dicionário de símbolo** uma única rosa é símbolo de sucesso absoluto e de perfeição. A rosa branca simboliza a totalidade e o diferente. Na literatura cristã ela personifica uma figura celestial de Jesus e da Virgem. Em Martí parece que adquire uma significação de compensação, um prêmio material à harmonia, à paz. A rosa, simetria perfeita, realça os traços ideais do branco.

José Martí foi um escritor apressado, que escreveu para servir à sua pátria ou para ganhar a vida. Ele se entregou por inteiro à causa da liberdade de seu povo e à causa da América. Interessou-se por problemas educacionais, preocupando-se por novos métodos de ensino. Foi um inovador literário e um dos maiores escritores da América Latina.

# Allan Kardec

José Higino de Oliveira (Taneco)

**Kardec, Allan** (Pseudónimo de **Léon-Hippolyte Denizart Rivail**) (1803-1869). Condificador da doutrina espírita, nascido em Lion, França, e falecido em Paris. Foi discípulo do célebre educador Pestalozzi e dedicou parte de sua vida às atividades educacionais. Em 1854 iniciou-se no Espiritismo e adotou o nome de **Allan Kardec** que, segundo a revelação de um "Espírito de Verdade", através de um médium, era seu próprio nome no tempo dos druidas. Coube a **Allan Kardec** sistematizar o Espiritismo numa doutrina que se encontra exposta nas suas principais obras: O Livro dos Espíritos (1857), O Evangelho segundo o Espiritismo, O Livro dos Médiuns (1864) e O Gênesis, Os Milagres e as Perdições segundo o Espiritismo. De acordo com essa filosofia o Universo resulta dos elementos: Deus (inteligência suprema, causa primeira de todas as coisas), o espírito, a matéria e o fluido (elemento forte da vida animal, intermediário entre o espírito e a matéria). Distingue uma escala de espíritos: espíritos imperfeitos e espíritos puros. Admite o princípio da reencarnação.

A grande influência intelectual da França no século XIX favoreceu a expansão da doutrina espírita no mundo contemporâneo. Por outro lado, o Espiritismo surgia como a nova menagem contra a propagação das idéias materialistas. Teve, entretando, de enfrentar duas correntes opostas: a dos cientistas materialistas e a dos defensores da religião cristã, tanto evangélicos como católicos.

## Explicação

Surgiu no mundo o Espiritismo, em 18 de abril de 1857, em Paris,

com o livro O Espiritismo. Sua primeira edição foi lançada, pelo editor-Dentu, a Doutrina Espírita e a palavra Espiritismo, que designava, o nome de **Allan Kardec**, que provinha do passado celta das Gálias.

A primeira novena era apresentada como antiga, em virtude de representar a eterna realidade espírita, servindo de fundamento a todas as religiões de todos os tempos; a Doutrina Espírita. Era, revelação do Espírito da Verdade prometida pelo Cristo. A palavra Espiritismo, era um neologismo criado por **Kardec** e desde aquele momento integrado na língua francesa e nos demais idiomas do mundo.

O respeito pelos mortos não é apenas um costume, como se vê: é um dever de fraternidade, que a consciência conserva e para o qual nos alerta. Por pior que tenha sido o morto, não temos o direito de aumentar-lhe o suplício com as nossas vibrações agressivas. A caridade nos manda esquecer as suas falhas e esforçar-se para evoluir. Pensando e falando mal dele, só podemos prejudicá-lo, irritá-lo e até mesmo voltá-lo contra nós.

O Kardecismo conseguiu grande difusão no Brasil e tem como órgão principal a Federação Espírita Brasileira. Entre nós, o Espiritismo não só empolgou a católicos, mas a seita de procedência negra e ligada ao fetichismo indígena. Processou-se um verdadeiro sincretismo religioso. A seita de Umbanda, por exemplo, é uma fusão do Espiritismo e dos cultos afro-brasileiros. Apesar do combate da Igreja Católica, o sincretismo religioso vem dominando grande parte da população brasileira.

Todos somos livres na escolha das nossas crenças; podemos crer em alguma coisa ou em nada crer, mas aqueles que procuram fazer prevalecer no espírito das massas, da juventude principalmente, a negação do futuro, apoiando-se na autoridade do seu saber e no ascendente da sua posição, semeiam na sociedade germens de pertubação e dissolução, incorrendo em grande responsabilidade.

Há uma doutrina que se defende da pecha de materialista porque admite a existência de um princípio.

A Ciência é obra do gênio e só deve ser adquirida pelo trabalho, pois é por este que o homem progride.

Que mérito teríamos nós se, para tudo saber, apenas bastasse interrogar os Espíritos? Por esse preço, todo imbecil poderia tornar-se sábio.

Há uma luz que brilha no fundo de nós.

O Espírito é tudo e tudo que é compreendido está certo.

Os Espíritos são atraídos em razão de sua simpatia pela natureza moral do meio que os evoca. Os espíritos superiores se alegram nas reuniões sérias onde dominem o amor do bem e do desejo sincero de se

instruir e se melhorar. Sua presença afasta os Espíritos inferiores que aí encontram, ao contrário um livre acesso, e podem agir com toda liberdade entre as pessoas frívolas ou guiadas só pela curiosidade, e por toda parte onde se encontrem os maus instintos.

A moral dos Espíritos superiores se resume, como a do Cristo, nesta máxima evangélica: "Agir para com os outros como queríamos que os outros agissem para conosco"; quer dizer, fazer o bem e não fazer o mal. O homem encontra nesse princípio a regra universal de conduta para as suas menores ações.

Eles nos ensinam que o egoísmo, o orgulho, a sensualidade, são paixões que nos aproximam da natureza animal e nos prendem à matéria; que o homem que, deste mundo, se desliga da matéria pelo desprezo das futilidades mundanas, e pelo amor ao próximo, se aproxima da natureza espiritual; que cada um de nós deve se tornar útil segundo suas faculdades e os meios que Deus colocou entre suas mãos para o provar: que o Forte e o Poderoso devem apoio e proteção ao Fraco, porque aquele que abusa da sua força e do poder, para oprimir seu semelhante, viola a lei de Deus.

Mas eles nos ensinaram também que não há faltas que não possam ser apagadas pela expiação. O homem encontra o meio, nas diferentes existências, que lhe permitem avançar, segundo seu desejo e seus esforços que é seu objetivo final.

## Bem Aventurados os Pobres de Espírito

Os homens de saber e de espírito, no entender do mundo, formam geralmente tão alto conceito de si próprio e de sua superioridade, que consideram as coisas divinas como indignas de lhes merecerem a atenção.

O homem cuja tradição se conservou sob o nome de Adão foi um dos que sobreviveram, em alguma região, a um dos grandes cataclismos que em diversas épocas modificaram a superfície do globo, e tornou-se o tronco de uma das raças que hoje o povoam. As Leis da Natureza contradizem a opinião de que os progressos da humanidade, constatados muito tempo antes de Cristo, se tivessem realizado em alguns séculos, como o teria de ser, se o homem não tivesse aparecido depois da época assinalada para a existência de Adão. Alguns, e com muita razão, consideram Adão como um mito ou uma alegoria, personificando as primeiras idades do mundo.

## A Diversidade das Raças Humanas

De onde vêm as diferenças físicas e morais que distinguem as variedades de raças humanas na Terra?

Do clima, da vida e dos hábitos.

Essas diferenças representam espécies distintas. Se a pessoa humana não procede de um só tronco.

Certamente não, pois todos pertencem à mesma família. Todos os homens são irmãos em Deus, porque são animados pelo espírito e tendem para o mesmo alvo.

Desde todas as épocas o homem acreditou, por intuição, que a vida futura seria feliz ou infeliz, conforme o bem ou o mal praticado neste mundo. A idéia que ele faz, porém, dessa vida está em relação com o seu desenvolvimento, senso moral e noções mais ou menos justas do bem e do mal.

Esta doutrina monstruosa é corroborada por Moisés, quando diz (Gênese, cap. VI, VV, 6 e 7): Ele se arrependeu de haver criado o homem na Terra e, penetrando na mais intima dor, disse: Exterminarei a criação da face da Terra; exterminarei tudo, desde o homem aos animais, desde os que rastejam sobre a terra até os pássaros do céu, porque me arrependo de os ter criado. "Ora, um Deus que se arrepende do que fez não é perfeito nem infalível; portanto não é só Deus. E são estas as palavras que é proclamada! Tampouco se percebe o que poderia haver de comum entre os animais e a perversidade dos homens, para que merecessem tal extermínio.

A nova forma de julgar modificar a direção e os anseios do espírito.

As coisas inferiores, já dizia Plantão, devem encontrar-se entre as coisas superiores. Embora num estado diferente.

Os adversários do Espiritismo não se esqueceram de utilizar contra ele algumas divergências de opinião sobre certos pontos da doutrina. Não é de admirar que no começo de uma Ciência, quando as observações estão ainda incompletas e cada um as encara sob o seu ponto de vista, sistemas contraditórios tenham podido aparecer. Mas três quartas partes desses sistemas já estão hoje aniquiladas diante dos estudos mais aprofundados, a começar por aquele que atribuía todas as comunicações ao Espírito do Mal, como se a Deus fôsse impossível enviar aos homens os bons Espíritos. Doutrina absurda porque desmentida pelos fatos que é a negação do poder e da bondade do Criador.

# Os Tormentos de Prudente

João Bonino Moreira

A tranquilidade - pelo menos aparente - que reinava no Brasil desapareceu em novembro de 1889 com o advento da República. República nada auspiciosa, porque instituída de improviso (ou por engano?), às pressas, decorrente das paixões próprias de um golpe, componente obrigatório da cultura política sul-americana.

Essa República, hoje com 107 anos, me tem como testemunha consciente há 50 anos, desde quando, em 1945, com 14 anos de idade, assisti à deposição de Getúlio Vargas.

Em 1950, convocado para o serviço militar, ajudei a garantir a posse do mesmo Getúlio Vargas. E, em 1954, residindo no Rio, fui até ao Palácio do Catete para ver o corpo do extinto Presidente.

O tema República me atrai. Mas, como não sou pedagogo, estou desobrigado de encarar a história sob a metodologia e a didática convencionais e com a comportada sisudez dos historiadores profissionais. Sempre me interessou mais o lado pitoresco dos eventos, o ângulo humano e passional das situações. Tenho, usando esse sistema, conseguido entender a reação dos personagens e o porque de certas atitudes.

Vou comentar determinados eventos, alguns de certo modo insólitos, desprezando vez por outra as algemas da cronologia. Não são fatos que, se ocorridos de outra forma, teriam conduzido o País a destino substancialmente diferente. Aconteceram, como poderiam não ter acontecido, sem terem interveniência radical no curso da História. É uma apreciação superficial do caráter e da idiossincrasia dos figurantes e das ações em que tomaram parte. Mais amenidades do que ciência.

São passagens das quais obviamente não fui contemporâneo, uma vez que sucederam em fins do século passado. Valho-me, pois, de depoimentos de ilustre historiadores e de pessoas que foram contemporâneas

e que direta ou indiretamente conviveram com os atores principais.

Estávamos no fim do atribulado segundo Governo da República, o do Marechal Floriano Peixoto. O jacobinismo era a tônica e,

> "dominando todas as posições políticas e ocupando todos os cargos superiores da administração, introduziu-se e conquistou também o funcionalismo. As repartições foram transformadas, (...) a República já não era só dos republicanos; mesmo no campo deles era mister uma seleção; a República era dos florianistas".

Antigos funcionários que não fossem entusiastas do florianismo eram postos à margem, demitidos, aposentados, afastados. Idêntico procedimento se observava nas forças armadas:

> "Promoções, demissões e reformas no Exército e principalmente na Marinha, foram feitas tumultuamente".

Porém, para felicidade e desafogo de muitos, chegava ao fim a era do Floriano: o duro e intransigente soldado já dera à pátria o melhor dos seus esforços e a fase derradeira da sua administração, agitada e violenta e já com o Chefe em precário estado de saúde, foi encerrada em 15/11/1894 (o Marechal de Ferro faleceria menos de 7 meses depois).

Sucedeu-o o Sr. Prudente José de Morais e Barros, de 53 anos, paulista de Itú. Foi o primeiro presidente eleito com o voto popular. O País recebia com alívio o primeiro Governo Civil da República. Prudente de Morais conquistara a presidência com o apoio, pelo menos circunstancial, do prestigioso político Francisco Glicério, líder do Partido Republicano Federal, e reunia elementos para encaminhar o País para um ciclo de concórdia e pacificação. O eleito, que era Senador da República, renunciara ao cargo e aguardava em sua terra natal o momento de retornar ao Rio de Janeiro para assumir a Presidência.

E, em 2 de novembro de 1894, Prudente chegou ao então Distrito Federal, vindo de São Paulo, para a posse no dia 15 do mesmo mês. Foi logo muito notado e comentado o fato de que o Governo Floriano não destacara sequer um funcionário para receber o eleito na Estação da Estrada de Ferro Central do Brasil. Apenas amigos, correligionários, admiradores e curiosos compareceram à gare para saudar o futuro Chefe de Estado. Este, ao desembarcar e em carros de aluguel fretados ali em frente da Central, dirigiu-se ao Hotel dos Estrangeiros, onde ficou hospedado com

a família. Somente à tarde, no Hotel, foi visitado pelo Capitão Tenente Sadock de Sá, ajudante de ordens de Floriano. Dias após Prudente de Morais procurou encontrar-se com o Presidente, com um pedido de audiência, feito através de um telegrama, o qual ficou sem resposta. A frieza e a animosidade de Floriano com relação ao seu sucessor estavam patentes e eram do conhecimento geral do povo; e ensejavam a divulgação dos boatos mais disparatados, inclusive o de que não haveria a transmissão do poder, existindo mesmo os mais apaixonados, que defendiam a continuação do governo forte do Marechal. O clima era o mais adverso possível e

> "tudo fazia crer que Prudente não tomaria posse, com governadores de Estados, jacobinos e exército em atitudes hostis e ameaçadoras (...). Diante desta situação, Prudente usa tática de compromisso. Intransigente, não recuando diante de qualquer situação, radical, o novo Presidente adota, em seu Ministério e nos primeiros anos de seu governo, uma posição contemporizadora".

Mas, apesar de toda essa oposição, assumiu o Governo da República. Seu Vice-Presidente era o Sr. Manoel Vitorino Pereira, médico, político e jornalista bahiano que, futuramente, lhe traria grandes dificuldades. A eleição de Vitorino para a Vice-Presidência foi, aliás, mais um reconhecimento à sua inegável inteligência do que gratidão à sua atuação política, de resto pouco relevante até a data.

Prudente prestou o compromisso formal no Palácio do Conde de Arcos (atual Palácio Guanabara) e daí dirigiu-se para o Palácio do Governo (Itamarati), junto com o Ministério e auxiliares que escolhera. Rodrigo Octávio, nomeado Secretário Particular do novo Presidente e que chegara com alguma antecedência ao Palácio do Governo, notou que

> "...o casarão, abertas as portas de todas as salas, regurgitava de gente que circulava por todo ele, alegre e barulhenta. Não havia a menor fiscalização, o menor serviço de ordem".

O palácio havia sido simplesmente abandonado pelo governo que findava e entregue ao público. O edifício não mostrava, como deveria, o ar de repartição pública, pela ausência de mesas de trabalho, de estantes e de arquivos. Conta mais Rodrigo Octávio que eram

> "...lindas salas, forradas, algumas de damasco de várias cores,

guarnecidas com ricos móveis, mais nada. A única demonstração de que ali vivera alguém era que, na grande sala dos fundos, que dá para o magnífico parque, jazia, sobre o assoalho de madeira, um caixão aberto, contendo jornais, papéis rasgados, garrafas vazias, de cerveja e as capas de palha em que essas garrafas deviam ter vindo envolvidas".

Floriano, dizia-se, não recebia ninguém. Em sua sala de despachos havia uma grande mesa com 8 poltronas e um armário. E um solitário livro, para colher a assinatura dos visitantes em dias de festa nacional. Austeridade, timide ou misantropia do Chefe do Governo? A perplexidade foi geral ante esse abandono, mas mesmo assim, em meio ao desconcerto geral, quando chegou a comitiva de Prudente, a este foi dada posse pelo Sr. Cassiano do Nascimento, Ministro do Interior e Justiça do Governo que se encerrava. Em brevíssimo discurso, logo após o que se retirou, o Sr. Cassiano confirmou que em nome do Vice-Presidente (como sempre se intitulou o Marechal Floriano), estava feita a transmissão. Alguns jornalistas escreveram que até o livro em que deveria ser lavrada a ata que registraria a posse estava desaparecido, tendo sido arrombada a gaveta de uma mesa para localizá-lo! Inexistia ou sumira do Palácio o serviço de copo e os brindes que se seguiram à solenidade foram feitos com bebidas finas e cristais tomados por empréstimo de hotel na vizinhança...

O caos encontrado e a manisfesta má vontade e descaso revelados pelos florianistas não pressagiava uma administração fácil para o Sr. Prudente de Morais. Os desastres que ocorreram com as tropas governamentais em Canudos, o assassinato do Marechal Bitencourt e o esforço tremendo para reorganizar a máquina administrativa bem atestam as dificuldades com as quais se deparou Prudente. E, para piorar, no atentado ao Presidente, no qual tombou o infeliz Marechal Bitencourt, graves denúncias apontavam para o Vice Manoel Vitorino Pereira como um dos mentores. Prudente percebeu claramente que não lhe seria amena a convivência com seu substituto.

Em meados de 1897, superando a duras penas as crises políticas, submeteu-se Prudente a delicada operação cirúrgica. Complicações posteriores à intervenção citada agravaram o estado de saúde do Presidente, que não teve outra solução senão a de licenciar-se para tratamento, buscando o restabelecimento em Teresópolis. O Sr. Vitorino, na qualidade de Vice, assumiu o Governo da República, muito embora Prudente, na ocasião, tivesse resolvido passar o cargo ao Sr. Manoel de Queiroz, Vice-Presidente do Senado, em vista dos rumores que corriam de que o Sr.

Vitorino estaria envolvido no referido atentado que vitimara o Marechal Btencourt. Tal manobra de Prudente não encontrou respaldo legal e o Vice Vitorino, agora interinamente investido na Presidência (de 11/10/1896 até 04/03/1897) era, na opinião de Dunshe de Abranches, pessoa de

> "gênio voluntarioso e árdego, com certos caprichos e assomos perigosos",

que, no Governo,

> "havia de querer impor as suas opiniões, levá-las por diante, e acabar chamando a si todo o supremo mando da política".

José Maria Bello afirma que

> "os antigos florianistas, como os desgostosos de toda a espécie do Governo de Prudente de Morais, acercaram-se do Vice-Presidente, que talvez tivesse de exercer a presidência a título definitivo pelo resto do quadriênio",

e Manoel Vitorino,

> "pelo seu próprio temperamento de idealista, não podia ter a perfeita serenidade de julgamento para resistir aos assédios dos radicais, dos defensores 'extremos' e 'puros' do regime. Deixa-se por eles envolver para criar depois uma situação de incompatibilidade e de luta com o seu companheiro de Governo".

Nos quase cinco meses da interinidade de Vitorino o Congresso viveu dias de grandes debates e imensas futricas, de marchas e contra-marchas, em que avultavam as figuras de Glicério, Rosa e Silva, Campos Salles, Pinheiro Machado, Arthur Rios e outros. Todos numa sôfrega luta pelo poder e já com os olhos na sucessão de Prudente...

Enquanto se travava essa disputa parlamentar, era ainda delicado o estado de saúde do Presidente licenciado. Na ocasião foi examinada até a possibilidade do falecimento do Sr. Prudente de Morais, em virtude do que, por preceito constitucional, seriam convocados novas eleições para Presidente, uma vez que menos da metade do quadriênio havia sido cumprida. Foram lembrados para o pleito os nomes de Quintino Bocaiúva, Francisco

Glicério e Campos Salles e ainda os de Júlio de Castilhos, Rui Barbosa e Lauro Sodré, menos cotados.

Nesse meio tempo e espantando mesmo a opinião geral, começava a convalescência de Prudente. O Presidente surpreendentemente recuperava-se, readquiria suas forças. Voltava-lhe a saúde, para a irritação dos vitorinistas...

Não se pode negar que a interinidade de Vitorino, apesar de todas as intrigas políticas, tenha trazido bons frutos para a República, nomeadamente no campo da economia que, sob a inspiração de Joaquim Murtinho, Ministro da Indústria, Viação e Obras Públicas,

> "fazia sentir em todas as outras pastas a sua poderosa influência, empolgando a direção suprema de toda a política financeira do Governo".

A imprensa européia, a propósito, foi unânime em comentar a investidura de Manoel Vitorino (entenda-se Joaquim Murtinho) no poder, chamado-a de "idade de ouro da República". Com toda a pompa foi inaugurado o Palácio do Catete, suntuoso exemplo de moderna arquitetura, que substituiu a velha casa da Rua Larga (onde posteriormente funcionou o Itamarati, quando a República tinha Sede no Rio de Janeiro). Chegou-se até a pensar, em vista desses sucessos, em sugerir a Prudente que pedisse uma longa licença para restabelecimento definitivo no velho continente.

Mas o "Solitário de Teresópolis", como a si próprio chamava, ainda era o efetivo Presidente da República e muito o incomodavam os acertos e as vitórias de Vitorino, ainda mais que, à sua volta fervilhavam toda a espécie de perfídias e de mexericos. Divulgou-se, inclusive, que Prudente, no cúmulo do mau humor, chegou a negar-se a receber a visita oficial de Vitorino que, não lhe sobrassem outras qualidades, era médico...

Para insuflar ainda mais seu ânimo, chegou ao conhecimento de Prudente que se armava contra ele uma conspiração, em que seria sequestrado ou mesmo pedida sua interdição e deportado. Foi a gota d'água que faltava no copo já cheio do Presidente. Com a saúde recomposta, resolveu reassumir.

Foram dias atribulados aqueles da reassunção. A imprensa agitava a opinião pública e a derrota da expedição Moreira César a Canudos, explicada pelos jornais mais radicais como manobra dos restauradores da monarquia, ainda mais acendeu as paixões. O assassinato de Gentil de Castro, tido como restaurador, criara clima perigoso para a consolidação

da jovem República.

Prudente voltou bruscamente de Teresópolis, sem aviso a Vitorino; seus colaboradores mais próximos, ao chegarem ao Catete, revolveram papéis, gavetas, arquivos, móveis, tudo o que encontraram, buscando não se sabe o que, numa demonstração clara de incivilidade, tendo membro mais afoito de sua família referido-se

> "enfaticamente a uma conspiração que se planejava contra o Presidente para conservar no poder 'aquela súcia de bandidos e salteadores do Tesouro".

Sem esperar resposta de seu substituto ao ofício que lhe endereçara comunicando sua disposição de retomar o poder, Prudente, instado por seus trêfegos auxiliares, acelerou a cerimônia a fim de evitar

> "uma nova jogatina na Bolsa com as batotas e negociatas em termo de realização, sob os auspícios de Manoel Vitorino e de Murtinho".

Fuxicos à parte, o fato era que Vitorino aspirava continuar no cargo; e Prudente, por direito, porém açodada e deselegantemente, desejava recuperá-lo. Dessas atropeladas maquinações não poderiam ficar de lado os nomes de Glicério e de Bernardno de Campos que, segundo corria, feridos em seu amor próprio por terem sido contrariados por Vitorino no rumoroso caso da antecipação das eleições parlamentares, levantaram graves suspeitas contra o dito Vitorino no espírito de Prudente, envenenando-o mais ainda. Logo o Bernardino de Campos que, em sua apagada atuação no Ministério da Fazenda de Prudente, intervira apenas em um "negócio" e exatamente em seu próprio benefício: foi quando da indenização de alguns "milhares de contos" ao Banco União de São Paulo, aos quadros do qual pertencia e cuja presidência assumiu somente 15 dias após deixar o Ministério...

A agitação política continuou, saindo alguns personagens da cena e projetando-se outros. Adesões, defecções, torrentes de manifestos, calúnias e fisiologismo desenfreado, este foi o clima vivido naquela época, tudo sob a incitação da imprensa. Eram males de que a República, com pouco mais de um lustro, ainda não se livrara. Como deles não se libertou até hoje. Fato muito significativo para o curso da política republicana, que se achava em fase de afirmação, foi a ruptura do Partido Republicano Federal. Mas, apesar de todos esses percalços, Prudente terminou o seu quadriênio. Aclamado por uns, detestado por outros.

As falácias e os escândalos da nossa atual República, agora muito mais difundidos pela notável evolução da mídia, porém tão perniciosos quanto no período examinado, continuam a envolver cifras vertiginosas. Muito mais se poderia contar sobre os quatro anos de Prudente. Mas, além das limitações de espaço, correria eu o risco de me tornar monótono ao continuar a crônica da conduta de todos os participantes. Basta apenas ao eventual leitor mais interessado, hoje, trocar os nomes e a Capital do País, que obterá quadro parecidíssimo com aquele que foi de 15/11/1894 a 15/11/1898. Mudaram os homens, mas permaneceram suas imperfeições. Imperfeições agora, convenhamos, bem mais sofisticadas...

# Bibliografia


Abranches, Dunshe de. **"Como se faziam Presidentes"**, Rio, Livraria José Olympio Editora.

Bello, José Maria. **"História da República"**, São Paulo, Cia. Editora Nacional.

Basbaum, Leôncio. **"História sincera da República, de 1889 até 1930"**, 2º vol. Rio, Livraria São José.

Octávio, Rodrigo. **"Minhas memórias dos outros"**, Rio, Editora Civilização Brasileira.

Carone, Edgard. **"A primeira República (1889-1930)"**, Rio, Difel.

# Do Discurso Histórico

Miguel Depes Tallon

*"Tudo é história.*
*Porque tudo é história,*
*o que foi dito ontem é história.*
*O que foi dito há um minuto é história".*

Claude Lévi-Strauss

*"Na ciência como na vida cotidiana,*
*quando um paradigma se torna exclusivo,*
*teorizarse faz desnecessário ou impossível".*

Luiz Costa Lima

*"A História é a ciência do*
*homem no tempo".*

Marc Bloch

## Introdução

É cediço que a História é tão antiga quanto o homem. O que é mais recente é o seu **discurso**. E é sobre as **bases epistemológicas** desse discurso que se pretende discorrer.

**Ciência** ou **disciplina**? **Narrativa** ou **História**? Tais questões, ao longo dos séculos centraram as discusões em torno da **História**. E na sua longa trajetória, da Grécia Antiga aos tempos atuais, a História evoluiu, teve fases, foi objeto de reação e, não raro, de conservadorismo, revelando nas obras de seus autores a mentalidade de sua época.

É preciso restar claro que **a História tem um discurso**, mas que esse discurso, pelas características **científicas** que assume, obedece a princípios e leis, sem os quais poderia facilmente ser confundido com a **literatura**. Peter Gay ensina, com muita felicidade, que é **perfeitamente possível escrever história com estilo, mas sem, em nenhum momento, abdicar da cientificidade do discurso. Sim, porquanto História e Literatura têm fins distintos. O da História é científico, o da Literatura, artístico. Daí, porque é perfeitamente possível produzir-se um texto histórico, que seja, ao mesmo tempo, literário. Mas o contrário já não é possível, porquanto se assim fosse, não se estaria produzindo um texto de História, mas uma narrativa.** (1)

Assim, o que se pretende é apresentar a evolução do **discurso histórico,** desde suas origens e suas transformações, até a recente e contemporânea **Nova História.**

Por uma questão puramente metodológica, chamarei o **estudo do discursos histórico de Historiografia.**

## O Mito

Shotwell já lembrava que **"la más antiga narración histórica es el mito".** (2) E assim o definia: **"Es al mismo tiempo una explicación. No es un simples producto de la imiginación, del juego del arte con las fantasías descarriadas de unos hombres infantiles. Los mitos - mitos autênticos, genuínos, no la epopeya homérica compuesta para auditorios cultivados, críticos - son afirmaciones de hechos para el creente. Son resultados sociales, extaridos de la experiencia y**

**adecuados para nuevas experiencias. Las largas canoas son arrastadas mar adentro por el huracán del sudeste, y ano tras ano, en las noches de invierno, junto a las fogatas de los campamentos de quienes viajan en largas canoas, la historia se repite una y otra vez que la tribu se aleja del mar o hasta que una nueva raza trae trirremes movidas desde el interior".** (3) E mais à frente, concluía: **"toda la fuerza de la sociedad está de parte del mito".** (4)

Contudo, é preciso destacar não ser o **mito História. O mito é narrativa, mas não é História.** Até porque, como muito bem explica Moses Finley, **"muito antes de alguém sonhar com a história, o mito deu uma resposta".** (5) Nesse sentido, não é casual o fato de, para os gregos, o seu referencial histórico ser Homero, e não Heródoto. Na verdade, o mito é **semi-história,** assim como a História Teocrática. (6) Tal concepção mito-teocrática da História campearia por todo o Oriente e Ocidente Mediterrânico, até a aparição dos gregos. (7)

## A Historiografia Grega

Também entre os gregos, o mito veio antes. Veio nos poemas de seus dois maiores mitógrafos: Hesíodo e Homero.

Hesíodo, em seus **"Teogonia"** e **"Os trabalhos e os Dias"**, virtualmente estabeleceu os limites entre o humano e a divindade.

Já Homero si se constitui em assunto bastante para inesgotáveis trabalhos, vez que até sobre sua própria existência dúvidas foram suscitadas. Isso sem se falar na hipótese, não inteiramente afastada, de não ter havido apenas **um Homero, porém, vários.** Isto é, em verdade, Homero poderia ser não somente um **aedo**, ou um **rapsodo**, mas vários, cujos cantos se somariam num único e indivisível conjunto. (8) Não há, hoje, mais dúvidas de que, para os gregos antigos, o **referencial** era Homero. Shotwell destaca que **"Los poemas homéricos fueron para los griegos - por lo que la historia respecta - casi lo que el Antiguo Testamento fué para los judíos".** (9) Mas, remontando ainda a Shotwell, **"nada de esto es historia, ni Homero, ni Hesíodo. Es poesía, fantasía, arte, creación de la imaginación, idealización de realidades y de los sueños. La historia comenzó dentro de un marco distinto, más oscuro. Incluso en cierto sentido este material poético cerró el paso a la historia. Desde el punto de vista de la ciencia, el arte se superó, los poemas estaban demasiado**

**bien hechos. Impidieron que los griegos buscaran ninguna otra narración, por que? qué podía ofrecer el pasado tan satsfactorio, tan espléndido, como los hechos de la saga que todos conocían, y la edad dorada de dioses y hombres en que creían todos"?** (10)

É verdade que, tanto na **"Ilíada"**, quanto na **"Odisséia"**, Homero é épico. **"Contudo, o que quer que tenha sido, o épico não era história,** - leciona Finley - **"e sim uma narrativa, detalhada e precisa, com descrições minuciosas de guerras, viagens marítimas, banquetes funerais e sacrifícios, todos muito reais e vividos; ele podia conter inclusive algumas sementes encobertas do fato histórico - mas não história. Como todo mito, era atemporal"** (11)

Antes de Heródoto, todavia, ainda houve os **logógrafos**. Estes eram copistas, sem nenhuma outra preocupação com seus relatos, senão a de os apresentarem. O primeiro **logógrafo** de quem se tem notícia foi Cadmo de Mileto, autor de **"A Fundação de Mileto".** Aliás, foi Mileto um grande centro de **logógrafos,** tendo havido mesmo uma **escola de milésios**, da qual o maior nome foi o de Hecateu, de quem se conhecem **"Viagens pelo Mundo"** e **"Genealogias"**. Mas, de qualquer forma, o que quer que tenham feito, os **logógrafos** não fizeram história, fizeram **narrativa**. (12)

É possível que a palavra **"História"**, na acepção que passou a ter, não tenha sido empregada pelo primeira vez por Heródoto. Especula se em torno de um discípulo de Aristóteles, chamado Teofrasto, que teria escrito uma obra titulada **"Da História"** e da qual nada mais se sabe. Fala-se, também, num outro peripatético, de nome Praxífanes. Mas são puramente especulações. (13)

Assim, por volta de 480 a.C., nascia Heródoto, o grande responsável pela enorme transformação que se operou no mundo grego, com o advento da **História, como investigação em busca da verdade.**

No primeiro parágrafo de sua **"História"**, Heródoto inaugurava, na acepção moderna, na acepção **cientifica**, a **História**, ao assinalar: **"Ao escrever a sua História, Heródoto de Halicarnasso teve em mira evitar que os vestígios das ações praticadas pelos homens se apagassem com o tempo e que as grandes e maravilhosas explorações dos gregos, assim como as dos bárbaros, permanecessem ignoradas; desejava ainda, sobretudo investigar as causas que os levaram a fazer guerra uns aos outros."** (14)

A **"História",** de Heródoto se divide em três livros, que, por seu turno, se subdividem em outras três seções, num total de nove partes. No Primeiro Livro, Heródoto trata da Ásia, principalmente dos persas, e do Egito, quando então, profere a sua famosa conclusão sobre o caráter potâmico da

civilização egípcia, ao afirmar **ser o Egito uma dádiva do Nilo**. No Segundo Livro, estuda os gregos, deixando para o Terceiro, as guerras entre os gregos e os persas. Há em toda obra, uma preocupação visível em se valorizarem as fontes, restringindo-se os relatos mitológicos ou lendários, mediante expressa referência, a fatos dignos de pouco crédito. Mesmo assim, não desfrutou Heródoto de muita popularidade entre os gregos, para os quais o seu **referencial histórico continuava sendo Homero**. Alguns historiadores modernos contestam a cientificidade de Heródoto, preferindo vê-lo apenas como mais um **logógrafo.** Todavia, ninguém pode lhe retirar o mérito de ter sido, **de fato, o primeiro historiador a se imbuir da preocupação científica de investigar as causas dos processos históricos, em busca da verdade. Daí, porque o discurso histórico se inicia realmente com Heródoto.**

Imediatamente após Heródoto advém Tucídides (460-316 a.C.). Tucídides escreveu **"História da Guerra do Peloponeso",** para muitos, inclusive Francisco Iglésias (15), o marco inicial da moderna História.

Ao contrário de Heródoto, que primava pela espontaneidade, Tucídides era afetado e grandiloqüente. Aliás, a maior censura que se faz à sua obra reside exatamente em ter feito dos embaixadores gregos, nas assembléias, invejáveis oradores, numa supervalorização da retórica.

Com a morte de Tucídides, a historiografia grega não mais experimenta altos vôos, não obstante o esforço de Xenofonte, com suas **"Anábase", "Ciropédia"** e **"Helênica"**, Teopompo, com suas **"Helênica"** e **"Filípicas"**, e Timeo, o primeiro a estabelecer para a História o cômputo das Olímpiadas. Contudo, dois grandes nomes ainda surgiriram: o de Aristóteles, que, conquanto abraçasse outras preocupações intelectuais, também incursionou pela História, com a sua **"Constituição de Atenas"**, e o de Políbios, com sua monumental **"História".**

Registre-se apenas, que, por mais paradoxal que possa parecer o último nome importante da Historiografia Grega foi o do romano Fábio Píctor que, por uma questão de opção, preferiu escrever sua obra em grego e não em latim, para que viesse a ser como veio - inserido na Historiografia Grega, pelas diferenças desta para com a Historiografia Romana.

## A Historiografia Romana

Os romanos iriam promover duas profundas alterações nos rumos

do **discurso histórico**. A primeira, de ordem **semântica**, modificaria o próprio sentido da palavra **História**, que, para os romanos, **passaria a designar o registro de fatos contemporâneos**. Para os fatos passados, os romanos adotariam a palavra **Anais**. A segunda modificação foi quanto à própria natureza da História, que, contrariamente aos gregos que a tinham como **uma investigação em busca da verdade,** passou a ostentar uma finalidade pragmática, até então desconhecida. Para os romanos, a História passou a ser um instrumento de transmissão de exemplos cívicos e patrióticos. Elucidativo é o **prefácio** de Tito Lívio para sua **"História de Roma"**, de onde é possível pinçar-se o seguinte trecho:

> **"O que é sobremodo salutar e producente, no conhecimento da história, são os exemplos instrutivos de toda espécie que se descobrem à luz da obra. Nela se encontram, para o teu benefício e o de teu país, modelos dignos de imitação assim como ações vergonhosas, cujas causas e consequências é preciso evitar."** (16)

O primeiro historiador romano, reconhecido como tal, foi Fábio Pícor, que, por uma questão de opção, preferiu ser inserido na Historiografia Grega, ao escrever toda a sua obra em grego. A sua **"História"** relatava a história de Roma, dos tempos legendários de Enéas até a sua própria época, no século III a.C.

Considerado como o **"pai da História Romana"**, marco Pórcio Catão escreveu uma obra, em sete volumes, a que titulou de **"Origens"**, sobre os primeiros tempos de Roma.

Contudo, o primeiro historiador romano a emprestar à sua obra o sentido genuíno da História foi L. Célio Antipater, ainda que Cícero considerasse Ennio no mesmo plano que Heródoto.

Mesmo assim, tais historiadores não podem ser considerados originalmente como tais, devendo antes, serem considerados como simples **redatores de anais**, algo muito próximo dos **logógrafos gregos**. Copistas, enfim.

Após a fase dos **Anais,** a Historiografia Romana conhece o seu apogeu com sua trindade máxima; Tito Lívio, Salústio e Tácito.

Nascendo em Pádua, em 57 a.C., Tito Lívio seria o autor da mais importante obra sobre Roma, justamente titulada de **"História de Roma".** Dotado de um estilo elegante e objetivo, soube, ao mesmo tempo, valorizar as lendas e tradições, e estabelecer os reais limites do seu aproveitamento, nunca deixando de alertar o leitor para a pouca credibilidade que tais lendas

deveriam receber.

Caio Salústio Crispo (56 a.C. 34 d.C.) pode sem nenhum favor ser considerado como o historiador romano estilisticamente mais brilhante, embora pecasse por seu pouco conhecimento geográfico e por ter desdenhado da pesquisa, pagando a terceiros para que a fizessem para ele. Salústio escreveu inúmeras obras, das quais só restam alguns fragmentos, a **"Conjuração de Catilina"** e a **"Guerra Jugurtina".**

Tácito é o terceiro grande nome da Historiografia Romana, tendo escrito **"Anais", "Germânia",** e **"História"**. Sua obra, para muitos, é a mais bem acabada realização da Historiografia Romana.

Três outros nomes anda teriam destaque na Historiografia Romana, embora não no mesmo patamar em que se situaram os três maiores historiadores romanos, já referidos. Os outros três, ainda que num plano inferior, porém dotados de um estilo fluente e belo foram Cícero, Júlio César e Suetônio.

Cícero, conquanto fizesse da política a atividade central de sua vida, vindo a ser o maior retórico romano, também escreveu sobre História, deixando um **"Manual Sobre a Escrita da História", "Bruto"** e uma **"História da Oratória".**

De Caio Júlio César, autor dos **"Comentários Sobre a Guerra Gaulesa"**, o mínimo que se pode dizer é que foi cronista de suas próprias campanhas.

E Suetônio Tranquilo (75-160 d.C.) foi o responsável pela elaboração de uma obra ainda hoje de enorme aceitação, **"A Vida dos Doze Césares".**

Com a cristianização do Império, a Historiografia passaria a viver, sob o influxo da religião.

## A Historiografia Medieval

A Historiografia medieval se desenvolve em duas vertentes, a **cristã** e a **islâmica.**

Com o triunfo de Ponte Mílvia, Constantino, "o Vitorioso", cristianizou o Império Romano, e, sob a influência do cristianismo, a Historiografia foi subordinada à teologia, introduzindo-se na História, um elemento novo, a **intervenção da divina providência, isto é, a mãos de Deus.** Mesmo assim, a Historiografia Cristã teve dois grandes nomes: Eusébio de Cesaréa e Agostinho. Eusébio foi responsável por uma das obras mais importantes

da Igreja, a **"História Eclesiástica"**, embora tenha também escrito uma **"Crônica"**. Agostinho publicaria em 425 a sua **"História da Igreja"**, até hoje utilizada pela cúria romana. Em ambos os autores é por demais patente o **maniqueísmo, prejudicando sensivelmente qualquer eventual substrato científico que se pudesse querer atribuir-lhes.**

Com isso, fatalmente, o eixo científico da Historiografia seria deslocado para outro centro: O **Islã.**

Ainda tolerante, como religião - o **xiismo só muito mais tarde se afirmaria como força** - e visivelmente sob a influência grega, o Islã conheceu uma prodigiosa historiografia, na qual se sobressaíram Al Biruni, Al Tabri e Ibn Khaldun.

Astrônomo, geógrafo, físico, químico, matemático, gramático e, sobretudo, historiador, Al Biruni deixaria uma vasta obra, da qual se destaca sua **"Viagem à Índia".**

Al Tabari (839-923) pode ser considerado como mais ilustre representante da Historiografia Islâmica, com sua **"Kitab al rasul Wa-l-muluk" ("História dos profetas e dos reis")**, compreendendo os três primeiros séculos da **hégira.**

Natural de Túnis (1332) e morto no Cairo (1406), Ibn Khaldun escreveu **"Prolegômenos ou Filosofia Social"** e a **"Muqaddima"**. Historiador original, Ibn Khaldun foi, na verdade, o criador da **Filosofia da História**. Em seus **"Prolegômenos"**, Ibn Khaldun afirma ter descoberto **um método novo de escrever a História**. Eis sua palavras: **"Na sua concepção e na distribuição das matérias, adotei um plano original, elaborei um método novo de escrever a História, escolhendo um caminho que certamente surpreenderá o leitor, e seguindo uma marcha e um sistema inteiramente novos."** (17) Segundo Jacques Le Goff **"revela-se um grande filósofo da história com a teoria (que anuncia Montesquieu, mas que já é tradicional na sua época entre os historiadores e geográfos muçulmanos) da influência dos climas, não desprovida de racismo (perante os negros) e principalmente a teoria do declínio (...) Mas previu uma concepção e uma prática "científica" da História (Tucídides), a investigação das causas (Políbio), a procura e o respeito pela verdade (todos e principalmente Cícero)."** (18)

## A Historiografia Moderna

A Historiografia Moderna se inicia com a Renascença, a partir do

momento em que se revaloriza, a exemplo da cultura clássica, o **humanismo.** Com a visão **antropocêntrica do mundo,** o homem da Renascença restabelece os padrões gregos da crítica histórica, **numa irreversível investigação rumo à verdade.**

O primeiro grande nome da Historiografia da Renascença é o de Lourenço Valla. Valla (1406-1457) lançou as bases da **moderna crítica histórica,** logrando após metódica investigação provar a falsidade de dois importantes documentos da Igreja, a **"Doação de Constantino"** e o **"Credo dos Apóstolos".**

Nicolau Maquiavel é o segundo grande nome da Historiografia Moderna, mas não tanto por sua obra mais famosa, **"O Príncipe"**, mas exatamente por aquelas dirigidas À História, quais sejam **"A Arte da Guerra", "Comentários às Décadas de Tito Lívio",** e a belíssima **"História de Florença".**

Dotado de uma análise minuciosa e realista, Francesco Guiciardini (1483-1540) foi o responsável pelo produção da até então mais bem fundamentada e elaborada **"História da Itália".**

Na esteira da nova crítica histórica, que se afirmou com a Renascença, a Historiografia Ocidental iria evoluir em dois sentidos diferentes: no do **cartesianismo** e do **anti-cartesianismo**.

Claramente precurso do **iluminismo**, René Descartes (1596-1650), através de um raciocínio extremamente lógico, totalmente calcado sobre a **dúvida**, produz também uma **teoria da História**, na qual, segundo Collingwood, **"Descartes apresenta aqui quatro aspectos que importa distinguir: 1) Fuga da realidade por parte da história: o historiador é um viajante que, vivendo longe de casa, se torna um estranho em relação à sua época. 2) Pirronismo Histórico: as narrativas históricas não são relatos do passado que mereçam a nossa confiança. 3) Conceito anti-utilitário da história: as narrativas, não sendo dignas de nossa confiança, não podem, na verdade, ajudar-nos a compreender o que é possível e, deste modo, não podem ajudar-nos a atuar no presente. 4) A história como construção de fantasias: é fazendo-o aparecer aos nossos olhos, mais esplêndido do que ele realmente foi, que os historiadores, - mesmo no melhor dos casos - deformam o passado."** (19)

É evidente, como não poderia deixar de ser, que o **discurso histórico** de Descartes provocasse reações, no que se convencionou chamar de **anti-cartesianismo** e do qual os maiores nomes foram Locke, Berkeley e Vico. Ao contrário de Descartes, que acreditava estar na dúvida o caminho para o conhecimento, John Locke já o situava na sensibilidade sensorial, do que surgiu o **empirismo**. Locke em seu **"Essay" ("Ensaio**

**sobre a Tolerância")** e nos dois **"Tratados Sobre o Governo Civil"** já prenunciava claramente o espírito das Luzes. Todavia, o maior nome do anti-cartesianismo foi o de Gianbattista Vico, responsável pela elaboração de uma original obra histórica.

Baseado em sua experiência histórica, Vico intentou formular os princípios do método histórico, procurando um princípio capaz de estabelecer o limite entre **o que poderia ser conhecido e o que não poderia.** Vico considerava o processo histórico, um processo pelo qual **o homem elabora sistemas de linguagens, costumes, leis governos e etc..** Em verdade, vê a História como a **História do surgimento e do desenvolvimento das sociedades humanas e das suas instituições.** (20) Neste sentido, demonstrou que **o estudo lingüístico pode lançar luz sobre a História. Pela etimologia se pode revelar a espécie de vida de um povo, enquanto nasce sua língua.** (21)

## A Historiografia das Luzes

O Século XVIII seria marcado, de ponta a ponta, pela mentalidade das **Luzes**. O **Iluminismo**, que já se anunciara nas obras de Locke, Hobbes, Descartes e Spinoza se consolidava, apresentando-se de forma exuberante nas publicações de Rousseau, Diderot, Mably, Montesquieu, Voltaire, Holbach, Condorcet e Gibbon.

Além de suas investidas contra a intolerância, a tirania, o despotismo e a monarquia, O **Iluminismo foi uma violenta investida contra a Igreja, pelo que representava tal instituição principalmente na França - em termos de conservadorismo e reacionarismo.** Na História não foi de forma distinta. E não por acaso, seus dois maiores nomes, Voltaire e Gibbon, endereçaram à Igreja virulentos ataques.

Voltaire, autor de **"Cândido", "O Século de Luís XIV", "História de Carlos XII"** e **"Ensaio sobre os costumes"**, nasceu em 1694, vendo a falecer em 1778, no topo de uma popularidade ímpar entre os franceses. Para Voltaire, pseudônimo de Francois-Marie Arouet, o cristianismo herdou dos hebreus o fanatismo, a supertição e a hipocrisia, tendo provocado mais guerras e derramado mais sangue do que qualquer outra religião.

Já Edward Gibbon foi o responsável pela mais bem elaborada obra história do século, composta de seis volumes e à qual, Gibbon deu o título de **"Declínio e Queda do Império Romano".** Mais incisivo que Voltaire,

Gibbon via no advento do cristianismo uma das causas da decadência do Império Romano, quando a **religião cívica do estado foi substituída pela barbárie cristã.**

Ao afirmar que **"os homens são o que seus hábitos, seu clima e sua educação fazem deles",** (22) Montesquieu, outro grande nome das **Luzes** e autor de **"Do Espírito das Leis", "Cartas Persas"** e **"Grandeza e Decadência dos Romanos"**, numa certa maneira, já anunciava a **História das Mentalidades.**

Com a idéia de que o progresso era uma transição entre estados, Condorcet plantava as raízes, das quais, no século seguinte, germinaria o **positivismo** de Auguste Comte.

## A Historiografia Contemporânea

Tenho por **Historiografia Contemporânea** aquela compreendida pelo Século XIX e pelos três primeiros decênios do Século XX.

No Século XIX, antes de partir para a análise do **marxismo** e do **positivismo**, registro duas produções originais, a de Michelet e de Dilthey.

Autor de uma vasta obra, Michelet é o historiador francês mais importante do Século XIX. Tendo nascido em 1798, morreria em 1874, deixando entre outras as seguintes obras: **"História Romana", "O Povo", "História da França", "História da Revolução Francesa", "A Feiticeira" e "Agonia da Idade Média".** Em sua obra, Michelet lembrava que **"cada homem é uma humanidade, uma história universal".** (22)

Em 1883, sob o título de **"Einleitung in die Geisteswissenschaften" ("Introdução às Ciências do Espírito")**, Dilthey ofereceria a sua contribuição à História, antecedendo Windelband em onze anos, no sentido de que **"a história trata de indivíduos concretos e as ciências da natureza tratam de generalizações abstratas."** (23) Além disso, Dilthey percebeu a importância da **psicologia para a interpretação histórica, afirmando não ser possível alcançar-se o conhecimento histórico sem o emprego da psicologia.**

Surgindo das obras de Marx e Engels e visivelmente influenciado por Hegel (24), o **marxismo** seria o responsável pelo aparecimento da mais sólida **Teoria da História** dos tempos contemporâneos. Apontando a **luta de classes** como o grande motor da História, aplicando o **materialismo dialético** à História, no chamado **materialismo histórico**, o **marxismo,**

não obstante a supervalorização do **econômico** na formação dos processos históricos, justamente como resultante da sua **interpretação econômica da História,** ainda tem oferecido alternativas eficazes de análise aos estudiosos da História, principalmente depois da obra renovadora de Gramsci (25). Para Marx e Engels, **a História era a ciência das ciências.**

Visivelmente inspirado em Condorcet, Auguste Comte lança os fundamentos do **positivismo**, elaborando, também, uma **Teoria da História**. O grande equívoco da teoria de Comte residiu na tentativa de se colocar a filosofia a serviço das ciências da natureza, **subordinando a História à sociologia, na elaboração do chamado "método crítico"**. Em decorrência do novo método, chegou-se a uma História que, simplesmente, **consistia em narrar o que se passou, chegando-se a uma História meramente fatual, com a supervalorização do evento**. Além disso, reafirmado por Charles Victor Langlois e Charles Seignobos o **método crítico** passou a ser sintetizado numa máxima exposta num manual dos dois historiadores, publicado em 1898: **"sem documentos não há história"**. (26) Nessa corrente, emerge a obra de Leopold Ranke, considerado por não poucos como o fundador da História científica. Entretanto, no entender de Jacques Le Goff, **"Ranke empobreceu o pensamento histórico, atribuindo excessiva importância à história política e diplomática. O seu pensamento foi porém deformado em dois sentidos: um positivista e um idealista. Os historiadores franceses (Langlois e Seignobos, 1898) e principalmente americanos (Adams, 1884) viram nele "o pai da história", de uma história que se limitava À "estreita observação dos fatos, à ausência de moralização e de ornamentos, à pura verdade histórica."** (27)

## A Historiografia Atual

Na Historiografia que se desenvolve após os primeiros decênios do Século XX, coexistem as tendências **marxista e positivista**, esta sob um novo invólucro e merecidamente conhecida por **neopositivismo** e predominante.

Entre os neopositivistas despontam Oswald Spengler com seu famoso **"Declínio do Ocidente"**, onde já se percebem as diretrizes que conduzirão ao nacional socialismo, e Arnold Toynbee com seu **"Estudo de**

**História"** e sua singular noção de civilização. Para Toynbe, desde seu aparecimento até os dias atuais, a Humanidade só conheceu pouco mais de vinte civilizações.

No final do século, entre os marxistas, se destacaria Eric Hobsbawn com uma vasta obra, inclusive com a História do Mundo Burguês nos volumes: **"A Era das Revoluções", "A Era do Capital", "A Era dos Impérios"** e, recentemente, **"A Era dos Extremos"**.

A preponderância do **positivismo e do neopositivismo**, no entanto, não seria pacífica, surgindo na Universidade de Estrasburgo a chamada **"Escola dos Anais"**, a partir da fundação, por Marc Bloch e Lucien Febvre, da revista **"Annales"**. Liderada por Marc Bloch e Lucien Febvre, a reação ao **positivismo**, seria responsável **pela maior renovação da historiografia nos últimos tempos.**

A **Escola dos Anais**, ou **Nova História** renovou intensamente a História, criando novas alternativas de análises e novos enfoques, com o aparecimento de novas modalidades de História, como a **Etno-História**, a **História das Mentalidades**, a **História do Cotidiano**, a **História Social**, a **História do Imaginário** e a **História Totalizante**, sem nenhuma relação com nenhum totalitarismo, resultado da **imbricação da História com as Ciências Sociais.**

De 1929, quando foi fundada, até os dias atuais, a **Nova História** viveu quatro fases. Na primeira, de 1929 a 1939, esteve sob a direção de Marc Bloch e Lucien Febvre. Com a guerra, os trabalhos foram suspensos e quando retomados, os foram com a deplorável perda de Marc Bloch, morto num campo de concentração nazista. A segunda fase tem a liderança isolada de Lucien Febvre, indo de 1946 a 1956. De 1956 a 1968, desenvolve-se a terceira fase, sob a codnução inovadora de Fernand Braudel. E, finalmente, de 1968 aos dias atuais, a liderança cabe a Jacques Le Goff.

Embora tenha sido por demais relevante para a renovação dos estudos históricos, a **Escola dos Anais**, teve, indubitavelmente, em Braudel o seu nome de maior prodígio. A par de ser autor de uma importante obra histórica, Braudel ainda criou a **Longa duração e as economias-mundo.** Para Braudel, **"entre os diferentes tempos da história, a longa duração se apresenta assim como um personagem embaraçante, complicado, amiúde inédito."** (28) A **longa duração** seria, então o **tempo das conjunturas estruturais, que só muito pacientemente se arrasta, ao contrário da curta duração, que tem no evento a sua maior expressão. Assim, em verdade, a longa duração é, por excelência, a história anti-evento.** Entende Braudel que o **tempo histórico das estruturas não têm a mesma duração dos eventos. Aqueles passam mais**

**lentamente**. Tomando-se, por exemplo, o Império Romano, verifica-se que, quando Roma cai em poder dos hérulos, em 476, encerra-se **politicamente** o Império Romano do Ocidente. Mas só politicamente, **porquanto suas estruturas sobrevivem, não soçobram de imediato, permanecendo em circulação as moedas romanas, em uso, o direito romano, sendo igualmente falado, o latim, até que do seu contato com os idiomas bárbaros, surjam as línguas neolatinas.** A outra grande criação braudeliana é o conceito de **economia-mundo**, pela qual se entende **"a economia do mundo considerada em seu todo, o "mercado de todo o universo", como já dizia Sismondi. Por economia-mundo, palavra que forjei a partir do vocábulo alemão "Weltwirtschaft", entendo a economia de somente uma porção do nosso planeta, na medida em que essa porção forma um todo econômico."** (29)

## Conclusões

É evidente que, após a longa trajetória percorrida pelo discurso histórico, da Grécia Antiga aos dia atuais, alguns pontos já restam pacificados. Assim, por exemplo, nos dias de hoje já ninguém mais discute o **estatuto científico da História**, imbricada, graças à **Nova História, às demais Ciências Sociais**, numa valorização multifacetada do cotidiano, da vida privada e de outras áreas até então menos privilegiadas, resultando **"daí a necessidade de desenvolver os métodos de uma História até então desprezados - textos literários ou de arquivos, que atestam humildes realidades cotidianas - os "etnotextos".** (30) Até mesmo para que se ratifique o contundente juízo de Lévi-Strauss, para quem **"a História é uma ciência do concreto."** (31)

# Notas

(1) - **Gay**, Peter. **"O Estilo na História"**, São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

(2) - **Shotwell**, J. T. **"Historia de la historia en el mundo antiguo"**, Mexico: Fondo de Cultura Economica, 1982, p.30.

(3) - **Idem, Ibidem**, p. 30-1.

(4) - **Idem, Ibidem**, p. 31.

(5) - **Finley,** Moses I. **"Uso e abuso da história"**, São Paulo.

(6) - **Idem, Ibidem**, p. 5.

(7) - Sobre a questão do **"mito"** de Jean-Pierre Vernant e Pierre Vidal-Naquet, **"Mito e tragédia na Grécia Antiga"** (2 vol., São Paulo: Brasiliense, 1991); de René Girard, **"A violência e o sagrado"** (São Paulo: Editora Universidade Estadual Paulista, 1990); de Jean-Pierre Vernant, **"Mito e religião na Grécia Antiga"** (Campinas, SP: Paz e Terra, 1990) e **"Mito e pensamento entre os gregos"** (Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990); de Paul Veyne, **"Acreditaram os gregos nos seus mitos?"** (Lisboa: Edições 70, 1988); de Pierre Grimal, **"Dicionário de Mitologia Grega e Romana"** (Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1992); de Giulia Sissa e Marcel Detiene, **"Os deuses gregos"** (São Paulo: Companhia das Letras, 1990); de Joseph Campbell, **"As máscaras de Deus"** (São Paulo:

Palas Athena, 1992). O romance **"O Dossiê H"**, de Ismail Kadaré, conquanto seja ficção, contém interessantes informações sobre a existência, em dias de hoje, de **rapsodos**, nas montanhas da Albânia.

(8) - Sobre a questão da existência de Homero, não deixar de ver **"A Grécia Arcaica de Homero a Ésquilo"** (Lisboa: Edições 70, 1989), de Claude Mossé.

(9) - **Shotwell,** op. cit., p. 181.

(10) - **Idem, Ibidem**, p. 183.

(11) - **Finley, Moses I,** op. cit., p. 7.

(12) - **Collingwood**, R. G. **"A Idéia de História"**, 7ª edição. Lisboa: Editorial Presença Ltda., 1989, p. 29. Ver também **Shotwell**, op. cit., p. 189.

(13) - **Finley**, Moses I., op. cit., 4. Destaque-se, todavia, que a palavra **"História"** é empregada pela primeira vez no sentido de **"investigação"**, na **"Ilíada"**, de Homero. Veja-se sobre isso **Shotwell: "El "historiador" era el "indagador" o buscador de la verdad. La palabra fué ya empleada en este sentido en la "Iliada", donde las partes contendientes en una disputa legal llegan gritando: "Hagamos nuestro árbitro (nuestro "híston") a Agamenón, hijo de Atreo". Sin duda, con la palabra "híston" Homero quería decir el hombre versado en las costumbres de la tribu y que puede resolver el derecho del caso "indagando" en los hechos". (Shotwell**, op. cit., p. 186).

(14) - Há inúmeras traduções de Heródoto. J. Brito Broca, por exemplo, na tradução que fez para a "Ediouro", omitie inexplicavelmente, no primeiro parágrafo da obra, a chave básica, qual seja, **"investigar"**. A tradução de Cury para a Editora da UNB é muito mais precisa e fiel.

(15) - **Iglésias**, Francisco. **"História e Ideologia"**, São Paulo: Perspectiva, 1981.

(16) - **Tito Lívio. "História de Roma"**, vol. I, São Paulo: Paumape, 1989, p. 18.

(17) - **IBN Khaldun. "Os Prolegômenos ou Filosofia Social"**, São Paulo: Instituto Brasileiro de Filosofia, 1958, p. 12.

(18) - **Le Goff**, Jacques. **"História e Memória"**, Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1990, p. 82-3.

(19) - **Collingwood**, op. cit., p. 82.

(20) - **Idem, Ibidem**, p. 92-3.

(21) - **Idem, Ibidem**, p. 94-5.

(22) - **Michelet,** Jules, **apud Barthes**, Roland. **"Michelet"**, São Paulo: Companhia das Letras, 1989, p. 89.

(23) - **Collingwood,** op. cit., p. 217.

(24) - Um dos grandes méritos de Hegel consistiu na redescoberta da **dialética**. Todavia, a sua concepção de História era idealista, tendo, inclusive, incorrido no equívoco de situar o **fim da História** no Império Napoleônico e no estabelecimento do Estado Prussiano.

(25) - Antônio Gramsci empreendeu uma verdadeira reforma no marxismo, com sua concepção de **"estado integral" (sociedade civil + sociedade política)**, com a valorização da **superestrutura e da sociedade civil.** Ver a respeito **"Concepção Dialética da História"** (2ª edição, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978).

(26) - **Le Goff**, Jacques, op. cit., p. 106.

(27) - **Idem, Ibidem,** p. 90. Não deixar de ver **Mandriou,** R. **"Estatuto Científico da História", in Higounet,** C. **et al. "História e Historicidade",** Lisboa: Gradiva, 1988, p. 16-7.

(28) - **Braudel**, Fernand. **"Escritos sobre a História"**, São Paulo: perspectiva, 1978, p. 52.

(29) - **Idem, "A Dinâmica do Capitalismo"**, Rio de Janeiro: Rocco, 1987, p. 68.

(30) - **Le Goff**, Jacques, (Org.). **"A História Nova",** São Paulo: Martins Fontes, 1990, p. 46.

(31) - **Lévi-Strauss**, Claude, **apud Gay**, Peter, op. cit., p. 193.

# Bibliografia


- **Aristóteles. "Constitución de los atenienses",** Madrid: Editorial Gredis, 1984.

- **Barthes**, Roland. **"Michelet"**, São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

- **Braudel,** Fernand. **"Reflexões sobre a História",** São Paulo: Martins Fontes, 1992.

- **-----. "História e Ciências Sociais",** Lisboa: Editorial Presença, 1986.

- **-----. "Escritos sobre a História",** São Paulo: Perspectiva, 1978.

- **-----. "Uma lição de História"**, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1986.

- **Bloch**, Marc. **"Introdução à História"**, Lisboa: Publicações Europa-América, 1987.

- **Burke**, Peter. **"A Escola dos Annales: 1929-1989 - A Revolução Francesa da Historiografia"**, São Paulo: Editora Unesp, 1992.

- **Calasso**, Roberto. **"As núpcias de Cadmo e Harmonia"**, São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

- **Campbell,** Joseph. **"As máscaras de Deus"**, São Paulo: Pala Athena, 1992.

- **César,** Júlio. **"As guerras das Gálias",** Lisboa: Editorial Estampa, 1989.

- **Cícero. "As Catilinárias"**, Lisboa: Edições 70, 1990.

- **Collingwood**, R. G. **"A idéia de História"**, Lisboa: Editorial Presença, 1989.

- **Febre**, Lucien, **in Motta**, Carlos Guilherme (org.). **"História"**, São Paulo: Ática, 1978.

- **Finley**, Moses I. **"Uso e abuso da História"**, São Paulo: Martins Fontes, 1989.

- **-----. "Aspectos da Antiguidade"**, Lisboa: Edições 70, 1988.

- **-----. "Economia de Sociedade na Grécia Antiga"**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

- **Fleischer**, Helmut. **"Concepção marxista da História"**, Lisboa: Edições 70, 1978.

- **Gay**. Peter. **"O estilo na História"**, São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

- **Gibbon**, Edward. **"Declínio e queda do Império Romano"**, São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

- **Girard**, René. **"A violência e o sagrado"**, São Paulo: Editora Unesp, 1990.

- **Gramsci,** Antonio. **"Concepção Dialética da História"**, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

- **Heródoto. "História"**, Rio de Janeiro: Ediouro, 1989.

- **Hesíodo. "Os trabalhos e os dias"**, São Paulo: Iluminuras, 1990.

- **Higounet,** C. **et. al. "História e Historicidade"**, Lisboa: Gradiva, 1988.

- **Homero. "Odisséia",** São Paulo: Ars Poética: Editora da Universidade de São Paulo, 1992.

- -----. **"Ilíada"**, Rio de Janeiro: Ediouro, 1989.

- **IBN Khaldun. "Os prolegômenos ou Filosofia Social"**, São Paulo: Instituto Brasileiro de Filosofia, 1958.

- **Iglésias**, Francisco. **"História e Ideologia"**, São Paulo: Perspectiva, 1981.

- **Le Goff**, Jacques. **"História e Memória"**, Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1990.

- -----. **"A História Nova"**, São Paulo: Martins Pontes, 1990.

- -----. **"Reflexões sobre a História"**, Lisboa: Edições 70, 1986.

- **Michelet**, Jules. **"História da Revolução Francesa"**, São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

- Políbios. "História", Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1985.

- **Randles**, W. G. L. **et al. "Para uma História Antropológica"**, Lisboa: Edições 70, 1978.

- **Salústio: "Obra Completa"**, Lisboa: Livros Horizonte s/a, 1974.

- **Shotwell**, J. T. **"Historia de la Historia en el mundo antiguo"**, Mexico: Fondo de Cultura Economico, 1982.

- **Sissa**, Giulia e **Detiene**, Marcel. **"Os deuses gregos"**, São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

- **Starobinski**, Jean. **"Montesquieu"**, São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

- **Suetônio. "Os Doze Césares"**, Lisboa: Editorial Presença, 1979.

- **Tácito. "Anais"**, Rio de Janeiro: Ediouro, 1989.

- **Tito Lívio. "História de Roma"**, São Paulo: Paumape, 1990.

- **Tuchuman**, Barbara W. **"A prática da História"**, Rio de Janeiro: José Olympio, 1991.

- **Tucídides. "História da Guerra do Peloponeso"**, Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1985.

- **Vernant**, Jean-Pierre. **"Mito e Religião na Grécia Antiga"**, Campinas, SP: Papirus, 1982.

- **-----. "Mito e pensamento entre os gregos",** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

- -----. e **Vidal-Naquet**, Pierre. **"Mito e tragédia na Grécia Antiga"**, São Paulo: Brasiliense,a 1991.

- **Xenofonte. "Ciropédia"**. Rio de Janeiro: Ediouro, 1989.

# Três Ilhas *

Domingos Gomes de Azevedo **

## 1 - A Área de Proteção Ambiental (APA) das Três Ilhas

A Área de Proteção Ambiental das Três Ilhas, localizada ao longo da Rodovia do Sol, envolve as ilhas da costa de Guarapari, como o Parque Estadual Paulo César Vinha e seu entorno, compreendendo uma área de 12.960 hectares. Distando cerca de três quilometros e meio da costa, o Arquipélago das Três Ilhas, juntamente com a Ilha de Fora, Ilha da Ponta e a área de entorno do Morro do Una, formam um complexo ambiental da maior importância para a vida marinha. Segundo a Secretaria de Estado para Assuntos do Meio Ambiente - Seama, a APA das Três Ilhas tem como objetivos:

A proteção do arquipélago das Três Ilhas que tem importante função ecológica para a perpetuação de aves migratórias.

Preservação da vegetação e dos remanescentes florestais de restinga considerados de preservação permanente segundo legislação federal (refere-se ao Parque de Setiba / Parque PCV).

Propiciar condições para o desenvolvimento turístico no arquipélago das Três Ilhas de acordo com as características e limitações de cada área específicas.

Promover o manejo adequado dos recursos naturais e disciplinar o uso e ocupação do solo.

** Participação do Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo ao Mutirão Ecológico das Três Ilhas - Guarapari - ES.*

*** Membro do Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo.*

Desenvolver planos setoriais incluindo turismo, urbanismo, educação, fiscalização e monitoramento ambiental.

Desenvolvimento do turismo regional integrado às condições naturais dos ecossistemas, das paisagens e das belezas cênicas existentes.

Implantação de equipamentos e serviços necessários à realização desses objetivos.

## 2 - Aspectos Gerais das Três Ilhas

O arquipélago das Três Ilhas situado no litoral sul do Espírito Santo é uma das três unidades de conservação criadas pela Secretaria de Meio Ambiente, com a finalidade de preservar áreas de grande interesse ecológico em ecossistemas litorâneos. Buscando harmonizar o crescimento econômico com a proteção ambiental, o Gerenciamento Costeiro proposto pelo Governo do Estado, não é um programa para impedir a ocupação da costa capixaba mas para promover o uso racional do nosso litoral através do desenvolvimento sustentável.

Em Três Ilhas o clima é tropical, com temperaturas estáveis, alto índice de umidade e pluviosidade forte, durante parte do ano. As formações rochosas das Três Ilhas são do tipo granítico, dispostas em círculo, formando um conjunto de grande beleza. A vegetação resume-se a gramíneas, formações herbáceas e árvores de pequeno porte. Algumas bromélias vicejam em trechos das ilhas.

Vimos poucos exemplares da fauna terrestre: algumas andorinhas, maçaricos e (outras) espécies rasteiras não bem identificadas. As andorinhas do mar usam o arquipélago para pouso, uma vez que utilizam a Ilha Escalvada para a reprodução. A flora submarina é variada e a fauna marinha exuberante.

Quem sai do litoral em direção das Três Ilhas, avista basicamente três ilhas, daí o nome. Mas na realidade os afloramentos são em número de cinco: Ilha Cambaião (a que tem maior altitude) e Ilha Quitongo - estão interligadas; Ilha das Guanchumbas, Ilha Guararema e Ilha Leste Oeste que são separadas por um minúsculo estreito.

O acesso a Três Ilhas vem sendo feito por escunas de turismo e barcos a motor de particulares. Ancoradas, as embarcações ficam a cerca de 5 a 10 metros das ilhas. As pessoas fazem esse percurso nadando ou

em pequenos botes.

O arquipélago não dispõe de infra-estrutura para acomodação dos visitantes.

## 3 - Mutirão Ecológico nas Três Ilhas

Com o objetivo de ampliar a consciência social da população local e as autoridades para a necessidade de preservação ecológica e turística de Guarapari e, especialmente do Parque Estadual Paulo Vinha a Secretaria de Turismo e o Departamento de Meio Ambiente, organizaram uma gincana no dia 30 de setembro último, visando realizar uma limpeza nas Três Ilhas. O mutirão coletou 790 quilos de lixo e reuniu cerca de 150 pessoas e até algumas crianças, através da participação de dezesseis equipes.

O mutirão contou com o apoio de diversas Instituições: Faculdade de Turismo, Colônia de Pesca de Guarapari, Capitania dos Portos, Clubes de Pesca Submarino, Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo e outras organizações não governamentais.

Destacamos a impecável organização do evento: cada participante recebeu uma camiseta, um crachá com o nome da equipe e sacolas para arrecadar lixo. Cada equipe se compunha de 5 participantes e para cada uma havia um instrutor previamente selecionado pelos organizadores.

A saída da Escuna Monte Santo se deu em torno das 9 horas, com chegadas às Três Ilhas às 10:30 horas. Todos os participantes permaneceram no arquipélago por um período de três horas e meia. Aproximadamente às 16 horas todos estavam de volta do mutirão. Todo o material coletado pelas equipes foi pesado e, ao final oferecidos prêmios aos vencedores. A premiação foi baseada em alguns critérios: a equipe que coletou a maior quantidade de lixo; o material mais poluente; o lixo original e a equipe de nome mais original.

## 4 - Conclusão

Em uma de suas canções, homenageando a beleza de nosso planeta, Caetano Veloso pergunta: "Terra, terra, por mais distante, quem

jamais te esqueceria?". A grande verdade é que a maioria da humanidade está se esquecendo de pensar no futuro da Terra - e, por consequência, em seu próprio futuro. A agressão ambiental que vemos diariamente é um dos pontos que evidenciam essa dura realidade.

Ao visitar Três Ilhas, sentimos mais uma vez a agressão ao meio ambiente. Naquela paisagem habitada por rica fauna aquática e espécies de aves terrestres que ali se acasalam ou a usam para pouso, alimentação, descanso, o homem nas suas idas e vindas deixa a brutal marca da agressão ambiental.

A dourada silhueta de formações graníticas, com rica flora marinha e terrestre que formam o arquipélago de Três Ilhas, necessita de maior cuidado e de maior proteção.

Na diversidade biológica que forma o Parque Estadual "Paulo Vinha", com matas de restinga, ilhas, dunas, córregos, lagoas e alagados é preciso que todos se conscientizem da importância da sua preservação, mantendo a harmonia desse ecossistema - ameaçado diariamente pela ação predatória do homem.

# Crônicas

# Lembranças de Nova Almeida

Aylton Rocha Bermudes

Por alvará impresso com força de lei, de 8 de maio de 1758, Dom José, "por graça de Deus rei de Portugal d'aquém e d' além mar em África, Senhor de Guiné e da Conquista, Navegação, Comércio da Etiópia, Arábia, Pérsia, e da Índia etc.", fez saber "ao Bacharel Francisco Salles Ribeiro, Ouvidor da Comarca da Capitania do Espírito Santo, que, desejando favorecer em tudo quanto for possível os seus vassalos índios deste Continentes", mandava estabelecer na Aldéia intitulada dos Reis Magos uma vila com o nome de **Nova Almeida**. (Arquivos do Estado do Espírito Santo, Livro Tombo da Vila de Nova Almeida - Imprensa Oficial do Espírito Santo, Vitória, 1945; José Teixeira de Oliveira, História do Espírito Santo, 2ª ed., pág. 203, nota 16).

Fundada pelos jesuítas no mesmo século do descobrimento, a Aldeia dos Reis Magos - lindo e sonoro nome: - prosperou a partir de 1610, quando os admiráveis e devotados inacianos obtiveram uma sesmaria para seus índios (a légua de sesmaria tem 3.000 braças ou 6.600 metros) e inauguraram, entre festas, a igreja, no ano de 1615. Continuou a desenvolver-se promissoramente de tal sorte que, em 1760, a Vila de Nova Almeida exportava para Vitória algodão, milho, feijão, farinha, açúcar, aguardente, madeira, artefatos como canoas e gamelas, azeite de mamona (baga) e peixe em grande quantidade. No século seguinte, estava entre os dez municípios em que se dividia a Província do Espírito Santo e sua população ascendia a 1.358 livres e 498 escravos. Era um número considerável para a época, comparando-se com os habitantes do município da Serra - 2.513 livres e 1.240 escravos - e de Santa Cruz - 2.910 livres e 179 escravos. Fazia parte da Comarca dos Reis Magos, que compreendia os municípios de Nova Almeida, Serra, Santa Cruz e Linhares.

Meu avô paterno, Manoel Rodrigues Bermudes, possuía uma

extensa propriedade em Capuba, a poucos quilômetros da vila. Com 12 escravos, entregava-se às atividades agrícolas, principalmente o cultivo da cana para a produção de açúcar e aguardente, criação de gado, pesca, extração de madeira e que embarcava para Vitória. Guardo na memória fiel a lembrança do barulho estranho, entre ritmado e misterioso, que meus ouvidos de criança perceberam pela primeira vez, em sua velha casa e, ante a minha curiosidade - que barulho é este, papai? - a resposta de quem ficava feliz por apresentar ao filho de seis anos de idade, nascido no sertão, o velho conhecido a cuja borda ele despertara para vida: - é o mar, meu filho!

Nos idos de 1929-1930, a primeira temporada em Nova Almeida, a vila pacata cochilando à margem do rio Reis Magos, cujas águas, ali, no sempiterno embate com o oceano, punham à prova a perícia dos mestres das canoas de pesca, quando rompiam ou entravam a barra.

A aproximação do fim do ano trouxe o calor nos raios do sol intenso que reverberavam nas pedras da calçada da área em frente à sala de jantar, no mormaço que trepidava à meia altura, na imobilidade dos ramos e das folhas, no desolado cacarejo das galinhas de bico aberto e asa pendida, no canto esparso dos galos e no esporádico mugido triste de uma rez. Na estrada poeirenta, passava um cavaleiro em marcha desalentada. Folhas e gramas se contorciam com saudade da chuva, que viria em novembro. O ar abafado, a temperatura hostil, o desejo de voltar às praias da infância avivaram em meu pai, homem nascido no litoral, a nostalgia do mar, a gostosura da brisa que se refresca nas ondas, onde, no começo da tarde, apontam as velas brancas das canoas pesqueiras.

Resolveu levar toda a família para passar uma temporada em Nova Almeida. Alugou a melhor casa disponível no centro da vila histórica, que o vira menino e adolescente.

A notícia logo se espalhou entre parentes, empregados, colonos e vizinhos, causando reboliço e certa descrença, pois era a primeira vez que se falava numa coisa dessa, insólita para aquelas paragens e denotava certa opulência. Afinal, aqueles proprietários, cujas terras não chegavam à dimensão de grandes fazendas, viviam vida farta, porém modesta, entregues continuamente, com seus filhos e agregados, aos trabalhos da roça: plantações, colheita de café, capina dos pastos, construção e conserto de cercas. Não lhes sobravam recursos para lazeres prolongados, em lugares distantes e que acarretassem grandes despesas.

Mas os cafezais se estendiam pelas chapadas, subiam e desciam cercas, com sua folhagem verde-escura e vergavam em colheitas fartas. Os terreiros e os armazéns se abarrotavam dos generosos caroços

maduros e secos, transportados em balaios e sacos pela tropa e pelo carro de bois.

No final daquele ano, o fazendeiro podia, pois, anunciar, feliz e vaidoso, que ia com todos os seus passar a temporada de verão à beira-mar, na praia de Nova Almeida.

Alguns dos empregados tinham vindo daquela região e se alegraram com a possibilidade de rever a sua terra e seus parentes, sem falar nas festas populares tradicionais, do fim do princípio do ano, cujas notícias e lembranças vivam em sua mente rude, mas ávida de um folguedo.

Foi um indisfarçável contentamento e incontido alvoroço quando marcou o dia da partida. Dezembro ia a meio. É preciso conhecer ou recordar o primitivismo daqueles tempos, em que os meios de transporte eram apenas o cavalo, o burro e o carro de bois, os caminhos estreitos e perigosos estirando-se pelas várzeas ou se contorcendo pelas ladeiras, transpondo tantas vezes capoeiras, matas e terrenos alagados, para avaliar quanto essas viagens tinham de penoso e excitante. Nem por isso e, talvez, por causa disso, as viagens de passeio eram menos alegres e divertidas, aguardados com excitação e impaciência. Na existência sedentária e monótona daquela gente, a viagem representava um acontecimento, a fuga ao dia-a-dia sempre igual, o conhecimento de outras terras, de outras pessoas, de coisas diferentes, a satisfação de uma curiosidade quase intacta.

Uma família que se deslocava em férias exigia uma série de providências, para evitar não só o imprevisto, mas a falta do necessário à vida de cada dia. As famílias se bastavam, tendo, para isso, uma estrutura simples mas suficientes para atender as suas necessidades. Daí os preparativos a que meu pai e os empregados se entregaram nos dias que precederam a viagem tão esperada, mas sem abandonarem os serviços inadiáveis da fazenda. Era uma verdadeira mudança. Além das pessoas que iam a cavalo, era preciso transportar trastes de casa, gêneros alimentícios e cereais produzidos na propriedade. Nem faltou uma vaca de leite, que um empregado conduziu, saindo alta madrugada, para que a cria nova pudesse resistir à longa caminhada. Causou admiração na vila praieira o que lhe pareceu excesso de previsão e até uma certa ostentação aquela caravana com vários cavalheiros, senhoras montadas em silhão, uma tropa inteira de burros carregados, precedidos de uma vaca leiteira com o bezerro.

Nova Almeida não ostentava mais a movimentação dos tempos passados. Botava-se rede de arrasto (**botar** era o termo usado pelos pescadores), nas praias da Barrinha, das Barreiras e da Costa, que era

como então se chamava a que os veranistas mineiros vieram, depois, a denominar Praia Grande, situada no outro lado do rio, no Município de Fundão. As redes traziam grande quantidade de peixes - galo, manjuba, xaréu, roncador, pescadinha, pescada e camarão aos montes - que, muitas vezes, se acumulavam na praia à espera dos raros compradores, vindos geralmente do interior para adquirir o pescado farto e barato, que levavam em jacás ou balaios forrados e cobertos de folhas. A falta de estradas isolava praticamente a vila e não permitia que a produção chegasse aos centros maiores. Não havia meios, então, de conservar a sobra das reduzidas necessidades locais, a não ser a salga dos peixes e depois secando-os ao sol para vendê-los, em cargueiros, nas propriedades e nas vilas e cidades, como Serra, Fundão e Timbuí.

Poucas, muito poucas casas comerciais, vendas como a do "Seu" Paxinga, ao lado da casa que meu pai alugara. Eu gostava de ouvir o sabiá que ele tinha na gaiola pendurada neuma das prateleiras, num ambiente em pleno lusco-fusco. Anos mais tarde, no internato, quando li o conto de Coelho Neto, "O sonho do sabiá", associei logo a figura do vendeiro à do "Seu" Paxinga, que ficava, modorrento, dentro da venda e que não dava à pobre ave, que, mesmo assim, se desmanchava em canto, uma prissão menos soturna e feia, nem uma réstea de sol. Ele invejava certamente os sabiás livres e felizes que bicavam as saborosas laranjas-cravo e os cajus, na nossa fazenda, em Mutrapeba.

Toda a vila se debruçava sobre a atividade pesqueira, nas canoas ousadas que arrostavam o mar alto o ano todo e, entre dezembro e março, com as redes de arrasto, puxadas para a praia com robusta persistência e débil esperança. Debaixo das castanheiras, na rua principal, acumulavam-se montões de peixes, numa fartura perdulária. A estrada de automóvel para Vitória só foi construída por volta de 1930, atravessando longos espaços desabitados cobertos por matas e capoeiras e passando por Putiri e Serra. O aparecimento de um automóvel, "Fordeco", de um caminhãozinho, que **virava** na manícula, de uma "baratinha" dirigida por um indivíduo gordo que não sei como cabia nela, do "carro das massas" que, uma vez ou outra, vinha vender pão e rosca (não havia, então, padaria em Nova Almeida), do auto (ônibus) que fazia a linha para Vitória, com entrada lateral para cada fileira de bancos, como os bondes, e o Fordeco, de buzina gutural e esganiçada, que vinha pela praia, aproveitando a maré baixa, trazendo passageiros de Santa Cruz e parava do outro lado do rio, na Praia da Costa, quase despovoada, com raras casinhas de estuque, cobertas de palhas. O **flutuante** era como se chamava a barcaça em que se atravessavam os raríssimos carros e as cargas volumosas e pesadas. Uma canoa dava

passagem às pessoas de uma para outra margem e, se era um cavaleiro, este e a sela vinham, na canoa, enquanto o cavalo, bufando, atravessava o canal a nado, preso o cabresto na mão do dono.

Esses acontecimentos esparsos ocupavam a atenção dos quietos moradores e quebravam a apatia da vila, que não tinha mais o que fazer. Sebastião, o sacristão da igreja dos Reis Magos, figura popular, índio autêntico, com um molho de chaves enormes preso à cintura e um terço pendurado no pescoço, batia o sino pontualmente três vezes ao dia. As badaladas nostálgicas derramavam-se lá do alto sobre a esplanada e os quintais, varavam as planuras e iam perder-se no mar, fundindo-se com o escachoar das ondas. O sacristão, figura ingênua e boa, zelava pela igreja e pelo imenso prédio anexo com suas salas, a que se subia por escadas rangentes, pelo pátio interno e cômodos escuros, onde voejavam morcegos intimidativos, carregava água de beber do Poço dos Padres para as casas, recebendo duzentos réis por lata d'água. Esse poço profundo, revestido de pedras, dava excelente água potável e foi construído pelos Jesuítas a cuja visão atilada e próvida nada escapava e descobrira aquele inexaurível manancial situado na encosta do morro, à direita de quem subia para a igreja e colégio. Lembro-me da procissão, que se formava cá embaixo na rua tão comprida para meus olhos de menino, e que, ungida de devoção, subia a ladeira cantando "Coração santo,/ tu teinarás, / tu, nosso encanto,/ sempre serás." Seus acentos, que a fé profunda e sincera tornava tão comoventes, desciam a encosta do morro, se misturavam com o farfalhar das palmas dos coqueiros e repercutiam nas ruas e no casario.

No dia 6 de janeiro, celebrava-se, por tradição e em homenagem à vila cujo antigo nome era Reis Magos, a festa de Reis, unindo-se, como em toda parte, o aspecto religioso ao profano, a devoção à alegria. O ponto culminente era o folguedo da mulinha (que se chamava **lopa** não sei por quê), armação de madeira recoberta de pano, toda enfeitada, conduzida por um homem vestido a caráter, versão local da festa folcórica do boi pintadinho ou do bumba-meu-boi.

A lopa puxava os foliões numa coreografia de evoluções cadenciadas, investindo sobre as pessoas que riam, batiam palmas, fugiam das suas investidas e cantavam:

"Minha gente, eh vem a lopa,
essa lopa é diferente,
lopa danada que morde a gente,
batendo com a queixada, estralando os dentes".

O cortejo percorria a rua principal, numa explosão de alegria, seguindo a lopa, que dançava e dava pinotes.

Mais tarde, cerca de onze horas, meia noite, um grupo de pessoas de famílias conhecidas saía às ruas, comemorando a festa de Reis, cantando diante de uma e mais casas, cujos moradores, avisados com antecedência, abriam a porta para o grupo entrar e entoar um cântico alusivo à data, saudando os donos da casa, que consideravam a escolha uma distinção e ofereciam café, biscoitos, bolos, doces, licor.

Contava-se, na época, que certo morador, avisado que sua casa havia sido escolhida para a cantoria de Reis, tentou esquivar-se, dizendo que - não gostava de ser acordado no meio da noite, nem admirava aquele costume. Ante a insistência da comissão de festa, que manteve, assim mesmo, a indesejada honraria, o dono da casa, numa atitude reveladora de temperamento mórbido, de quem está de mal com a vida e torce a cara à alegria dos outros, preparou um suculento bolo de batata-de-purga e o serviu fartamente aos alegres cantadores de Reis, que continuaram a sonorizar a noite calma de Nova Almeida, visitando outras casas. Súbito desarranjo intestinal dispersou o grupo, obrigando os seus componentes a se esgueirarem pelos quintais, que eram os sanitários de então, tropeçando em vorazes goiamuns.

O carnaval resumia-se a uns poucos e desajeitados mascarados careteando pelas ruas, a um baile no velho sobrado da rua que desembocava na beira-rio. Barboza, o "chauffer" folgazão do auto chocalhante que fazia a linha para a Serra e Vitória, lotava o carro com algumas mulheres e os indefectíveis pongueiros e dava voltas pela vila, com seus passageiros carnavalescos gritando e cantando.

Os antigos moradores de Nova Almeida, se ali voltassem por um impossível milagre da saudade, não reconheceriam, hoje, a sua vila que conservou, durante séculos, a fisionomia tranquila das povoações praianas. O rio, até o rio, as ruas ribeirinhas exibem, agora, outro aspecto que a memória e a saudade não identificariam e certamente haviam de estranhar, e se admirariam ante o progresso que modificou o traçado das ruas bucólicas e o estuário. Mas logo se rejubilariam com a amenidade do clima e a beleza provecta e solene da igreja e do edifício contíguo, tombados pelo Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

# Flor do Vento

Berredo de Menezes

## Para Jorge Medauar

Era menino, ainda, quando aprendi a minha primeira lição de sofrimento.

Se bem me recordo, devia ter entre seis e sete anos, no máximo, quando minha avó Bibi (que mais tarde descobrí chamar-se Vitória), com quase setenta anos nas costas, começou a chorar, diariamente, quando dobravam os sinos de Padre Estrela, naquele toque triste de quem anuncia o fim do dia.

Sob o tanger plangente daqueles sinos, todas as tardes vovó Bibi corria à varanda de nossa casa, sentava-se na poltrona que era só dela e se concentrava, de corpo e alma, em devoção ao crepúsculo. E logo os seus olhos marejavam, num choro lerdo e sem pressa.

Um dia eu criei coragem e perguntei:

- Vovó, porque você chora tanto todas as tardes?

- Saudades do meu velho, filho. Saudades do seu avô.

Vovô Bernardo já havia morrido há dois anos, mas o choro só começara há dois meses, quando minha mamãe também sentada à varanda, num fim de tarde de setembro em que o crepúsculo parece arder mais sofrido a sua tristeza, teve a lembrança que detonou, a partir daquele dia, a choradeira de vovó Bibi:

- A tristeza do pôr-do-sol me lembra sempre o papai, sentado nesta varanda, para escutar os sinos do Padre Estrela.

Daquela tarde em diante, vovó Bibi passou a fazer o culto do pôr-do-sol. E ninguém ousava perturbá-la, pelo menos enquanto o céu não

recebesse o abraço imenso e total do anoitecer, quando minha mãe anunciava que o jantar já estava na mesa. Só então é que vovó se levantava do seu silêncio de pedra, para tomar, calada, a sua sopa de legumes, misturada com as sobras de sua dor.

Certo dia, porém, não tendo chegado à mesa do jantar, como de costume, mamãe me pediu que fosse chamar "nossa velhinha", mas, quando cheguei à varanda, não pude conter o grito e a tremedeira nas pernas: vovó Bibi estava morta. Deve ter viajado, no sopro derradeiro do crepúsculo, para encontrar vovô Bernardo pelos caminhos da Eternidade.

Tudo mudou, para mim, a partir daquela noite. E na manhã seguinte, enquanto se velava o corpo de minha avó, todo coberto de flores, o meu ardia em febre alta. E minha mãe, sem parar de chorar, se dividia entre o velório e minha cama, acreditando que toda aquela febre tinha uma só origem: a morte de vovó Bibi.

Não fui ao enterro, mas quando me disseram que o corpo de vovó já estava a caminho do cemitério, experimentei a sensação de ter perdido uma parte de mim, que eu estava num galho de arco-íris e as nuvens passavam por mim, me oferecendo sorrisos de fumaça, quando mamãe, passando a mão em minha testa, gritou para Cotinha - nossa empregada com mais de vinte anos de casa.

- Cotinha, o pobrezinho está delirando. Chama seu Dedé da farmácia, pelo amor de Deus!

Mas a febre só parou, em definitivo, três dias depois, quando seu Dedé, nosso farmacêutico, me aplicou mais uma bruta injeção de óleo canforado, "para convalidar o sofrimento do menino". E ainda hoje, quando escuto ou leio a palavra "convalidar", sinto uma espetada de agulha na minha bunda, e o gosto horrível de cânfora saindo pelo nariz.

O aprendizado da dor começou um pouco mais tarde, por volta dos 15 anos.

No dia em que completei quatorze anos, meu tio Humberto me deu um presente uma belíssima mangalarga-marchadora, que fora treinada, quando ainda era potra, para ser "montaria de luxo do meu afilhado". E o afilhado era eu, órfão de pai, que o tio ajudara a criar como se filho fosse, pois sua esposa, que tinha **"útero seco"**, nunca lhe dera a alegria da procriação.

Talvez pelo fato de ter perdido o meu pai aos quatro anos de idade, às vezes me confundia e chamava tio Humberto de papai. Ele, então, corria até mim, me abraçava demoradamente e me beijava a testa, sem disfarçar a emoção. E não foram poucas as vezes em que vi brotar, dos seus olhos, o sol alegre de duas lágrimas.

Para demonstrar a mim mesmo o seu amor de "pai", nunca permitiu que o capataz da fazenda - Pedra Bala - me ensinasse a arte de montar. Ele mesmo se encarregava dessa tarefa, com dedicação e carinho, não admitindo que ninguém me ensinasse absolutamente nada, a começar do encilhamento do animal. E me explicava:

- Além da maldade ou inveja de um peão, a gente está sempre exposto a um erro na hora do encilhamento, e isto pode ser fatal, meu filho.

Quando a minha égua, potrinha ainda, desenvolveu o seu primeiro galope, montada pelo filho de Pedro Bala, tio Humberto não conteve a alegria:

- Bonita desse jeito e parecendo um relâmpago apressando trovoada, só pode ter um nome: Flor do Vento!

Daquela tarde em diante, minha eguinha ganhou nome e fama, até o dia de sua morte.

Mal acordava o dia, com o sol derramando ouro no verde das montanhas, e lá estava eu, com tio Humberto do lado, no aprendizado excitante de cavalgar Flor do Vento.

O animal se acostumou tanto comigo que, mesmo quando solto no pasto, não podia me ver sem correr até mim, com aquele olhar alegre de quem encontra um irmão muito querido. Alisava-lhe a crina muito bem aparada, coçava-lhe a testa e a barriga, dava-lhe duas palmadinhas carinhosas e ela logo compreendia que devia seguir caminho, já comigo às costas, sem sela e arreios, num trote macio e feliz de quem carrega um rei na fantasia de um sonho.

Flor do Vento era tudo para mim, e ela demostrava, como se gente fosse, que conhecia o meu amor e até as minhas angústias: bastava me ver triste, por qualquer motivo, e logo os seus olhos pareciam dizer que estava também sofrendo a minha dor. Quando, porém, me via alegre, o seu olhar irradiava luz, talvez para me transmitir, pela fala dos olhos, que a minha alegria também fazia sol na sua tarde.

Irmão mais velho de minha mãe, tio Humberto - com quem passamos a morar após a morte da vovó Bibi - me convidara para participar, apenas como espectador, de uma vaquejada na fazenda, pois ele sabia que eu gostava, desde menino, de assistir aquela festa, que era o espetáculo da roça. Só não consentia, ainda, que eu participasse do mesmo, apesar de exaltar minhas qualidades de "exímio montador", com receio de que ocorresse qualquer acidente comigo.

Lembro-me, ainda hoje, da alegria com que encilhou Flor do Vento para participar daquela festa. Os amigos já me haviam contado que ele mesmo havia preparado a égua para a vaquejada, treinando o filho do

Pedro Bala para o evento, em substituição a mim.

Como reconheceu que eu estava triste, tentou consolar-me:

- Na vaquejada da primavera, filho - estavamos no fim do outono -, você já estará pronto para participar.

Notando que eu continuava calado acrescentou:

- Com mais três meses de treinamento, você vai ser o campeão da próxima vaquejada.

Olhei-o com simpatia, devolvendo-lhe o sorriso de confiança e ele me revelou, radiante:

- Flor do Vento vai ser destaque desta vaquejada. Preparei-a para ser a estrela número um do nosso espetáculo, a consagração de nossa festa.

Antes que eu fizesse qualquer pergunta, tio Humberto acrescentou:

- Quem vai montar sua égua é o filho do Pedro Bala, treinado por mim.

Ao aproximar-me de Flor do Vento, antes de começar a competição, tive a sensação de que meu animal não se sentia feliz: mesmo lhe fazendo os carinhos habituais, parecia evitar os meus olhos, baixava a cabeça, olhava em direção oposta, como se não quisesse revelar sua decepção, por não ser seu cavaleiro na vaquejada.

Voltei para perto do meu tio, segurei-lhe a mão como quem pede amparo, mas ele estava tão confiante e feliz que não compreenderia, nunca, a minha preocupação.

Iniciada a competição, sob os aplausos calorosos dos presentes, Flor do Vento disparou na frente, num galope jamais visto, dando pulos frenéticos como se pretendesse expelir seu montador, o que afinal conseguiu, jogando-o no chão e pisando o filho de Pedro Bala, continuando a correr em disparada.

Os cavaleiros que vinham atrás, inclusive Pedro Bala, conseguiram frear seus animais, enquanto Flor do Vento, tomando direção oposta e descobrindo uma porteira aberta, para ali se deslocou num galope sinistro, tombando espetacularmente no chão, ao passar sob a porteira, porque as pernas se quebraram no mata-burro.

Soltei a mão de tio Humberto e corri até o local onde se encontrava Flor do vento, se contorcendo toda por não poder levantar-se. Comecei a gritar e a chorar ao mesmo tempo. Abracei a cabeça da minha égua e ela parando de tremer, pelo carinho de minhas mãos e de minhas lágrimas, me olhou fixamente como quem pede socorro, deixando escapar duas lágrimas enormes, testa abaixo.

Meu tio, acompanhado de Pedro Bala e outros participantes da

frustrada competição, chegaram instantes depois.

Constatando a gravidade do desastre, o nosso capataz sentenciou:

- Não tem jeito, doutor. Para evitar um sofrimento maior para o animal, temos que matá-lo imediatamente.

Flor do Vento, que parecia ter entendido tudo o que dissera Pedro Bala, virou os olhos para mim como se pretendesse revelar a sua tristeza ou pedir perdão pelas loucuras que praticara. Abracei sua cabeça novamente, beijei-lhe a testa num choro convulso e os seus olhos, estranhamente, pareciam expressar um sentimento novo, misto de resignação e de esperança vazia, próprias dos que já sabem que vão morrer, mas, ainda assim, preferem transmitir, pelo mais puro amor que já transcende a vida, que estão felizes.

Tio Humberto levantou-me com muito ternura, encarou-me como quem pede desculpas por não poder fazer nada.

Duzentos metros mais adiante, ouvi o estampido brutal da espingarda do capataz, e sentí, na minha testa, a bala que atravessou os miolos de Flor do Vento, para que eu pudesse carregar, a vida toda, o galope do seu silêncio pelos caminhos mais doídos de minha saudade.

# Ai de ti, Cachoeiro!

Maria Helena Hees Alves *

Os meus conterrâneos, tão bairristas, que me perdoem, mas Cachoeiro nunca foi uma linda cidade.

Pode ser que lá pelos idos de 20 ou 30 tenha sido apenas engraçadinha.

As fotografias antigas dão prova disso. Mas era aquela beleza da jovem que não chegando a ser bonita, tinha a graça da idade.

O rio correndo livre, encachoeirado, justificando o nome de batismo. O Itabira, ao longe, visto de qualquer ponto da cidade. O "Frade e a Freira", lembrando amores contrariados...

As casas dispostas com harmonia em quintais plantados e jardins floridos...

Um clima mais ameno, um povo calmo, trabalhador, sem as preocupações da vida moderna de enriquecimento rápido e a qualquer preço.

As montanhas de granito e mármore dormindo tranquilas o seu sono eterno. Intocadas, guardando tesouros inviolados.

Há muito se foi a cidade dos postais antigos. Desaparecem, a cada dia, suas montanhas azuladas, suas verdes encostas.

Prédios sobrem desordenadamente, escondendo o Itabira, o "Frade e a Freira" e o Itapemirim que grita por socorro.

Mármores preciosos deixam as jazidas e partem para longes terras.

A "Maria Fumaça" já não anda mais pela cidade. Seus trilhos arrancados, seus apitos longos e tristes calados para sempre.

Só os sinos da igreja, como nas velhas aldeias, continuam a tocar bem cedinho, acordando a cidade e chamando fiéis para os santos ofícios.

* *A autora é membro da Academia Espírito-Santense Feminina de Letras.*

Sem nenhum planejamento, Cachoeiro vai pondo abaixo suas construções antigas, suas casinhas de beirais e varandas.

E a praça, acolhedora e graciosa, cenário de tantas histórias de amor, desfigurada pelas mudanças do trânsito e pela construção de um esdrúxulo e inútil monumento...

Como está, nunca mais será lembrada por compositores e poetas.

E assim a cidade vai perdendo aquele ar provinciano que encantava a quem vinha de grandes centros.

As cadeiras nas calçadas, as moças nas janelas... O cumprimento amável de amigos que se encontram e param em longos bate-papos...

Plagiando o filho ilustre que previu para Copacabana um fim trágico, mas que não foi profeta em sua própria terra, aqui venho para falar por ele:

Ai de ti, Cachoeiro!

Muito breve a cidade, que há muito perdeu o tal frescor da idade, será lugar de aventureiros que chegarão apenas para desfigurá-la, vasculhando-lhe os tesouros e em seguida abandonando-a à sua própria sorte.

E ela terá então velhice amarga. Crestada, petrificada!...

O frio concreto apagará para sempre a imagem dos graciosos bangalôs, das casinhas de beirais e varandas e jardins floridos.

E ninguém mais há de se lembrar dos quintais com goiabas vermelhas, araçás, abios roxos e amarelos e caramboleiras douradas.

E os poetas não mais cantarão o Itabira nem se comoverão com o amor eternizado do "Frade e a Freira". O Itapemirim há de interessar mais aos ecologistas que aos poetas.

Acho mesmo que nem haverá mais poetas em Cachoeiro.

E se o filho ilustre não previu sua desdita, faço-o eu aqui e em tempo! Antes que ela se torne uma cidade qualquer. Sem rosto. Desfigurada! E que seu rio acabe morrendo de tristeza e levando com ele as cinzas do filho tão amado.

Ai de ti, Cachoeiro!

# Sardos da Ilha da Sardenha ou Sardos do Reino da Sardenha: Eis a questão

## (Subsídios para a história capixaba)

Luiz Carlos Biasutti *

Na edição de 29 de janeiro de 1996, Caderno Dois, em A Gazeta, a jornalista Sandra Aguiar levanta dúvidas sobre a colonização italiana no Espírito Santo, sobre a presença dos "sardos" na colônia de Santa Isabel que teriam chegado por volta de 1857, mais ou menos. E, Wagemann, em **A Colonização Alemã no Espírito Santo**, edição de 1949, página 24, afirmou que junto com os colonos renanos (alemães das margens do rio Reno), entraram em Santa Isabel, alemães da Baviera e da Prússia, e havia também vinte e quatro sardos, oito suíços e dois franceses. Reno M. Grocelli lembra que já havia sardos espalhados em Santa Catarina em 1836, na colônia Nova Itália. Grocelli diz que ninguém poderá afirmar que seriam sardos da ilha de Sardenha ou cidadãos do Reino da Sardenha, sendo que, neste último caso, poderiam ser genoveses ou habitantes do litoral francês ou mesmo dos Alpes franceses que viviam no Reino da Sardenha. É bom lembrar que Nizza, a maior cidade da Costa Azul, foi doada à França pelo Reino da Sardenha e Piemonte por Cavour, a fim de facilitar o apoio do Imperador Napoleão III, às pretensões da unidade italiana. Nizza passou a chamar-se **Nice**.

A história italiana é muito mais complicada do que se imagina. A ilha de Córsega, acima da Sardenha, também mudou de dono antes do nascimento de Napoleão Bonaparte. Em resumo, os documentos ainda não dão certeza absoluta sobre a origem dos nossos sardos, cujos sobrenomes estão mais pra o francês do que para o italiano. Seria preciso examinar os documentos da Sardenha ou do sul da França (Alpes franceses) para se ter a exatidão da origem dos nossos sardos capixabas. Sobrenomes

* *Sócio correspondente do Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo.*

autenticamente sardos, da ilha da Sardenha, encontramos em Santa Teresa, e Manhumirim - MG, precisamente Salvador **Pireda** e José Luiz **Cantamissa**...

Enfim, o que se deve realçar é o seguinte: A expedição Tabacchi, **no sentido empresarial, na grandeza de seu evento**, foi a primeira no Espírito Santo e no Brasil. **Casagrande**, o encarregado de Tabacchi na Europa, procurou observar o novo regulamento para transporte de imigrantes, ou seja, com a presença de um médico, Pio Limana e um capelão, Domenico Martinelli. Entre tripulação e imigrantes, chegaram a Vitória aproximadamente 400 pessoas em 1874. Aqui está a grandeza do empreendimento, único e absoluto em termos de Brasil. Basta dizer que outro empresário italiano chegou ao Paraná em 17 de fevereiro de 1875, com 50 famílias, formando a primeira colônia a 14 quilômetros de Paranaguá. Todavia, a expedição Tabacchi já estava na região de Santa Cruz (Aracruz) desde fevereiro de 1874, um ano antes da expedição paranaense de Sabino Tripoti. Mesmo tendo fracassado a expedição como empreendimento comercial, muitos imigrantes permaneceram no Brasil, tendo a maioria optado pela permanência em Santa Catarina e Rio Grande do Sul, onde em 1876 começava uma grande colonização. Um terço dos colonos conseguiu permanecer em Aracruz e Santa Leopoldina (núcleo Timbuí, Santa Teresa): A imigração em São Paulo obedeceu a outros critérios, com conotação especial sobre o problema da abolição da escravatura (1888). Em Minas Gerais, o governo republicano colocou em Gênova **David Campista**, encarregado pelo governador **Crispim Jacques Bias Fortes** de introduzir no Estado 50 mil italianos - Dicionário Biográfico de Minas Gerais, Volume I, pág. 128.

Enfim, a descoberta dos pesquisadores, no meu entendimento, reforça a tese de que os tais sardos chegados no Espírito Santo são da região **francesa** (Alpes franceses), até alguns da Alsácia-Lorena, por causa dos sobrenomes Ribet, Saleng, Pascal, Bourlot, Bermond, Blonne, Challiol.

Infelizmente, não conseguirão a dupla nacionalidade porque o Reino da Sardenha e Piemonte não existe mais e os territórios de onde vieram pertencem à França, salvo melhor juízo. O caminho certo é procurar documentação em Anecy, capital da Alsácia. A Itália, como país, somente aparece na História a partir de 1861. Vítor Emanuel I deixa Turim, capital do "desativado" Reino de Piemonte e Sardenha e assume o poder peninsular em Roma. Desta data em diante se pode falar em cidadão italiano.

# La ultima mirada *

José Paulino

Sábado, ao entardecer, o Padre Anchieta teve vontade de espairecer os olhos no espetáculo majestoso da natureza.

O **Colégio dos Jesuítas**, em Tiba, naquela época, estava ligado à igreja por vasto alpendre. A cela de Anchieta voltava-se para o poente. Havia uma janela larga, rasgada na parede espessa, junto da qual **Abaré** ficava, longas horas, engolfado nas suas leituras, até que o sol, escondendo-se atrás dos montes, dava lugar às trevas da noite, mal iluminada das candeias de cera virgem, ou do óleo grosso de tocuru.

Naquela tarde, Anchieta não quis ficar junto à janela, como era costume. Quis descer, para amplitude de visão. Mas, fora-lhe penosa a descida ao patio, defronte ao cemitério, por onde tinha de dar volta. Estava muito combalido da doença...

Teimou em descer assim mesmo, e desceu abordando-se esforçadamente ao velho cajado de araticum que trouxera da Baía.

Muito lidaram os irmãos de fé por dissuadí-lo; mas, foram baldadas as persuasões piedosas...

- "Como que então fora lá possível aquilo? Dois dias atrás, sofrera aquele vagado, quando estivera na cozinha a preparar o caldo para um dos doentes..."

- "Não vos dê cuidados a minha condição", - disse o taumaturgo, discordando com brandura num sorriso de simpatia e bondade. "Não vos dê cuidados... Preciso ver o mar, o céu, as montanhas, o rio..."

Andou mais um pouco. Deteve-se. E, voltando-se para os outros padres, explicou num presságio triste:

- "Lá ultima mirada..."

** Belo texto de nosso saudoso consócio José Paulino Alves Junior, que republicamos em homenagem ao mês das comemorações do IV Centenário da morte de Anchieta.*

E foi andando devagarinho... O vento da tarde fustigava-lhe a samarra de pano grosseiro, já muito usada e puida. Perto, numa laranjeira, que o padre tinha plantado, - e já carregadinha de frutos, - um sabiá da praia musicalizava o ar, escondido nas ramagens verdoengas.

- "Piaga vai ficar sí muito tempo?" - perguntou-lhe uma índia velha.

O padre não respondeu. Só fez menear a cabeça, negativamente.

De pé, no cimo, da ladeira, José de Anchieta, embebido nas suas meditações, pôs-se a contemplar, pela última vez, aquele cenário magnífico.

No braseiro do ocaso, empurrando os visos da **Serra do Pongal**, o sol morria... E, jorrando clarões de rubís e topásios, de lado a lado, na frímbria do horizonte e com irradiações para o alto, o disco astral ia, lento e lento, desaparecendo numa deslumbrante apoteose de fulgurações.

O mar, tranquilo, era, naquele instante, imenso lago que refletia, nas águas, vastíssima extensão do céu, ruborizado de ouro etério.

E o Rio Benevente, cuja caudal a viração encrespava de manso, adornou-se, também, naquela irradiação maravilhos, todo cintilante de reflexos carmesina.

- "Quarenta e quatro anos de missão no Brasil!" - disse o padre, resignado, de si para consigo.

E começou a recordar... Vieram-lhe à imaginação os episódios do passado. Naquele longo transcurso, revia, como num sonho, a **Piratinin** de João Ramalho, as aulas de latim em São Vicente... Lembrava-se de tudo: de como aprendera a língua dos íncolas, mercê de Deus, em tão breve prazo - seis meses, apenas! - chegando a compor aquela gramática, de que se serviam, tão vantajosamente, os outros padres, na obra de catequese... Lembraram-lhe as viagens à Baía, o naufrágio perto de Abrolhos, a fundação do Rio de Janeiro, as lutas contra os huguenotes... Não se lhe delira da memória a estada entre os **Tamoios**, refém voluntário. E os longos percursos nas matas inçadas de feras e gentilidade traiçoeira... E as viagens penosas por terras abrolhadas de espinhos, ou por cordilheiras erriçadas de contrafortes, - pés, tão mal protegidos nas sandálias de couro cru; cabeça rescaldante de ideal, tão maltratada no rigor das soalheiras... E as loas marianas... E os versos, na **Praia de Iperoig**... Tudo! Tudo lhe ocorria, tudo lhe afluia à mente abrasada, às vezes, sem concatenação cronológica, numa associação de idéias tumultuárias, sucedendo a flux e atropeladamente, ou emergindo do fundo do passado à discreção dos fatores evocativos.

E, logo depois, considerando a terra e a gente de **Iriritiba**, pôs-se a recordar do tempo em que ali chegara, em 1565. Tanto tempo! O corpo, tão

alquebrado, pedia o sono da terra... Já estava terminada a obra. E por quê não? Firme, sobranceira ao rio, ali estava a Igreja que edificara com a ajuda dos índios, e dedicara à **Assunção de Nossa Senhora**, sua protetora. E, crescendo à sombra da cruz, elevado a voz dos sinos, cuja sonoridade a asa do vento espalhava no coração das brenhas; e, expandindo-se à orla da praia, na multiplicidade das cabanas colmades de sapé, para, ao ouvir o eterno ululo do mar, auferir, por sua gente, o proveito dessa força fluida e magnífica, donde haveriam de premanar, sempre, os recursos primitivos de vida, - afirmar-se-ia aos poucos, na glorificação dos seus mais belos dias. E viriam as naus de velas, pandas... E o Rio Benevente, sereno, no seu perfil de eqüilíbrio, haveria de constituar-se a via natural e fácil de penetração no recesso da terra violada... E fomentar-se-ia, o comércio... No suado labor dos campos, onde as tribos, ainda nômadas, se juntariam, um dia incorporadas à civilização com os elementos alienígenas, floresceriam meses... E a indústria viria, também. Núcleo dinâmico de vida! centro irradiador de trabalho e afirmações gloriosas; germinal donde emanaria a fé que exalta e que redime, árvore da Cristandade, que ele plantara, ductilizando as almas com o poder da sua bondade evangélica, para dar sombra e refrigério, sossego e paz aos corações aflitos e sequiosos de luz, - **Iriritiba** haveria de ser grande um dia...

Assim sonhava **Paié-Guassu** olhando o céu...

Sumira-se o sol atrás dos montes, ainda coroados de esplendores. O mar, cujas perspectivas de infinito, tantas vezes delumbraram as retinas ao taumaturgo, na apoteose de luz das manhãs gloriosas, - esse mar, de agora, cantava, lá em baixo, na tristeza daquele entardecer, a nénia da sua saudade eterna. E o rio parecia carpir, baixinho, a dor da separação. E as macacaúbas flabelavam as palmas, num surdinar de choro abafado e longo...

Anchieta voltou à cela.

Acudiu-lhe uma febre intensa. E não mais se pode erguer.

Estava cumprida, na terra, aquela destinação de bondade.

No dia seguinte, domingo, nove de Junho de 1597, às 9 horas da noite, entrava em agonia.

Cinco religiosos, em derredor do leito, rezavam cumpungidamente.

Exauriram-se-lhe as forças, cada vez mais. Com voz débil, - tão débil como o balbucio de prece, ou murmúrio longínquo e enfraquecido de outra vida, - pediu que lhe ministrassem o Santo Viático e a Extrema Unção.

Pouco depois, o Padre João Fernandes entrava na cela onde se encontrava Anchieta, entanguido, num catre tôsco. Vinha acolitado dum catecúmeno.

O sacerdote paramentou-se. Grave e sereno, na dignidade do ato, tomou a porção ázima, disse pausadamente as palavras de consagração. Ofertada a Hóstia, começou a ministrar ao moribundo o sacramento da Extrema Unção, segundo destaca o Ritual da Igreja.

Já agora estava indutado da estola violácea.

- **Pax Huic Domui.**

Deu ao doente a Cruz a beijar; fez as aspersões do água benta, rezando as palavras da antífona: **Asperges me, Domine**...

E observou, naquelas comovedoras palavras da liturgia católico-romana - a misericórdia divina. E ungiu as pálpebras edemaciadas do moribundo... **Per Istam Sanctam Unctionem**... E os ouvidos; e o nariz; e a boca, de lábios compressos; e as mãos, de unhas já cianosadas; e, finalmente os pés. **Indulgeat Tibi Dominus Quidquid Per Oressum Delinquist**...

E as últimas palavras - **Per Christum Dominum Nostrum** - ressoaram numa vibração dolente.

Era o fim.

Imediatamente lhe sobreveio um transe que parecia o de morte. Teve mais um estrececimento. Cerrou as pálpebras... Dir-se-ia que estava morto.

Mas, não! Abriu então os olhos, - não mais enevoados de tristeza, - mas animados dum fulgor magnífico.

Algo de estranho se passava.

Recobrando-se de alento, o Padre soergueu-se. Sentou-se no leito, e começou a sorrir, num encantamento. Volvendo o rosto para o lado da porta, que uma claridade palescente aluminava num halo sideral de mística beleza, enlevava-se numa contemplação misteriosa. Como que embevecido num êxtase, Anchieta exclamou então:

- "Ouçam, Padres! Ouçam!"

Os Padres puseram-se a ouvir. E quase todos ouviram. Era uma música divina, transcendentalizada no espaço. Canto modulado no céu, maviosíssimo e enternecedor; coro de vozes supernalmente belas que harpas acompanhavam como que tangidas por mãos de anjo, vinha até eles, - de ouvidos atentos na surpresa de milagre, - como benção estelar, aquela harmonia poderosa e suave.

Lenta, lentamente, foram os acordes sumindo, em surdina...

E, então, Anchieta repetiu as duas estrofes do poema que escrevera, havia tantos anos.

"De novo, Senhora, recebe minha alma,
O' Ave Sagrada de eterna harmonia:"

E encostou-se a cabeça. Fechou os olhos, sorrindo, numa alegria de criança. E entregou a alma a Deus.

Os que lhe assistiram ao passamento, ainda ouviram estas últimas palavras: "Maria! Maria Santíssima!"

O Padre João Fernandes sentia um nó na garganta. Tinha uma vontade doida de chorar. Chegou-se então à janela. E notou: a terra estava imersa na escuridão. Mas, o céu estava enfeitado de estrelas, de muitas estrelas, num esplendor de constelação como nunca se vira. A terra estava de luto. Mas, havia festa no céu.

# Gente de Cachoeiro
# (e o orador que não falou)

Ormando Moraes

Sem que eu tenha pago a assinatura, recebo com total regularidade o jornalzinho "Mirante", de Cachoeiro de Itapemirim. Trata-se de um tablóide muito bem feito, especializado em assuntos sociais, com ótimas crônicas e bem conduzidas entrevistas e sem o exagero de campanhas hipócritas, o qual honra a tradição de minha querida cidade na arte de fazer jornal, tão bem representada por Rubem Braga, Newton Braga, Hélio Ramos e tantos outros.

Entre várias matérias de "Mirante", relembro uma que é exemplar e repito comovido: "A música vem do céu, cheia de lembranças. Um rostinho querido de criança, um jeito alegre de brincar e correr. Uma fração no tempo de felicidade que vira saudade. A música, linda, embala nossos corações e tenta confortar a alma. Como um coro de anjos. E então a gente entende o recado de Deus. Um anjo mora agora entre nós".

No recebimento de "Mirante" há um pequeno detalhe que me deixa muito sensibilizado: o jornalzinho vem sistematicamente endereçado ao "Professor Ormando Moraes" e esse toque de atenção e carinho só pode ser coisa de seus diretores e meus ex-alunos do "Liceu Muniz Freire", Helena Gonçalves Mignone e Angelo Maria Mignone, o Gino.

Fui amigo da família Mignone desde a cidade de Muniz Freire, especialmente de Humberto, meu colega bancário, mas, na condição de pretenso memorialista e aproveitando a deixa de "Mirante", quero fazer referência aqui a algumas particularidades de meu relacionamento com a família Gonçalves, uma das mais tradicionais de Cachoeiro e com vários membros se destacando em diferentes atividades.

O chefe do clã foi Ricardo Gonçalves, político, figura destacada da Maçonaria, empresário e comerciante, que aparece em meu livro "Por serras e vales do Espírito Santo", como proprietário de tropas no início do

século, que iam abastecer Rio Novo, Iconha, Piúma, Alfredo Chaves e até Guarapari, na rota do litoral.

A família era grande e dela quero citar em primeiro lugar as mulheres Assunção, esposa do banqueiro Gil Moreira, Eny, esposa do Dr. Eliseu Lofego, Carminha, esposa do Cel. Guilherme, Hilda, esposa do comerciante Toninho Santos e Maria Helena, esposa de Gino, que sempre se destacaram em Cachoeiro, por sua beleza, seu charme, sua simpatia e seu poder de comunicação.

Entre os homens, relembro do médico Romildo, do companheiro Enildo e sobretudo de Gil e de Francisco Gonçalves, com os quais mantive um relacionamento mais chegado.

Dr. Chiquinho, como era mais conhecido, advogado e político de muita intuição e sensibilidade, foi Deputado Federal e Chefe do Serviço Jurídico do Banco do Brasil. Dotado de invulgar memória e percepção e muito atencioso, quando se encontrava com a gente em Marataízes e via a mulher meio barrigudinha, ia logo dizendo e conquistando um voto certo: "É o terceiro, não é?" E era mesmo. Por outro lado, no período em que serviu ao Banco do Brasil, quando ia a Cachoeiro em visita à família, nunca deixava de dar uma chegadinha em nossa agência, para um dedinho de prosa e para oferecer seus préstimos.

Finalmente, de toda a família, o mais ligado a mim foi Gil Gonçalves, visto que ambos trabalhamos durante o mesmo período na agência do Banco do Brasil de Cachoeiro, ele como fiscal da Carteira Agrícola e eu como gerente. Profundo conhecedor do meio rural no sul do Estado e de seus habitantes, com os quais mantinha excelente relacionamento e era um cadastro vivo e preciso, Gil foi um assessor de muita eficiência no deferimento de crédito aos ruralistas. Com seu aval apenas de boca, qualquer empréstimo podia ser feito, porque o retorno era certo.

Gil Gonçalves teve também atuação marcante na comunidade cachoeirense, como dirigente de clubes sociais e colaborava bastante na programação do "Dia de Cachoeiro", ainda no tempo de seu criador Newton Braga. Foi presidente do Caçadores Carnavalescos Club, o famoso CCC, se não me engano por mais de um período, tendo promovido festas inesquecíveis.

Talvez ele nem se lembre, mas, em uma dessas vezes, não sei por indicação de quem, fui incluído na diretoria como orador do club, o que muito me honrou. Entretanto, não cheguei a fazer um discurso sequer, porque, logo após a posse, foi feita uma reforma dos estatutos e extinto o cargo de orador.

# A Poesia é necessária

# Vitória

Ribeiro Couto

Cidadezinha velha, cidadezinha morta.
As casas, trepadas nos morros da ilha,
Sorriem para o canal paradamente azul...

O palácio do governo é o edifício mais bonito da cidade.

Do outro lado do mar é o continente
Onde casas humildes começam também a subir pelos morros.

Cruzam o canal os botes lentos.
Um magro vapor cargueiro está ancorado no meio das águas imóveis.

No pequeno cais barcos e velas descarregam açúcar.

À noite, apenas na rua principal há movimento:
Famílias que passam para o cinematógrafo
E velhotes à porta de um bar conversando sobre política.

*in* **"Poesias Reunidas"**, *Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1960, p. 134.*

# A Embaixada que vai para o mar

Newton Braga

É a embaixada que vai para o mar
É a água que desce sem nunca parar.

As uiáras ficaram lá em cima,
à sombra das matas, com medo dos homens.
Os rios e os córregos desceram das serras,
sairam das ocas, surgiram das tocas,
abriram na terra um trilho gigante,
quebraram barrancos, roeram pedreiras,
correram, correram, sem nunca parar,
e formaram a embaixada que vai para o mar.

Cidades e vilas, fazendas e choças,
moinhos e pontes,
vieram todos se debruçar à beira da estrada,
pra ver o desfile passar.

E a água correndo, correndo, sem nunca parar...
É a embaixada que vai para o mar.

**Revisão:**
Miguel Depes Tallon
Ormando de Moraes